U.PORTO

MESTRADO

ARQUITETURA

Reabilitação de um edifício em Vila do Conde

Processo de re-habitar em vertentes multi-disciplinares

Gabriela Alves Caldelas Craveiro

M

2021

U.PORTO

Gabriela Alves Caldelas Craveiro. Reabilitação de um edifício em Vila do Conde. Processo de re-habitar em vertentes multi-disciplinares.

Reabilitação de um edifício em Vila do Conde
Processo de re-habitar em vertentes multi-disciplinares
Gabriela Alves Caldelas Craveiro

FACULDADE DE ARQUITETURA

M.FAUP **2021**

REABILITAÇÃO DE UM EDIFÍCIO EM VILA DO CONDE

Processo de re-habitar em vertentes multidisciplinares

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto sob a orientação do Professor Doutor André Miguel Guimarães dos Santos

Gabriela Alves Caldelas Craveiro
Porto, 2021

Nota prévia:

Todas as citações presentes ao longo do trabalho , originalmente, em língua estrangeira, foram livremente traduzidas pela autora a fim de assegurar uma melhor continuidade de leitura. As imagens apresentadas foram todas elas dimensionadas, cortadas e tratadas, sempre que tal se justificou para seguir a linha estética ou de *layout.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Professor Doutor André Santos pela dedicação, apoio e compromisso ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

À Câmara Municipal de Vila do Conde, pela disponibilização de arquivos importantes e pela delicadeza em esclarecer dúvidas.

À tia Manuela Caldelas, pela ajuda, atenção e disponibilidade em abrir as portas de sua casa para a realização do levantamento e entrevista.

Aos meus amigos, por estarem sempre presentes e serem um pilar importante no meu percurso académico.

À minha família e Gonçalo, que ao longo destes anos me deu apoio incondicional em todas as fases e percursos, obrigada por acreditarem em mim e no meu trabalho.

RESUMO

A presente dissertação tem como motivação a perspetiva de reabilitação de um edifício habitacional situado no centro histórico da cidade de Vila do Conde, cuja fundamentação teórica assenta no cruzamento de diferentes disciplinas que se articulam com a Arquitetura na forma de estudar a casa e o habitar.

Considera-se pertinente compreender as necessidades concretas do quotidiano, rico na pluralidade de estímulos pessoais, sociais, culturais e familiares que possui do ponto de vista físico, sensorial e sentimental. De facto, o espaço da casa importa por se afirmar como o cenário de todas estas dimensões, que não só devem estar presentes na consciência do arquiteto, como também devem ser potenciadas pelo indivíduo que apropria e adapta o espaço às suas necessidades. Assim, é delineada uma cronologia que passa pela evolução organizacional e socioantropológica da tipologia habitacional, principiando no século XVI e culminando na época contemporânea, a partir da qual são expostos exemplos da casa burguesa do Porto e o tipo de habitações que surgiram em Lisboa entre as décadas de 40 e 70.

É elaborada uma reflexão sobre a indissociabilidade da Arquitetura com as disciplinas da Filosofia, Psicologia, Sociologia e Antropologia, afim de poder integrar e compreender o papel do Homem aquando a construção de um lar, bem como a consequente apropriação que o transforma num espaço identitário. Como resultado destas considerações, o projeto de reabilitação convoca estas preocupações e fatores para o desenho da forma, organização funcional, materialidade, plasticidade da luz, sugerindo ainda uma solução de organização espacial.

Palavras-chave: Reabilitar | Modos de habitar | Antropologia | Psicologia | Sociologia

ABSTRACT

This dissertation is motivated by the perspective of rehabilitation of a residential building located in the historic center of the city of Vila do Conde, whose theoretical foundation is based on the intersection of different disciplines that are articulated with Architecture in the way of studying the house and inhabiting it.

It is considered pertinent to understand the concrete needs of everyday life, rich in the plurality of personal, social, cultural and family stimuli that it has from the physical, sensory and sentimental point of view. In fact, the space of the house is important because it asserts itself as the setting for all these dimensions, which must not only be present in the architect's conscience, but must also be enhanced by the individual who appropriates and adapts the space to his needs. Thus, a chronology is outlined that goes through the organizational and socio-anthropological evolution of the housing typology, beginning in the 16th century and culminating in the contemporary era, from which examples of the Porto bourgeois house and the types of habitation hat emerged in Lisbon between the decade of 40 and 70.

A reflection is elaborated on the inseparability of Architecture with the disciplines of Philosophy, Psychology, Sociology and Anthropology, in order to be able to integrate and understand the role of Man when building a home, as well as the consequent appropriation that transforms it into an identity space. As a result of these considerations, the rehabilitation project calls for these concerns and factors for the design of the shape, functional organization, materiality, plasticity of the light, also suggesting a solution of spatial organization.

Keywords: Reabilitation, Re-habitation, Ways of living, anthropology, psychology, sociology.

SUMÁRIO

Introdução 15

Objetivos 12

Metodologia 12

Estrutura 13

1 | Contextualização e razão do objeto

1.1 | De "*Villa de Comite*" a Vila do Conde

1.1.1 | Origens ancestrais da cidade costeira 16

1.1.2 | A passagem de D. Manuel por Vila do Conde 18

1.2 | Centro de Vila do Conde

1.2.1 | Até aos anos 90: antes dos planos urbanísticos 24

1.2.2 | Construção e melhoramento de pontos de interesse da cidade 28

1.3 | Da rua ao edifício

1.3.1 | Rua da Fraga 38

1.3.2 | Preexistência, questões temporais e levantamento de problemáticas do edifício 42

2 | Mutabilidade dos modos de habitar: entre os séculos XVII até XX e Contemporâneo

2.1 | Habitar dos séculos XVII até XX

2.1.1 | Os modos de habitar na Rua da Fraga 50

2.1.2 | O exemplo da cidade do Porto: a hierarquização dos espaços 56

2.2 | Habitar do contemporâneo: Arquitetura e o caráter multidisciplinar

2.2.1 | Evolução da dimensão antropológica do espaço da casa: o exemplo na cidade de Lisboa 64

2.2.2 | A casa e o Homem num diálogo multidisciplinar 72

3 | Projeto: Reabilitar e Reabitar

3.1 | Reabilitação: o novo projeto com melhoramento da dimensão emocional da casa

3.1.1 | Como formalizar fisicamente as vertentes multidisciplinares sensoriais inerentes à Arquitetura 85

3.1.2 | A nova qualidade e diversidade de espaços: balanço entre programa funcional e ambiente 96

3.2 | Reabitação: *gathering* e individualismo de mãos dadas

3.2.1 | O equilíbrio e dinâmica entre a dicotomia distância-aglomeração numa casa familiar 103

Considerações Finais 110

Referências e Fontes

Bibliografia e artigos 113

Índice e créditos de Imagens 116

Anexos

1 | Memória fotográfica completa do edifício no seu estado atuaL 124

2 | Entrevista à moradora da fração B - Rua da Fraga n.º 119: Maria Manuela da Nova Caldelas. 130

3 | Projeto de ampliação do edifício (1972-1974) - autor desconhecido. 136

4 | Projeto da proposta de reabilitação. 142

5 | Auto reflexões sobre *o Habitar*. 150

6 | Auto reflexões sobre a toxicidade dos ambientes interiores *versus* a libertação nos ambientes exteriores: *Mudar de ares.* 152

Introdução

O presente trabalho tem como enfoque uma reflexão sobre uma atitude projetual da reabilitação de uma casa. Possui como pano de fundo o coração do centro histórico de Vila do Conde, uma cidade que se tem vindo a afirmar enquanto centralidade urbana no norte de Portugal, em virtude de um desenvolvimento económico exponencial que perdura desde o século XVI.

O estado atual do edifício despontou a elaboração de um estudo comparativo entre diferentes espaços da habitação desde o período compreendido entre os séculos XIX e XX e a sua condição contemporânea, integrando uma reflexão sobre os modos de habitar, a relação emocional com a casa e a ideia de habitação enquanto lar e abrigo. Com base na abordagem teórica anterior, é desenhada uma análise capaz de sustentar um exercício de projeto e as problemáticas suscitadas pelo o ato de *reabitar*. Recorre-se ainda ao exemplo da casa burguesa do Porto a fim de documentar a evolução da habitação, ao mesmo tempo que se realizavam os planos urbanos e se respondia às necessidades emergentes. Complementarmente, evoca-se, o caso da habitação lisboeta do séc. XX que, evolutivamente, correspondeu a complexidades mais relacionadas com a qualidade do habitar em família, das relações humanas e a interferência do espaço nessas relações. Termos como *gathering* e *individualismo* são partes integrantes deste ensaio, procurando-se compreender as relações entre homem-espaço, homem-casa, homem-família e, finalmente, homem-eu — dialéticas multi-disciplinares que são transpostas para o projeto de reabilitação.

Perante uma estratégia de reabilitação, é necessário relembrar a seguinte premissa: "*O passado é uma prisão de que poucos sabem livrar-se airosamente e produtivamente; vale muito, mas é necessário olhá-lo não em si próprio mas em função de nós próprios.*"[1]. Assim, esta investigação pretende culminar no equilíbrio entre a casa construída para o Homem e pelo Homem, no sentido de respeitar as suas vertentes multidisciplinares inerentes ao que a própria Arquitetura emerge, para, posteriormente, encontrar uma solução desenhada que se afirme de forma consistente e coerente na reabilitação deste edifício.

[1] **TÁVORA, Fernando** - "O problema da casa Portuguesa". (p. 11).

Objetivos

Considerando o impacto que Arquitetura possui na formação da casa como lar, e a crescente visão multidisciplinar que é necessário incorporar no exercício do arquiteto, torna-se fundamental compreender o que está inerente ao processo criativo, as condicionantes do contexto e a relação do homem com o espaço. Posto isto, a abordagem teórica que sustenta o trabalho e a proposta de intervenção procura responder a certas questões como:

— De que forma o lugar e a sua história influenciam o projeto de reabilitação?

— De que forma, a partir de uma leitura sobre os modos de habitar do edifício no seu estado atual, se torna possível refletir sobre o melhoramento das condições de vida dos habitantes em todas as suas vertentes: lazer, trabalho, recreação e socialização.

— A arquitetura é uma área da relação entre Homem-espaço, que requer reflexões multidisciplinares?

— De que forma se pode formalizar fisicamente a arquitetura no ato de projetar, indo ao encontro das necessidades da casa inerentes às disciplinas como Psicologia, Antropologia, Sociologia e Filosofia?

— Como pode a arquitetura responder às especificidades culturais e pessoais intrínsecas ao indivíduo, e tornar-se numa construção não só física, mas também identitária?

Metodologia

O presente trabalho principia com uma primeira abordagem e aproximação ao local, como forma de sintetizar as influências circunstanciais da preexistência através da análise de plantas urbanas como esquemas-resumo da evolução da cidade Vilacondense no seu património e respetivos planos de desenvolvimento urbano.

O trabalho passa por uma análise de exemplos a nível da tipologia habitacional que transcendem a evolução dos modos de habitar, contextualizando também o objeto neste discurso desde os séculos passados e preexistências, para que melhor se compreenda a evolução até ao modo de habitar contemporâneo e o que se experiencia, inconscientemente, nas casas de cada indivíduo. Afim de compreender as evoluções da fisionomia do imóvel, considerou-se pertinente entrevistar a moradora mais antiga do edifício, uma vez que esta proporcionou informação suficiente e relevante para se converter em desenhos de suposição,

sobretudo no que concerne o último piso. Posteriormente, com o intuito de conduzir uma linha teórica e condutora entre a Arquitetura e o habitar (enquanto uma dimensão sensorial e cultural) que procura compreender as relações inter e intra pessoais do Homem no espaço habitado, considerou-se oportuno aprofundar as várias sinergias que se estabelecem entre a Arquitetura, Sociologia, Antropologia e Psicologia, recorrendo a gráficos para interligar conceitos e reflexões.

A esfera mais prática da investigação, associada à proposta projetual, ampara-se nos casos de estudo analisados e comparados a nível ambiental e funcional através do confronto entre esquemas multicores, plantas e imagens, para, posteriormente, municiar o discurso com as dimensões e influências mais valorizadas para a ação de reabilitação. A análise irá culminar com a transposição do sistema de cores para o próprio projeto, como forma de representação das intenções, ideias e objetivos que se consideram importantes para os modos de habitar contemporâneos, conferindo um assim uma nova dimensão ao habitar e, consequentemente, o reabitar.

Estrutura

O trabalho é definido segundo uma estrutura tripartida que possibilita uma aproximação ao projeto proposto como forma de melhor responder às problemáticas e objetivos.

A primeira parte, ***Contextualização e razão do objeto***, organiza-se de forma sequencial, onde se aborda as origens da cidade costeira, a influência de personagens importantes para a cidade e o seu património. Posteriormente, contextualiza-se o centro histórico de Vila do Conde e a cidade como uma potência da região do Norte do país através da ligação aos seus sucessivos desenvolvimentos urbanos. Seguidamente, observa-se a importância que a rua em que se insere o edifício e a preexistência do mesmo assumem um papel importante no que diz respeito às condicionantes, ao fator social e tradicional da zona em especifico do centro da cidade.

Na segunda parte, ***Mutabilidade dos modos de habitar: entre os séculos XVII até XX vs Contemporâneo***, procede-se a um estudo sobre os modos de habitar e a preexistência, que analisa a mutabilidade do edifício e da rua conforme os fatores culturais e temporais, que, por sua vez, permite a suposição dos diferentes faseamentos do imóvel. Simultaneamente, emprega-se um paralelismo com as casas burguesas do Porto e Lisboa, afim de poder chegar a um entendimento sobre a evolução na organização habitacional e

tipológica, cujo o último exemplo suscita uma reflexão multi-facetada no que diz respeito às preocupações sociais, pessoais e familiares, intrínsecas à construção da casa e sensação de lar.

A terceira e última parte, ***Projeto: Reabilitar e Re-habitar***, conduz um estudo por algumas obras que auxiliam e fundamentam a materialização do processo projetual, através da exploração de conceitos que englobam a capacidade sinestésica da Arquitetura. Por fim, apresenta-se o projeto na sua vertente funcional, antropológica e ambiental, inerente aos raciocínios e inter-relações demonstradas.

Finalmente, em ***Considerações Finais***, sintetizam-se os conceitos e convicções essenciais desta investigação. No capítulo ***Anexos*** destacam-se os momentos determinantes para o desenvolvimento do estudo: a entrevista à moradora; um projeto de ampliação parcialmente concretizado; o projeto proposto para a reabilitação e, por último, algumas introspeções sobre os temas e teorias que sustentam o trabalho.

CAPÍTULO 1

Contextualização e razão do objeto

"Ecos de cruzamentos transformam as cidades, lenta e progressivamente, ou de súbito. (…) O peso das raízes põe-se por isso de igual modo onde quer que nos seja dado trabalhar; a possibilidade contemporânea de chamamento a largas viagens estimula através dos olhos e da mente."[2]

[2] **SIZA, Álvaro -** "01 Textos". (p. 175).

1.1 | De *Villa de Comite* a Vila do Conde

> *"Vila do Conde nasceu num monte, espelhando-se no Ave, o inseparável companheiro que lhe conduziu os passos ao longo dos séculos. Como largo horizonte teve o mar, esse Atlântico sedutor que desde cedo convidou os seus habitantes a conhecerem-lhe o sabor e os mistérios."*[3]

1.1.1 | Origens ancestrais da cidade costeira

Afinal quem é o Conde? Reza assim a lenda da formação da Vila: "*... certo conde vivia em Azurara com a condessa, sua mulher, de quem não tinha filhos. Regressando de uma longa peregrinação, doente e sentindo a morte a aproximar-se fez voto de largar uma pomba branca e de, no local onde ela pousasse, fundar um convento e uma povoação a que daria o seu nome. A pomba, voando, veio pousar no alto do monte de S. João, onde o conde mandou edificar o mosteiro, e em redor dele a actual Vila do Conde.*"[4]. Sendo *Villa de Comite* a origem da palavra *Vila do Conde* presente no primeiro documento da cidade datado de 953, resposta certa e convicta, na verdade, não existe, havendo assim incertezas na origem do topónimo que nomeia a cidade costeira.

O monte descrito anteriormente está, de facto, na origem da cidade desde os tempos castrejos, havendo registos arqueológicos que comprovam a ocupação do território vilacondense a partir o séc. IV a.C.. O monte agora chamado de S. João, onde foi construído Mosteiro de Santa Clara, era um ponto estratégico e sobranceiro para a construção de um castro que, mais tarde com a romanização foi transformado num *prédio rústico* e até ao século XII se expandiu a toda a volta em forma de povoação urbana. O documento de 26 de Março de 953, trata-se de uma carta de venda, feita por Flâmula Deu Vota ao Mosteiro de Guimarães, onde são referidas várias informações que dão a conhecer como seria a cidade e arredores na Idade Média, assim como a presença de pesqueiras e salinas na foz do rio Ave, cujas atividades permitem a produção da conserva de peixe, que através da navegação, ainda incipiente, fomenta a ligação marítima com outros locais.

A bacia do Ave oferecia excelentes condições para o desenvolvimento de atividades fluviais ligadas às salinas, pesca e construção civil, apesar de no século XII haver um declí-

---

[3] **MIRANDA, Marta** - "Vila do Conde, Cidades e Vilas de Portugal". (p. 11).

[4] **FREITAS, Eugénio** - "Vila do Conde. As origens do topónimo. Tentativa de identificação". (p. 26).

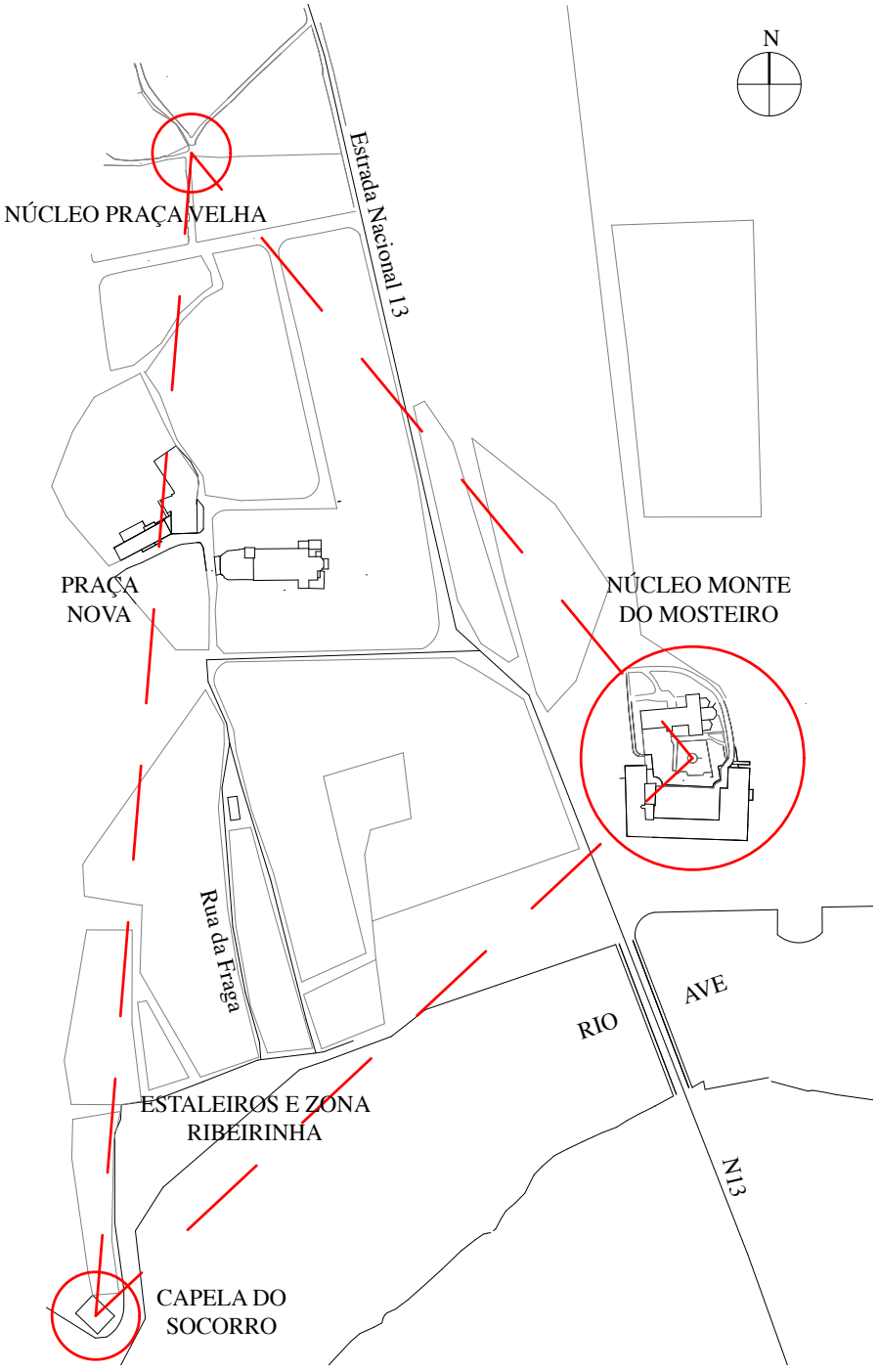


Fig.1 - Contexto urbano dos três pólos formados no século XVI à escala 1:5000 - referência da Estrada Nacional 13 e da ponte sobre o Ave com a Rua da Fraga, onde se localiza o edifício proposto para reabilitação.

nio pela concorrência noutras cidades como as salinas situadas em Aveiro, pela sua produção mais eficaz. Vila do Conde é doada em 1209 por D. Sancho I a D. Maria Pais Ribeiro (a *Ribeirinha*), e em 1318, a descendente da *Ribeirinha*, D. Teresa Martins, e S. Afonso Sanches (filho ilegítimo do rei D. Dinis), fundam o Convento de Santa Clara onde outrora fora o castro de S. João. No último quarto do séc. XIV, os herdeiros dos fundadores do mosteiro, fazem a doação da vila às freiras do Mosteiro de Santa Clara e desta forma, durante vários séculos, as freiras do convento estavam encarregues da divisão do território através concessão do mesmo e também, por outro lado, tal controle sob a cidade e a atividade das margens do rio (pretendendo cobrar impostos sobre as atividades económicas) condicionaram até ao século XVIII, a construção de qualquer ponte entre as duas margens - situação que ditou o encaminhamento do desenvolvimento de Vila do Conde e de Azurara, da margem sul.

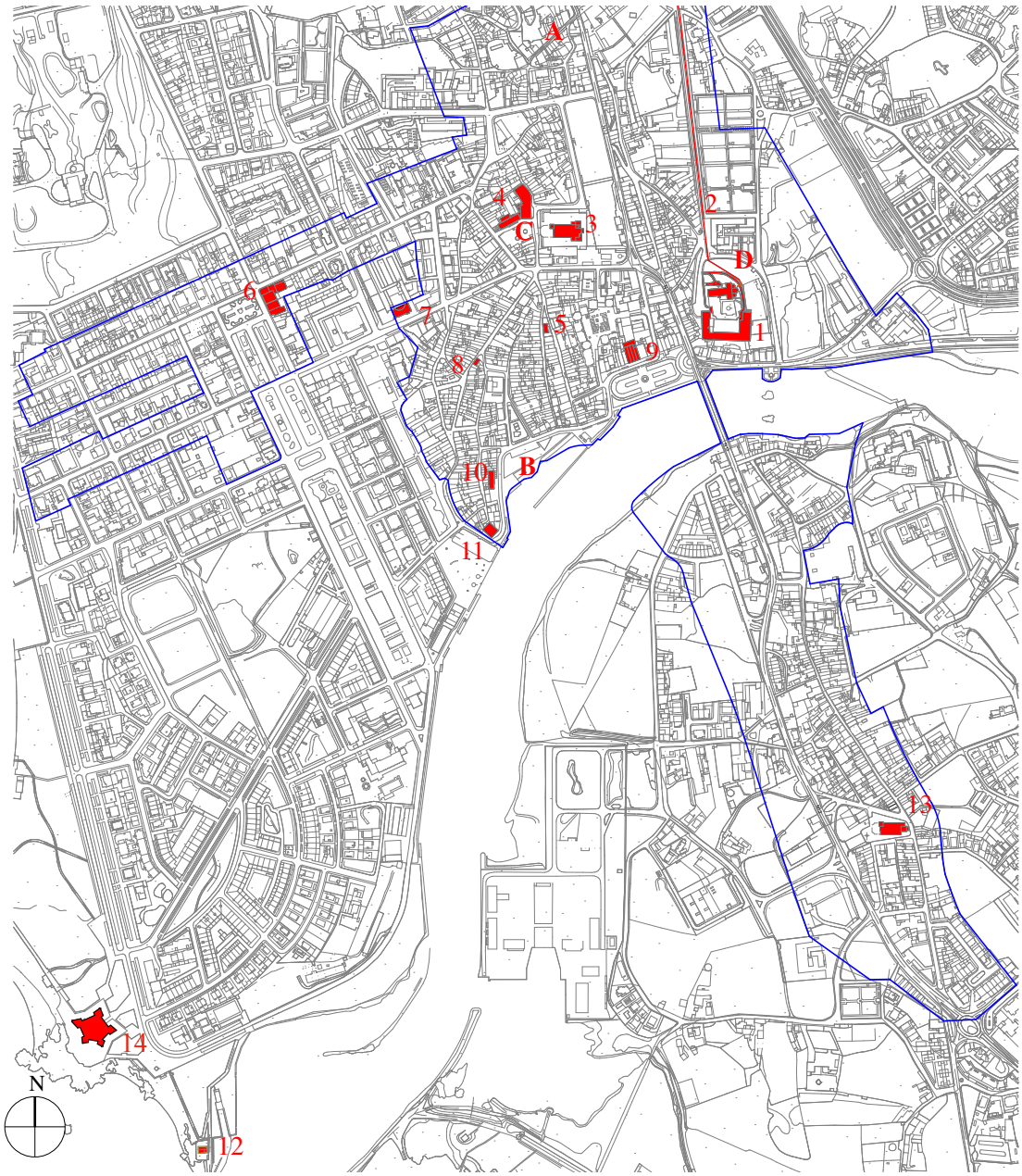
Entre os séculos XIII e XIV, com o desenvolvimento das cidades costeiras, inicia-se mais ativamente a evolução urbana do centro histórico de Vila do Conde, onde evidenciam-se hoje três pontos principais: *monte* do Mosteiro, a *Praça velha* (atual Largo Antero Quental) e a Capela do Socorro. A *Praça velha* fora o ponto de comércio mercantil mais importante da cidade a partir do século XIII, onde também eram os antigos armazéns de sal das freiras de Santa Clara e o antigo edifício dos Paços do Concelho, porque era lá que afluíam as estradas vindas do Porto, de Barcelos e da cidade vizinha, Póvoa do Varzim.

O porto de Vila do Conde sofreu a sua maior impulsão no decorrer do século XV devido à expansão marítima portuguesa, já que a descoberta de novos instrumentos de navegação e o aperfeiçoamento da construção naval eram exploradas na cidade, onde até se diz que produziam os melhores tecidos para velas do país. Os estaleiros de Vila do Conde na área *ribeirinha* desenvolvem-se de tal forma que incrementaram no início do séc. XVI uma maior preocupação aos seus acessos, assim investindo em estradas e edifícios no interior do triângulo definido como sendo os três pólos mais importantes da cidade.

1.1.2 | A passagem de D. Manuel por Vila do Conde

No século XVI a única igreja que servia a cidade medieval, já com uma "... *população na ordem dos 1350 habitantes ...*"[5], estando integradas as zonas de Vila do Conde, Azurara e Mindelo, era a igreja primitiva do alto de S. João pertencente ao Mosteiro, e que se tornara já pouco eficaz para receber o que era uma população abastada relativamen-

[5] **Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território -** "Plano estratégico de Vila do Conde: programa Polis". (p. 18).



Imóveis classificados

Limite zona antiga e Histórica de VDC e Azurara (de acordo com o arquivo da CMVC atualizado em 2018)

A - Núcleo Praça Velha; **B -** Núcleo da Ribeirinha; **C -** Núcleo Praça Nova; **D -** Núcleo do Monte do Mosteiro; **1 -** Mosteiro e Igreja de Santa Clara (1318); **2 -** Aqueduto de Águas de Vila do Conde (1714); **3 -** Igreja Matriz de Vila do Conde (1516); **4 -** Paços do Concelho (1538); **5 -** Capela de S. Roque (1580); **6 -** Antigo Casino de Vila do Conde (1907); **7 -** Cine-Teatro Neiva (1947) - agora recuperado para Teatro Municipal; **8 -** Capela de S. Bento (1621); **9 -** Casas do submosteiro/Solar dos Vasconcelos (1689) - atual Auditório Municipal; **10 -** Alfândega Régua (1487); **11 -** Capela do Socorro (1603); **12 -** Capela Nossa Senhora da Guia (desde cerca 1059 como Ermida de São Julião Mártir); **13 -** Igreja Matriz de Azurara (1522); **14 -** Forte S. João Baptista (1570).

Fig. 2 - Planta com património da cidade de Vila do Conde e respetivas datas de construção à escala 1:12 000.

te à lotação possível da igreja. Por este motivo, em 1500 decide-se construir a Igreja Matriz e em 1502, D. Manuel de passagem na cidade a caminho de Santiago de Compostela, foi convidado a contribuir para a construção da igreja e o próprio sugere dimensões e características para o imóvel. Construção esta que apesar de não ter respeitado integralmente os desejos do rei com a construção das capelas na abside, seguiu em construção sendo paga pelos impostos cobrados à população e hoje, preservada e também alvo de restauros, nota-se claramente uma inspiração manuelina pelo seu portal trabalhado em pedra esculpida com *elementos naturalistas*[6], os seus arcos conopiais e as naves ritmadas por arcos de volta perfeita.

A passagem de D. Manuel pela cidade de Vila do Conde tornara-se importante, não só pelo património e zelo que ali deixou mas também porque em "*... 1516 D. Manuel concede novo foral a Vila do Conde, que vem actualizar o anterior concedido por D. Dinis em 1296, e em 1527 as Inquirições, ordenadas por D. João III, constatam a existência de 903 fogos em Vila do Conde, 351 em Azurara e 107 na Póvoa do Varzim.*"[7], comprovando assim, que este rei foi sem dúvida um impulsionador para a expansão urbana da cidade na fase medieval ao consagrar a autonomia da mesma como comunidade urbana, que fora retirada às freiras do Mosteiro[8] e o imóvel transformado em reformatório para rapazes.

No decorrer desta construção, mais tarde em 1537 junto à Igreja Matriz, construiu-se um novo edifício dos Paços do Concelho que tomou o lugar circunscrito à nova igreja e assim se formou outro pólo muito importante na cidade: a *Praça Nova*. Este novo edifício quinhentista ainda hoje preservado e onde se encontra o impetuoso salão nobre, tomou, não só pela sua funcionalidade e serviço prestado à cidade, o ponto do antigo triângulo da Praça Velha (Largo Antero de Quental) como uma situação mais periférica. Consequentemente, e para facilitar os acessos à nova atração, a construção da rua do Lidador e a retificação do desenho da Rua de S. Bento sobre a malha medieval, foram cruciais para estabelecer ligação entre este novo núcleo e a zona ribeirinha. Foi também na *Praça Nova* que foi construído o pelourinho para consagrar a independência da cidade concedida anteriormente por D. Manuel, objeto ainda hoje preservado e que marca este núcleo público tão central da cidade.

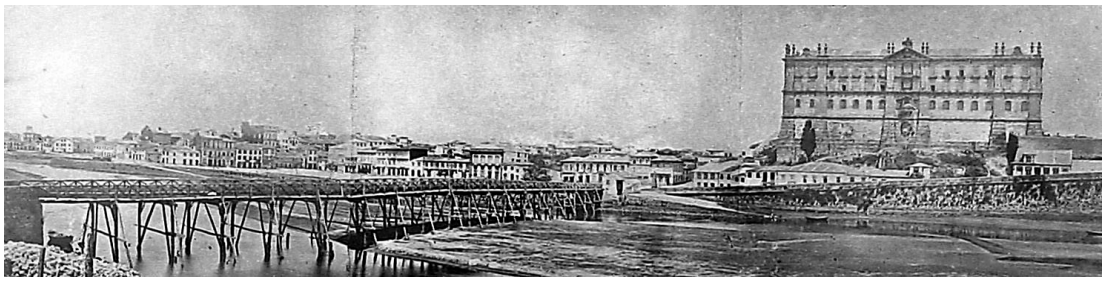
---

6 *Elementos naturalistas* - peças escultóricas utilizadas no Manuelino como forma de ornamento; elementos como corais, algas, pinhas, folhas de loureiro e hera e também animais.

7 **Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território** - "Plano estratégico de Vila do Conde: programa Polis". (p. 18).

8 Foral atribuído por D. Manuel I a Vila do Conde em 10 de Setembro de 1516: com este instrumento procurava-se atualizar as regras de vivência municipal, especificando exaustivamente as mercês, privilégios, liberdades, usos, foros e costumes, reconhecendo, por um lado, uma prática existente e, funcionando, por outro, como um norma. Do seu conteúdo consta quer a forma como se arrecadavam as rendas e os direitos reais, quer os direitos atribuídos e exercidos pelo Mosteiro de Santa Clara, assim como o exercício da jurisdição sobre o Rio Ave, entre outros.

Apesar de entre os séculos XV e XVI, ter acontecido um grande desenvolvimento urbano decorrente da expansão marítima em Portugal - em que Vila do Conde teve um papel importantíssimo -, a cidade até então considerada um aglomerado urbano significativo, entra em estagnação no século XVII. Contudo, a sua paralisação era apenas a nível urbano, ou seja, não haviam aberto mais ruas e vias que poderiam ajudar a contribuir para o desenvolvimento e expansão da cidade. A zona ribeirinha continuara a evoluir a bom porto, mantendo assim a sua importância vitalidade nacional, e entre os séculos XVI e XVII verifica-se um acréscimo e manutenção acentuados no Património da cidade de edifícios notáveis de serviço cívico e religioso como a Casa e Igreja da Misericórdia, o Convento de S. Francisco, a Capela do Socorro e a Capela de S. Roque.



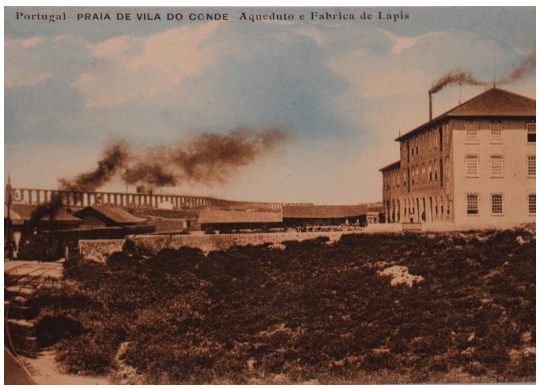




Fig. 3 (cima) - Iconografia panorâmica anterior a 1885 onde se vê nova ponte que liga a margem de Vila do Conde a Azurara, e o monte S. João e mosteiro de Santa Clara e sua imponência.
Fig. 4 (baixo, esquerda) - A antiga fábrica de lápis Portugália junto à linha de caminhos de ferro e o aqueduto.
Fig. 5 (baixo, direita) - Troço da Avenida dos banhos que se chama hoje Doutor Artur Cunha Araújo e Bento de Freitas (que liga o hospital ao mar), onde era o antigo Teatro Afonso Sanches inaugurado em 1898.

1.2 | Centro de Vila do Conde

1.2.1 | Até chegar aos anos 90: antes dos planos urbanísticos

No século XVIII chega à cidade uma intervenção, que no ponto de vista urbanístico era essencial para preservar as ruas e praças, que se trata da construção do cais por "... *enrocamento com estacaria e pedra solta por base* ..."[9] de maneira a assim controlar as enchentes do rio que se faziam sentir nas rua e travessa do Lidador, a travessa e calçada de S. Francisco na altura.

A estrada Porto-Viana, construída a cerca de 1865 vem alterar profundamente a estrutura urbana consolidada até ao século XVIII, na medida em que é criada como um acesso direto à Póvoa do Varzim: através de uma reta que vai desde o largo de S. Sebastião até aos Paços do Concelho da cidade Vizinha. A Estrada Nacional número 13 (EN13) que ainda hoje liga o eixo Porto-Viana veio também a construir uma barreira física entre a zona da Praça velha e do alto do Mosteiro, com a zona da ribeirinha e da Praça Nova onde também é construída uma nova ponte aberta em 1865 para substituir a de madeira provisória pedonal de 1821, mesmo que esta ainda funcionasse durante setenta e dois anos.

Outro investimento em acessos para a cidade, em prol da sua expansão, foi a construção da linha de caminhos de ferro, onde foi construída também uma ponte que atravessa Vila do Conde a nascente do monte do mosteiro após oito anos, em 1873. A estação de caminho de ferro da cidade vai situar-se nas imediações do Mosteiro, próximo da margem do rio e na sua envolvente mais direta são instaladas várias fábricas. Tal industrialização servia não só a produção de conservas que fora necessária na segunda guerra, como também foi um processo de desenvolvimento que se enraizou na cidade - as famílias que ali trabalhavam tinham acesso a serviços como a criação de escolas, a estação e a construção de novos bairros na zona - mas que depois se tornou numa situação precária pela zona em questão. Eis as condicionantes levantadas pela zona da estação de Vila do Conde: a zona estava rodeada pelo núcleo antigo e terrenos pertencentes ao mosteiro, a sul pelo rio ave e a norte/nascente por terrenos agrícolas de alta produtividade, deste modo encaminhando as construções industriais ao longo do eixo da EN13 com propósitos têxteis e de conservas; como referido anteriormente, a segunda guerra proporcionou um aumento na produção de conservas e assim também o número de fabricas para o efeito, implantadas no eixo da nacional e a área tornara-se tão lotada que se deslocaram para a zona de Caxinas e Poça da

[9] **FREITAS, Eugénio** - "Uma obra de Nasoni Desconhecida? A capela de S. Bartolomeu e a Igreja de Nossa Senhora da Lapa". (p. 36).







Fig. 6 (cima, direita) - Antigo jardim Júlio da Graça: os espaços pedonais para qualificar os espaços de estar e passeio da cidade.
Fig. 7 (baixo, esquerda) - Antigo casino de Vila do Conde, 1922 - hoje mantido mas transformado no Centro de Juventude de Vila do Conde.
Fig. 8 (baixo, direita) - Cheias na Praça da República, 1950.

Barca sobre arruamentos existentes de áreas não consolidadas, até então atribuídas ao Plano de Expansão Balnear do século XIX; a elevada capacidade de produção agrícola que se fazia notar na cidade, aliado ao espírito tradicionalista dos agricultores, incitou a que a malha urbana se desenvolvesse de forma descontínua, intercalando a co-habitação de fábricas, com campos agrícolas e unidades habitacionais.

Em simultâneo é desenvolvida uma nova malha na cidade costeira que passará a chamar-se de Zona de Expansão Balnear do século XIX. Este plano de expansão, não só permitiu a valorização da zona costeira junto ao Ave e ao mar, como, através da criação de avenidas e ruas, fez corromper um pouco do que seria a escala da malha medieval: "*A expansão balnear foi implementada no sentido nascente/poente orientada ao mar, as ruas são atravessadas ortogonalmente por uma avenida de grandes dimensões com um comprimento de 800 m e 80 m de largo, orientada pelo rio ave.*"[10], avenidas estas desde o Largo dos Artistas e do Largo do Hospital, configurando a antiga Avenida dos banhos, a que é hoje a Avenida Doutor Artur Cunha Araújo e Bento Freitas. No largo dos artistas, em 1870, conhece-se apenas a existência da escola primária, que fora transformada no que é hoje a Junta de Freguesia de Vila do Conde, onde, de acordo com a memória do capitão João dos Reis, em 1867 só "*... existia uma correnteza de casas pequenas de um só andar quase de fronte à escola do rijão*."[11]

Entretanto, perpendicular a estes dois arruamentos nascia o maior espaço verde da cidade, que ainda hoje mantém-se e tem o nome de Avenida Júlio da Graça. Esta avenida intercalava os espaços verdes, e arborização com passeios pedonais e chegou a ter um pequeno lago ao centro com uma ponte e, com o propósito de acolher os banhistas que começam a chegar, por volta de 1893, são construídos dois hotéis na cidade: o da Avenida e o Central. Juntamente com a ocupação da praia e com as estadias nos hotéis, os convidados da cidade ansiavam por entretenimento e assim, em 1888, começou-se a pensar na edificação de um casino, que se erguera em 1907. No entanto, o casino da cidade vizinha, na Póvoa do Varzim chega em 1934 e apesar de o de Vila do Conde não fechar as suas portas prontamente, houve, progressivamente, uma maior procura das novas instalações de entretenimento chamado de monumental.

Até aos anos 90 do século passado, foi-se desenvolvendo a nova malha a nível do aumento e reestruturação de ruas e edificado. É o exemplo da criação da praça da república -

---

[10] **Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território** - "Plano estratégico de Vila do Conde: programa Polis". (p. 19).

[11] **REIS, João** - "Curiosidades da antiga Vila do Conde por um seu filho, o comandante João dos Reis". (p. 11).

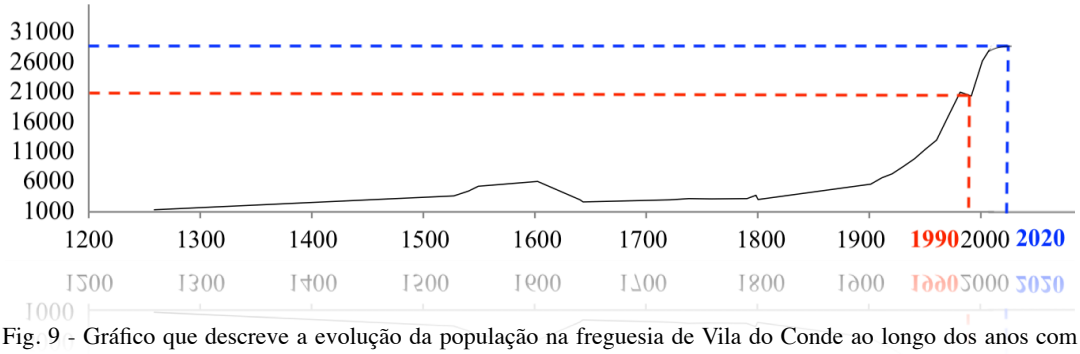


Fig. 9 - Gráfico que descreve a evolução da população na freguesia de Vila do Conde ao longo dos anos com especial foco na entrada de 1990.

depois de estabilizada as enchentes sazonais do Rio Ave após a construção de barragens (1965) integradas no processo de aproveitamento hidráulico do Ave entre 1902 e 1973 -, onde se faziam as feiras de venda de frescos e animais na zona da ribeirinha, já que Vila do Conde era líder em produção agrícola. Mais melhoramentos urbanísticos e obras de reabilitação do património foram feitos não só por consequência do disparo do aumento demográfico, mas também a cidade tomara uma disposição transitória no que diz respeito ao desaparecimento de casas agrícolas dentro da área urbana, transferindo-se para as freguesias mais interiores como Touguinhó, Retorta e Tougues (por exemplo).

1.2.2 | Construção e melhoramento de pontos de interesse da cidade

Cidade do distrito do Porto, é sede de concelho composto por vinte e uma freguesias e sete Uniões de Freguesias e constitui dezoito quilómetros de praias na zona costeira que contrasta com as zonas mais interiores onde se respeita a tradição agrícola. Entrados nos anos 90, chegam planos urbanísticos a nível nacional e regional que irão qualificar a cidade, dos quais faz parte o segundo P*lano de Desenvolvimento Regional* (1993)[12], que trouxe a esta área um avanço conceptual muito significativo, dando origem a uma intervenção dedicada ao *Ambiente e Revitalização Urbana* até ao *Plano Nacional de Desenvolvimento Económico e Social* (PNDES)[13]. Este plano a nível nacional, ajudou muitas cidades a serem valorizadas como parte do processo do desenvolvimento de Portugal no sentido de promover economias de aglomeração e tinha como objetivos: " *(...) criação de novas centralizados urbanas no interior das áreas metropolitanas; reconstrução e qualificação urbanas, bem como qualificação ambiental dos espaços urbanos e valorização de factores geradores de novas identidades; reforço e consolidação de um sistema urbano equilibrado em termos nacionais, baseado na rede das cidades de média dimensão, que assegure qualidade de vida e condições ambientais."*[14]. Em 1986 é criado o *Gabinete de Planeamento e Gestão Urbanística da Câmara Municipal de Vila do Conde* com a direção do Arquiteto Nuno Portas e coordenação do Arquiteto Maia Gomes, transitando este último para coordenador do

---

[12] *Plano de Desenvolvimento Regional* - O dia 1 de Janeiro de 1986, data da adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia, constituiu um marco importante na História de Portugal. Entre outras consequências o país, enquanto Estado Membro, começou, a partir desta data, a beneficiar dos auxílios financeiros disponibilizados pelos Fundos Estruturais Europeus - Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional foi um deles.

[13] *Plano Nacional de Desenvolvimento Económico e Social* - Este plano foi desencadeado em Portugal em 1998 que serviu de base à apresentação por Portugal do seu Plano de Desenvolvimento Regional (PDR). O PDR considerou a integração dos aspetos ambientais nas políticas sectoriais, enquadrando os investimentos relevantes para a minimização do impacto ambiental resultante das atividades dos diferentes setores.

[14] **Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território** - "Plano estratégico de Vila do Conde: programa Polis". (p. 20).





Fig. 11 (esquerda) - Os estaleiros em 1937, antes do *Projeto Piloto Urbano*.
Fig. 12 (direita) - Os estaleiros depois do *Projeto Piloto Urbano* - com a réplica da Nau Quinhentista, sendo um ponto turístico muito importante da cidade.





Fig. 13 (esquerda) - Praça das descobertas em 1977 antes do *Projeto Piloto Urbano* e *Programa de Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas*, onde também havia a seca do bacalhau.
Fig. 14 (direita) - Praça D. João II/ das descobertas depois do *Projeto Piloto Urbano* e *Programa de Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas*, que se trata de um espaço de lazer e de miradouro para a frente com o rio.

Projecto Municipal do Núcleo Antigo de Vila do Conde e Azurara em 1989, em que as áreas consideradas de intervenção prioritária são a chave para a grande diversificação de planos urbanos, relacionado com a articulação do núcleo antigo com a zona ribeirinha da foz do Rio Ave, visto tratar-se de inúmeras áreas com necessidade de tratamento urbanístico, paisagístico e de preservação de património e ambiental.

No entanto, no decorrer desta programação de requalificação, será essencial analisar os problemas presentes na cidade costeira que adveio do seu desenvolvimento orgânico ao longo dos anos até chegar aos anos 90 e entrada no novo milénio: centro histórico apresentava abandonos de funções residênciais derivadas de processos de *terciarização*, deixando terrenos desertos ou em degradação; o património sofrera uma degradação acelerada no que toca à sua área mais abrangente derivado da falta de programas de reabilitação; a expansão para o interior de forma desordeira, provocara um caos no que toca à falta de infra-estruturas para apoiar a qualidade de vida inerente à forma de urbanização mais periférica; o envelhecimento e sobrelotação dos centros do Porto e Lisboa deslocou pessoas para outros centros e periferias; o aumento dos movimentos pendulares tornaram, em parte, o congestionamento do trânsito um problema recorrente e grave; e ainda a deterioração da paisagem por falta de espaços verdes e públicos em geral, que são uma consequência da urbanização em massa.

Importante será referir que a 26 de julho de 2018 houve uma proposta para a redelimitação da *Área de Reabilitação Urbana* (ARU) de Vila do Conde e Azurara onde está integrado o *Centro Antigo de Vila do Conde e Azurara* e que marcam as áreas que correspondem ao centro histórico protegido mais abrangente. Anteriormente, nesta área, estavam as zonas medievais da cidade como o mosteiro de Santa Clara e a praça Velha, a praça nova acompanhada da igreja matriz e do edifício dos Paços do Concelho, a zona mais a sul de acesso à ponte em Azurara e ainda as antigas avenidas como sendo as primeiras aberturas até à praia assim como início o jardim Júlio da Graça. A nova proposta em 2018 integra, fundamentalmente, a zona da ribeirinha norte do rio da Seca de Bacalhau e a avenida Júlio da Graça por completo.

Entre 1995 e 1999, chega à cidade o *Projecto Piloto Urbano* (PPU)[15]. Os PPU's são concebidos como elementos de uma estratégia global de desenvolvimento de área urbana, cujos objetivos são a correção de efeitos de um crescimento desequilibrado, a regeneração de zonas urbanas mediante a introdução de novas actividades ligadas à sua reabilitação e à pro-

[15] Artigo 10º do Regulamento (CEE) no 4254/88, modificado pelo regulamento no 2083/93 de 20.07.1993, relativo ao FEDER. Em 20.06.1995 é lançada a segunda série de acções, a realizar no período de 1995-1999, publicada no Jornal Oficial das Comunidades Europeias no C319 de 30.11.1995.

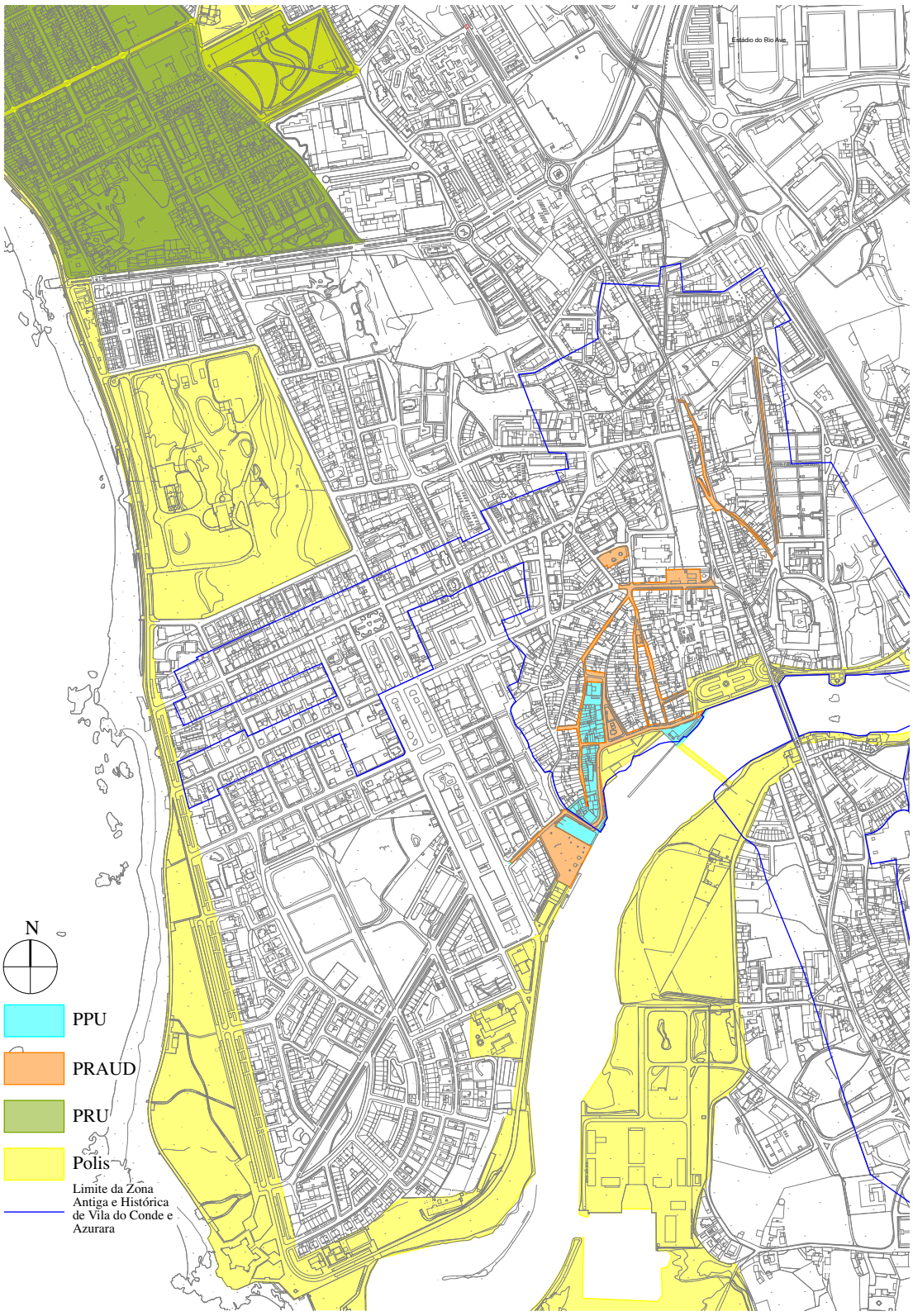


Fig. 10 - Composição dos vários planos urbanos à escala 1:12 000. PPU - *Projeto Piloto Urbano*; PRAUD - *Programa de Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas*; PRU - *Programa Reabilitação Urbana*.

teção do seu ambiente, resultando em estratégias para uma coesão económica e social sustentável. Em Vila do Conde, os principais pontos da cidade em precariedade vão ao encontro destes objetivos e constituiu a zona da frente ribeirinha e a parte abandonada dos estaleiros de construção naval, qualificando a zona de Expansão Balnear do século XIX onde se encontram alguns edifícios do património reabilitado e as frentes de rio e mar, indo assim ao encontro da preocupação ambiental ao proporcionar equipamentos de uso turístico, desportivo e lazer. Como resultado tem-se uma frente de rio renovada e serve como uma das maiores atrações turísticas, com a antiga Alfândega Régia convertida no Museu de Construção Naval, réplica da Nau Quinhentista construída no Estaleiro Samuel & Filho, e ainda a Casa do Barco como um equipamento de homenagem aos pescadores locais.

Mais tarde, com o *Programa de Recuperação de Áreas Urbanas Degradadas* (PRAUD)[16] que se destinava a apoiar as câmaras municipais em operações de reabilitação e renovação de áreas urbanas degradadas e a ações de preparação ou acompanhamento de operações de reabilitação ou renovação, uma boa porção do centro histórico e da zona Antiga de Vila do Conde e Azurara foi recuperada. Nestes arruamentos selecionados, esteve em causa a sua localização e estado de degradação mas também a sua simbologia para o património, de modo a conferir, assim, mais coerência às intervenções em espaço público. Na lista destes espaços públicos estão presentes inúmeras ruas e espaços icónicos da cidade como o Largo dos Artistas e de S. Roque, Praça D. João II e Vasco da Gama, Rua do Lidador e da Fraga, Rua da Praça da República e requalificação da Zona envolvente ao Aqueduto de Santa Clara.

Outro programa que chegou à cidade foi o de *Reabilitação Urbana* (PRU)[17] (promovido pelo *Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu*, que Vila do Conde foi um dos 11 projectos apoiados em Portugal), e tem como objetivo apoiar a revitalização e a requalificação de áreas urbanas com sinais de depressão e degradação, problemas de declínio económico e urbano, desemprego e deterioração da qualidade de vida. O objetivo da intervenção é o de qualificar o tecido sócio−urbano de Caxinas, de modo a favorecer a sua inserção na cidade e envolvência, consolidando o contínuo urbano entre os concelhos da Póvoa de Varzim e Vila do Conde e por isso o projeto assentou em parcerias que priveligia-

---

[16] *Programa de Recuperação de Áreas Urbanas degradadas* - Criado pelo Ministério do Planeamento e da Administração do Território pelo Despacho 1/88 de 6 de Janeiro, modificado pelo Despacho 23/90 de 6 de Novembro e Despacho 42/2003 de 6 de Dezembro.

[17] *Programa de Reabilitação Urbana* - Programa apoiado pela União Europeia, lançado em 1997 assente na disponibilidade financeira do III Quadro de Apoio Comunitário. Hoje o PRU é apenas denominado por PRAUD, regulado pelos Despachos no1/88, de 5 de Janeiro e no23/90, de 21 de Novembro (Administração Local e do Ordenamento do Território).





Fig. 15 (esquerda) - Parque Urbano João Paulo II na zona de Caxinas, pelo Arquiteto Álvaro Siza em colaboração com o Arquiteto Paisagista João Gomes da Silva, integrante nos programas *Programa Reabilitação Urbana* e Polis.
Fig. 16 (direita) - Centro de Atividades em Caxinas pelo Arquiteto Álvaro Siza, integrante nos programas PRU e Polis.

ram as áreas da educação, social, animação lúdico-pedagógica e geração de emprego. Como resultado, este programa reabilitou uma antiga fábrica para um pavilhão desportivo e de lazer, renovou passeios, estacionamentos e infraestrutura de iluminação e higiene pública e foi ainda responsável pela primeira fase do projeto do Parque Urbano e centro de atividades, mais tarde concluído pelo *Programa Polis*[18] .

No final do ano 2000, surge o *Programa Polis* como uma etapa mais enquadrada com a modernização e qualificação urbana que a Autarquia Vilacondense vem introduzindo nos últimos anos e tem como principais objetivos: desenvolver operações urbanas enquadradas na requalificação aliadas à componente ambiental; revitalizar os centros históricos, através da multifuncionalidade; apoiar iniciativas que valorizem as frentes de rio ou costa em prol da valorização ambiental; e ainda, como resolução de problemas acima referidos, limitar a circulação de veículos no centro urbano e aumentar o circuito pedonal acompanhado de zonas verdes.

A intervenção do *Programa Polis* tem início com os projetos e sensibilizações ambientais no ano de 2001 e estende-se até ao final de 2004. Inicialmente distinguem-se as grandes necessidades de intervenção no que diz respeito ao encontro da resolução das problemáticas inerentes à cidade costeira, de tal maneira que os grandes eixos de intervenção foram: a requalificação da Marginal do Mar, a construção do parque Atlântico e do parque Urbano de Caxinas e a renovação das duas margens da zona Ribeirinha.

A requalificação da Marginal do Mar, pela sua extensão, teve como foco a integração desta zona no património cultural edificado desta área e também curar a imagem danificada da zona de pescadores das Caxinas de forma a limpar o território de lixeira e resíduos do espaço existente. Teve como objetivos potenciar o turismo, a convivência do bairro dos pescadores com novos moradores, conciliar com as funções de circulação automóvel e pedonal com mobiliário urbano que permita fazer uma gestão equilibrada desta membrana física entre o construído e o natural. A obra correspondente passou pela repavimentação generalizada de toda esta área, incluindo a renovação de algumas redes enterradas e a introdução de vegetação.

O Parque Atlântico e envolvente à Capela Nossa Senhora da Guia teve em consideração o melhoramento urbanístico mas também paisagístico. Era uma zona vasta e livre, onde impulsionaram o desporto informal das atividades ao ar livre através das respetivas instalações de apoio e assim criaram uma nova imagem da Frente Atlântica.

---

[18] *Programa Polis* - Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades aprovado por resolução do Conselho de Ministros no 26/2000, de 15 de Maio.

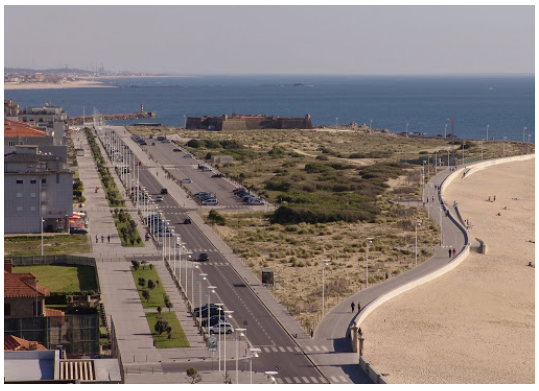




Fig. 17 (esquerda) - Parque Atlântico: zona frente mar desde o forte S. João Baptista depois da intervenção do programa Polis.
Fig. 18 (direita) - Forte S. João Baptista: conservação e requalificação da zona circundante com preocupações paisagísticas e ambientais após Programa Polis.

O Parque Urbano das Caxinas e a sua ligação à frente Atlântica, pela proximidade com a zona escolar, requeria uma zona de proteção com cunho educativo e ambiental no que diz respeito a uma zona altamente povoada, onde as pessoas poderiam desfrutar de espaços verdes para lazer, desporto e reunião. Neste lote e proximidades, como se tratava de um centro que surgiu na cidade pela oferta de emprego da pesca, foi o objetivo deste parque ser construído em lotes desocupados de forma a valorizar este tecido urbano e assim, descomprimi-lo num todo. O projeto realizado pelo Arquiteto Álvaro Siza Vieira integra equipamentos como um lago de dimensões significativas, com percursos e zonas de estar altamente qualificadas que complementará assim, o laser proporcionado pela Faixa Atlântica, estando estes ligados pela requalificação da rua António Pereira Cadeco.

Já a renovação da Zona da Ribeirinha, da qual fazem parte as duas margens do rio apresentou uma preocupação profundamente ambiental, por se tratar de um ecossistema particularmente sensível e no fundo também passa por uma intervenção na paisagem e na valorização do desenho da margem junto ao Ave. Passou pela requalificação do Parque Ribeirinho de Azurara que integrara equipamentos de lazer como o centro hípico proporcionando extensas áreas verdes, o Sapal da Foz do rio e percurso de ligação entre o Parque Ribeirinho e o Sapal através dos estaleiros navais existentes, no qual também prevalecera o percurso pedonal.

Também estiveram integrados planos de pormenor para o Pinhal de Menéres e da zona da Seca do Bacalhau mas em geral, o Plano Polis trouxe com ele outros investimentos que privilegiaram, como referido, a consciencialização ambiental, mas também uma regeneração e recomposição do edificado de algumas áreas cujas construções estavam bastante degradadas ou não respeitavam alinhamentos importantes do tecido urbano e ainda, não menos importante, impulsionou a emergência de iniciativas comerciais e de serviços, assim como a construção de novos equipamentos, gerando assim, oferta de emprego no domínio do ambiente.

A cidade costeira e o turismo selaram um compromisso promissor desde que cuidou dos seus tesouros do património e tratou, paisagisticamente, da zona da marginal do mar e do rio pelos seus longos passadiços em prol de uma cidade ligada ao estado natural e preservação da natureza e bem-estar para os seus habitantes e visitantes. Neste momento a cidade de Vila do Conde é bastante desenvolvida economicamente, tanto que o mercado imobiliário está em alta e trouxe uma maior procura pelo desenvolvimento da cidade vizinha, Póvoa do Varzim, como uma contaminação deste crescimento.

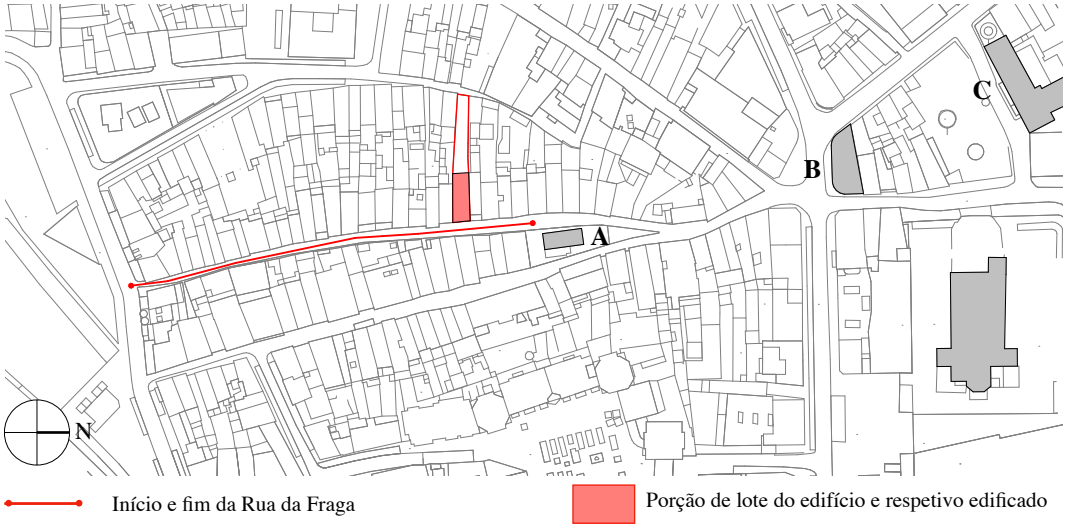


Fig. 19 - Contexto urbano da Rua da Fraga, a frente de rua do edifício e respetiva localização do mesmo à escala 1:3000. Legenda: A - Capela S. Roque; B - Largo dos Artistas e Junta de Freguesia de Vila do Conde; C - Igreja Matriz e Paços do Concelho.





Fig. 20 (esquerda) - Vista do largo de S. Roque para a capela de S. Roque, rua do Lidador (à esquerda) e rua da Fraga (à direita).
Fig. 21 (direita) - Vista da Rua da Fraga (edifício é o terceiro à direita).

1.3 | Da rua ao edifício

"... de cada casa e de cada cidade uma porção de lugares, pois uma casa é uma cidade em miniatura e uma cidade é uma casa enorme ..." - Aldo Van Eyck

1.3.1 | Rua da Fraga como frente da casa

Se no decorrer do século XVI, na aproximação à construção dos Paços do Concelho junto à igreja Matriz em 1537, foram construídas a rua do lidador e a capela de S. Roque (que foi erguida mais tarde em Maio de 1580 no largo de S. Roque quando Vila do Conde atravessou uma epidemia de peste que vitimou 700 habitantes, edificando a capela por veneração a S. Roque[19]), pode-se talvez supor que a rua da Fraga, onde se situa o edifício proposto para a reabilitação, já pudesse existir nessa altura como traseiras das casas da rua do Lidador. Estas ruas pretendiam trazer uma ligação mais direta com a zona ribeirinha desde o largo dos Artistas que dava acesso ao pólo da Igreja Matriz, para o fluxo funcionar melhor em rumo à zona das Salina e mercado de peixe e frescos na atual Praça da República. A capela de S. Roque faz parte do património da cidade, cuja recebeu um altar riquíssimo da paróquia da Igreja Matriz e é onde são realizadas pequenas cerimónias fúnebres. Nas proximidades, no largo dos Artistas está a Junta de Freguesia de Vila do Conde que integra o antigo edifício da escola primária construída em 1870, assim como quase todas as fachadas do desenho da rua se mantiveram desde então, e é neste largo que se cruzam duas avenidas bastante movimentadas pelo seu comércio de rua e história, a rua 25 de Abril e avenida Dr. João Canavarro.

Pela sua centralidade, tem rápidos acessos a serviços e até à Estrada Nacional número 13, integrando-se na zona protegida da área antiga de reabilitação urbana de Vila do Conde e Azurara e tratando-se de uma rua possivelmente medieval, a rua da Fraga tem sido alvo de reabilitações, tanto a nível de edifícios que foram sendo renovados, como na própria calçada. Lembranças dos moradores dizem que anteriormente às lajetas de betão hoje existentes, havia pedra irregular tipo paralelo. A altura média do edificado não parece ter variado muito porque a maior parte dos edifícios contêm 2 a 3 pisos e a sua salubridade, principalmente da parte da manhã, é bastante substancial, visto que o início da rua se orienta a Norte.

---

[19] **MIRANDA, Marta -** "Vila do Conde, Cidades e Vilas de Portugal". (p. 38).

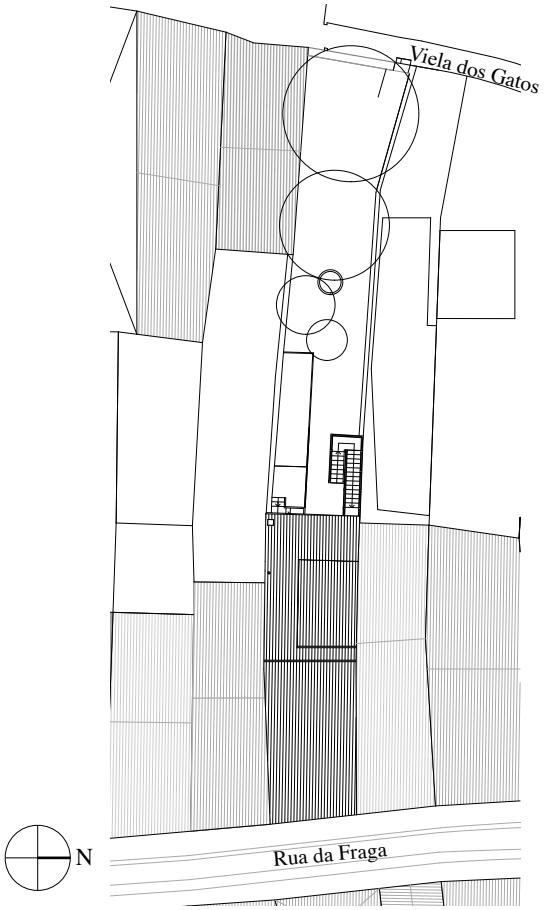


Fig. 22 - Planta de coberturas à escala 1:500 - contexto do edifício no lote com os edificado vizinho e ruas.







Fig. 23 (esquerda, 1ª) - Alçado frontal à escala 1:200 alinhado com o tardoz pela cota zero metros.
Fig. 24 (esquerda, 2ª) - Alçado tardoz à escala 1:200 alinhado com o frontal pela cota zero metros.
Fig. 25 (esquerda, 3ª) - Vista do logradouro para o alçado tardoz do edifício, onde se vê a escada, o 2º andar recuado e o acesso à fração do rés-do-chão e galeria interior (piso 0).
Fig. 26 (direita) - Vista da Rua da Fraga, para o alçado frontal.

A parcela de lote referente ao edifício tem como frente a rua da Fraga e traseiras a Viela dos Gatos, a qual é apenas pedonal por ter uma largura de cerca 1,7 metros. O edifício no seu estado atual reflete algumas controvérsias no que diz respeito às diferentes fases e melhorias que passou ao longo do tempo. A fachada frontal virada a Este é respeitada desde o tempo primordial da sua construção, cuja data é desconhecida, apenas havendo um registo de venda (documento matricial n.º 568 da *Câmara Municipal de Vila do Conde* (CMVC) datado em 1937). Trata-se de um edifício de três pisos com logradouro, sendo o último incompleto a nível do aproveitamento em planta (chamado de recuado), e portanto no seu alçado frontal denota-se os dois pisos, e no tardoz, onde a exposição solar é muito favorável pelo seu logradouro, os três. A porção de lote tem a largura entre os 5,5 e os 6,7 metros, sendo a largura do edificado entre os 5,3 e os 5,8 metros e cerca 19 metros de comprimento, enquanto que o logradouro varia em sua largura os 5,8 e os 6,7 metros e comprimento bastante favorável de cerca 30 metros.

Como podemos ver pelos alçados, a cota da rua da Fraga tem uma diferença significativa para a cota do logradouro e Viela dos gatos. No logradouro também é feita uma sub-divisão para a inquilina do rés-do-chão (fração A) e da habitante do piso um e dois (fração B) através de um muro simbólico de trinta centímetros. A fração B de dois pisos tem acesso ao logradouro de duas formas: ou pela galeria interior que vem do corredor da entrada principal e passa por baixo das escadas, ou das escadas que se acede diretamente da sala das traseiras, intitulada como sala de costura, pois o proprietário era alfaiate de profissão e é um costume desta zona de Vila do Conde (as rendilheiras[20]) e era usada para esse fim ou para apenas ler e pequenos convívios. Na zona do logradouro mais em contato com a viela dos gatos tem duas árvores de fruto, duas figueiras quase centenárias acompanhadas de um antigo poço, onde, antigamente, se serviam da água. A porta da Viela dos Gatos não tem utilidade há dezenas de anos, usava-se para aceder ao largo como atalho, e também não tem condições de segurança visto ter três escadas em pedra que acompanha o desenho do muro.

[20] *A arte de rendilhar* era uma ocupação que as mulheres dos pescadores e homens que partiam em empresas de Expansão Marítima, adotaram e em grupo compunham as rendas de bilros. Esta tradição, surgiu também como uma necessidade económica para as famílias se apoiarem nesse negócio, que tanto ajudou a quem faltava e que tanta companhia fazia em caso de viuvez ou de meses de pesca. A arte e emprego destas mulheres foi cada vez mais valorizada ao longo do tempo mas tem origem nos tempo medievais.



Fig. 27 - Plantas de todos os pisos à escala 1:200 - 2º andar *recuado*, 1º andar e rés-do-chão (não inclui logradouro). Legenda: Q* - Quarto adaptado; C - Cozinha; Q - Quarto; A - Arrumos; L - Lavandaria; SE - Sala estar; SJ - Sala jantar; SC - Sala costura; QB - Quarto de Banho.







Fig. 28 (esquerda) - Vista do corredor desde a primeira porta interior, a seguir à porta de entrada na suposta sala de estar;
Fig. 29 (centro) - Vista interior da cozinha, a qual tem apenas uma janela e uma porta de acesso ao logradouro.
Fig. 30 (direita) - Imagem que ilustra o acesso direto ao logradouro da fração B pela galeria interna e as divisões exteriores cobertas para pocilgas.

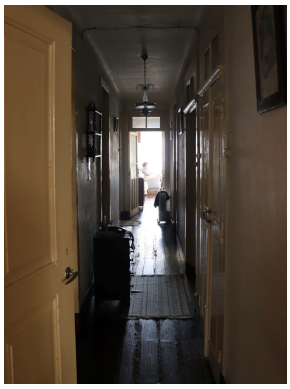
1.3.2 | Preexistência, questões temporais e levantamento de problemáticas do edifício

Neste edifício com cerca de cem anos é necessário salientar, das suas caraterísticas construtivas e acabamentos: as paredes principais, servindo de estrutura resistente em granito, rebocadas e pintadas, com bordaduras dos vãos em granito aparente; a cobertura em telha cerâmica; a estrutra dos pisos e da cobertura, escadas e caixilharias de madeira; pavimentos das zonas secas em soalho de madeira, nos pisos superiores em betonilha e revestimento de alcatifa; as zonas húmidas revestidas a mosaico cerâmico; paredes rebocadas e pintadas, sendo revestidas a azulejo nas zonas húmidas e caixilharia de madeira com vidro simples.

Entrando na fração A, o T2 transformado em T3 que toma lugar no rés-do-chão, vê-se a distribuição através de um corredor interno sem luz - sem ser a que vem do fundo da cozinha e das pequenas janelas da porta de entrada -, e que reflete, pela sua dimensão (cerca de 15 metros), um ambiente sombrio e fechado. Na sala de estar logo na primeira porta, fora adaptado num quarto e o anexo é inacessível através dele apesar de ter uma porta, onde serve de arrumos. Os dois quartos a meio do corredor têm pequenas janelas acima do nível dos olhos que permitem ter alguma luz, que entra consequentemente através da janela do quarto de banho, que por sua vez ilumina a sala de jantar e que esta, também por sua vez, ilumina os dois quartos.

Já na zona da cozinha e do quarto de banho, que é onde há mais luz natural, verifica-se um ambiente mais agradável de habitar a nível de salubridade, já que nas restantes divisões, para além de não haver luz natural, também não existe nenhum tipo de ventilação. O quarto de banho tem acesso pela entrada da cozinha, é pequeno e a janela grande, já que aqui entra a luz que ilumina consequentemente a sala de jantar e dois quartos. Na cozinha confeciona-se as refeições e desfruta-se delas, trata-se da roupa, e é onde se acede para o exterior: para a parcela correspondente desta fração no logradouro. Neste pequeno espaço no exterior é onde se seca a roupa, onde se abre a porta para arejar quanto possível a casa e onde há luz quase o dia inteiro.

Ao entrar pela porta que dá acesso à fração B de dois pisos (sendo que a parte correspondente ao rés-do-chão é apenas a escada e um corredor) vemos a escadaria que foi alvo de melhoramento e ao lado a porta que dá acesso à galeria interior que por sua vez permite aceder diretamente ao logradouro. As paredes deste corredor ainda têm a estrutura de origem, sendo de pedra e não tendo nenhuma luz, e ainda, as escadas que antecedem a porta que dá acesso ao logradouro, são no final deste corredor. Já no exterior, depois das escadas,



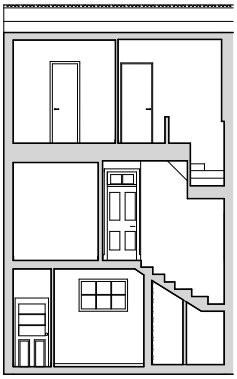




Fig. 31 (esquerda) - Corte transversal da pré-existência à escala 1:200, onde consegue ver-se as tais janelas que iluminam precariamente os quartos sem luz.
Fig. 32 (direita) - Corredor do 1º andar, da fração B, onde se verifica um ambiente sombrio a não ser que as portas estejam abertas.
Fig. 33 (esquerda) - Cozinha do 1º andar onde se vê a clarabóia e a antiga estrutura do forno antigo/lareira.

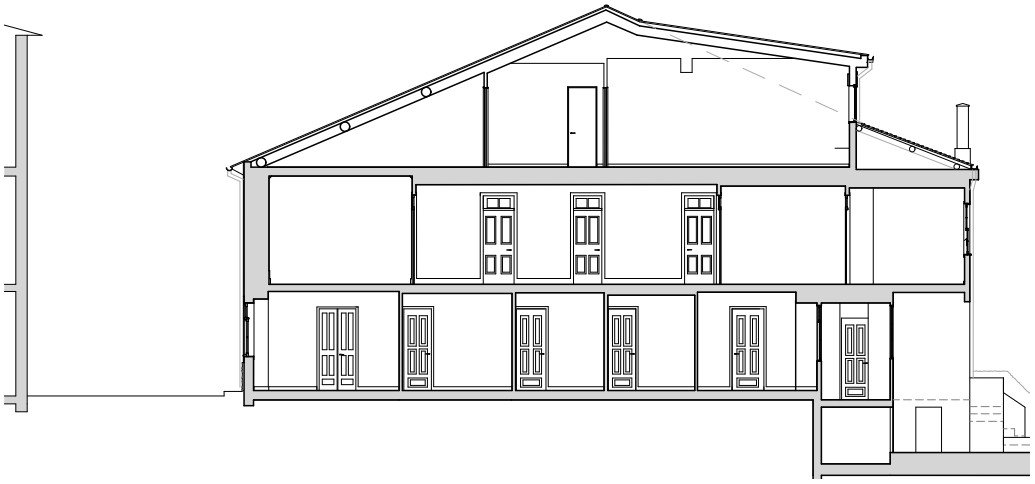


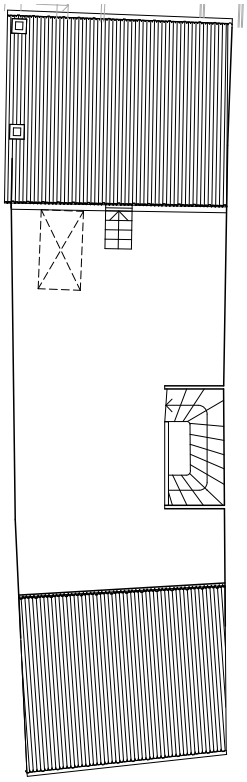
Fig. 34 - Cortes longitudinal à escala 1:200. No corte longitudinal vê-se, no rés-do-chão os cortes nos quartos, salas e quarto de banho, no primeiro andar o corte na sala de estar, corredor de distribuição e sala de costura e no segundo andar o corte no anexo/águas furtadas, o hall que vem das escadas e a sala de estar.

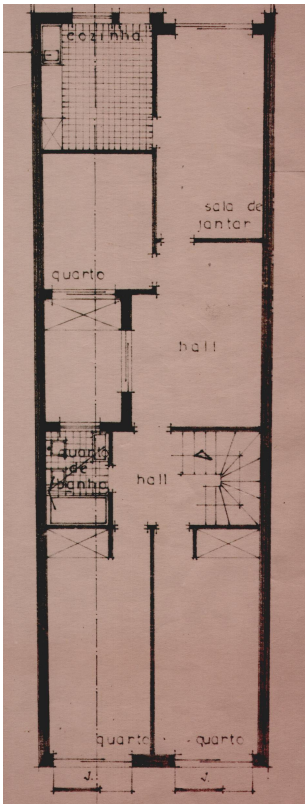
há uma zona coberta que fica por baixo da sala da fração B no piso superior e umas divisões ao ar livre cobertas também, que ficam por baixo do quarto de banho e da cozinha da fração A e têm uma altura de cerca 1,5 metros, onde se criavam porcos e galinhas.

Entrando em questões relativas ao interior da casa da fração B de dois pisos, através de uma entrevista feita à moradora mais antiga do edifício, toma-se consciência de uma reforma nas escadas mais recente, já que o soalho é de origem e estas necessitavam de um melhoramento para respeitar as condições de segurança - antigamente eram forradas com os tapetes vermelhos ou padrões mais antigos como arraiolos, as portas são de origem assim como as paredes e tetos. O corredor interior no cimo da escada tem pouca luz ou nenhuma, dando uma ideia de receção melancólica, sendo iluminado pontualmente pelas portas caso estejam abertas ou pelas pequenas janelas por cima do beiral da porta. Entra-se na sala de estar que serve também para recepção de visitas e têm-se as duas janelas da fachada principal, as quais iluminam o espaço e ajudam a valorizar o teto trabalhado em relevo de gesso - característica tão nobre desta casa. Também nesta divisão vemos acessos diretos ao quarto e ao anexo através de portas de duas folhas que tornam as divisões comunicantes.

A zona da cozinha sofreu uma pequena alteração: de acordo com a entrevistada havia uma lareira, aliás, na zona de acesso ao fogo a partir do pátio, ainda existe um depósito de lenha que tem subsistido ao longo dos anos também para depois fazer as queimadas das podas regulares do jardim; essa lareira serviria para substituir o fogão, já que o sistema de extração de ar é através da chaminé ainda existente por cima do fogão a gás. A cozinha é iluminada através de uma clarabóia que, para além de uma janela. Todos os quartos têm a particularidade de não terem acesso a luz natural, estando iluminados por divisões como salas ou cozinha através das pequenas janelas acima da altura do olhar, que consequentemente essas mesmas divisões que fornecem a luz, também estão iluminadas por outra sala ou clarabóia com luz direta.

Já nas salas da mesma fração (B) orientadas para o logradouro, tem-se a sala de jantar e de costura no primeiro andar e outra bem mais ampla no segundo. As do primeiro têm uma parede que integra uma porta e uma janela interior que as separa, de maneira que se possa, ao mesmo tempo, estender a zona de refeição para a sala de costura e ter comunicação através dessa janela. A sala de costura, como recebe muita exposição solar até ao final do dia, é mais aprazível a nível de temperatura do que a sala de estar ou receção e assim toma a sua função, e por isso é mais frequentada também pela qualidade da luz para de facto costurar, ler ou receber visitas. É junto a esta sala que está a única instalação sanitária que serve este piso, juntamente com um pequeno anexo que presta serviços de lavandaria sem nenhum tipo





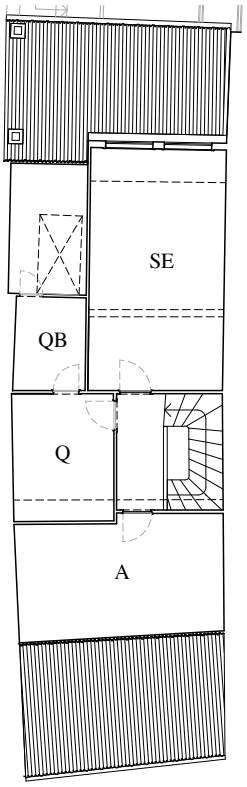


Fig. 35 (esquerda) - Planta sob uma suposição do que seria o terceiro piso antes da proposta de ampliação à escala 1:200: investigação feita através de memórias e entrevista à moradora da fração B.
Fig. 36 (centro) - Planta do terceiro piso do que seria expectável construir na proposta de ampliação de 1974-1975, à escala 1:200.
Fig. 37 (direita) - Planta do terceiro piso à escala 1:200: o construído e estado atual do edifício.

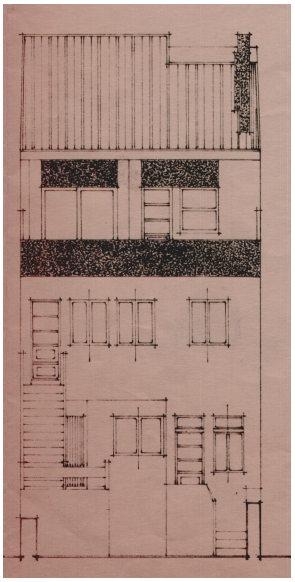




Fig. 38 (esquerda) - Proposta de alçado tardoz para a ampliação de 1974-1975, à escala 1:200.
Fig. 39 (direita) - Alçado tardoz à escala 1:200: o construído e estado atual do edifício.

de ligação ao exterior, e portanto para se secar a roupa usam-se as cordas do exterior, junto à fachada tardoz. É nesta fachada que para além das três janelas, há uma porta que acede diretamente às escadas (sempre revestidas de cimento sem nenhum tratamento) que permitem descer para o logradouro correspondente desta fração, estando este a uma cota bastante mais baixa (cerca de 1,7 metros) do que a referência da entrada.

Já no segundo andar, pertencente ainda à mesma fração, no que diz respeito à sua funcionalidade, tem como propósito isolar a privacidade de um casal, tendo assim uma suite e uma sala de estar bem ampla com espaço para estar e refeições, apesar de não ter cozinha. Esta é orientada para o logradouro e tem uma exposição solar favorável, que entra através de duas janelas e onde se pode ter uma vista sobre o horizonte: o rio ave e a zona ribeirinha. A suite continua a ser um quarto sem luz natural, e o quarto de banho também ele totalmente equipado, onde se tem acesso às aguas furtadas e às clarabóias da cozinha (no caso de ser necessário fazer manutenção, tem um fácil acesso). A zona de anexo, onde as águas do telhado começam a descer acentuadamente, não é de todo aproveitada a nível habitacional, já que no quotidiano serve apenas para arrumos e depósito de mobília imprópria de utilização.

Em todas as divisões íntimas (os quartos) verifica-se uma ausência constante de luz natural, o que desqualifica de certo modo as tipologias construídas e impossibilita o habitante de usufruir de um requisito banal nos dias de hoje. No entanto, um documento que tinha como objetivo uma ampliação do terceiro piso, denota já uma preocupação por esta problemática, tentado ao mesmo tempo consolidar a capacidade de ampliação da fração B. De acordo com o documento de data estimada do 25 de abril de 1974 (anexo 4), onde é sugerido o projeto de ampliação do prédio para completar o 3º piso, abre possibilidade para uma investigação mais aprofundada a nível dos faseamentos temporais pelo qual o edifico passou, e de acordo com a entrevista à moradora da fração B, o terceiro piso antes deste projeto de ampliação era apenas um sótão.

Suspeita-se que as escadas fossem da mesma estrutura e só tivesse o anexo das águas furtadas que ainda hoje se mantém, como a entrevistada disse acerca do terceiro piso (considerado o recuado): "*(...) já fazia parte da casa. Entretanto o que houve foram obras de melhoramento, agora tem uma suite. Antes não havia casa de banho, mas para não estar sempre a subir e descer escadas para a única casa de banho que antes existia, eu e o meu marido ficamos lá após o casamento e assim construímos uma ao lado do quarto do terceiro piso.*"[21] e, após ter-se encontrado o projeto que diz respeito ao aproveitamento total da área do segundo andar, propondo assim uma ampliação do prédio, poder-se-á concluir que essa proposta ou encomenda não foi ao encontro do que foi realmente construído, e que, mesmo

[21] **CALDELAS, Manuela** – Entrevista concedida à autora. (p. 136, anexo 2).

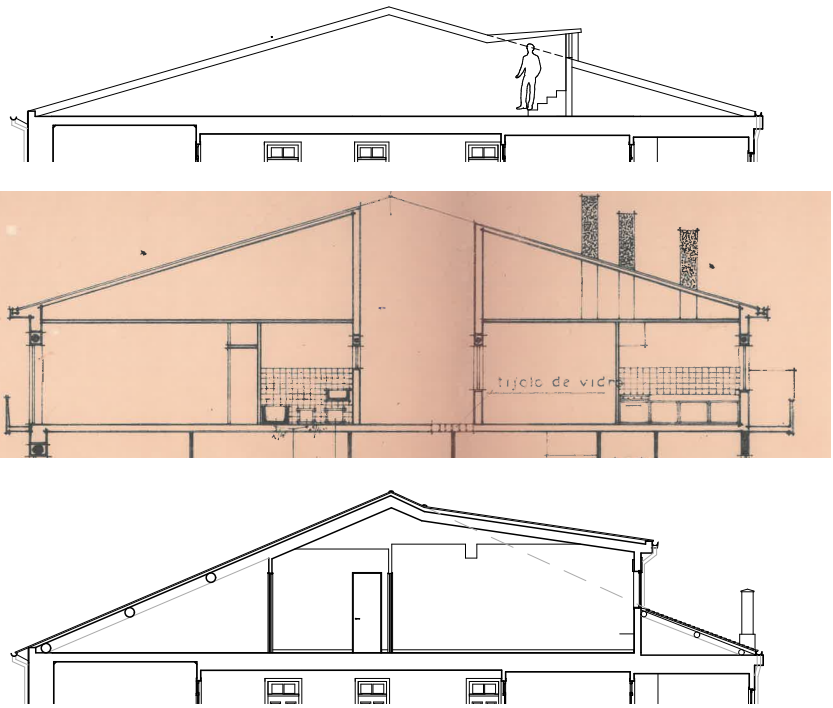


Fig. 40 (primeiro) - Corte longitudinal sob uma suposição do que seria o terceiro piso antes da proposta de ampliação à escala 1:200: investigação feita através de memórias e entrevista à moradora da fração B.
Fig. 41 (segundo) - Corte longitudinal do que seria expectável construir na proposta de ampliação de 1974-1975.
Fig. 42 (terceiro) - Corte longitudinal à escala 1:200: o construído e estado atual do edifício.

assim, integrou o projeto de restruturação do último piso que estima os anos 1972-1974 e que o quarto de banho da suite ainda foi construído posteriormente. Este faseamento adveio da necessidade de albergar um casal de recém-casados, de maneira a manter a família reunida no mesmo edifício e assim repetir a tradição de manter os elementos todos na mesma casa.

Nesta pequena análise comparativa através das plantas verifica-se a ambição de um projeto de ampliação, comparada com a adaptação realmente construída, um pouco menos ambiciosa pelas circunstâncias culturais e históricas (25 de abril) ou pelas possibilidades económicas, onde apenas foi construído o estritamente necessário. Na zona de anexo das águas furtadas de frente para a rua da Fraga tem a presença ainda restos de materiais e estruturas a *meio-gás,* tal como na porta que existe no quarto de banho da suite de acesso às clarabóias, já que se tratam, ambas, de zonas pouco tratadas a nível de revestimentos de paredes e telhados.[22]

[22] Detalhes podem ser verificados no anexo 1: "*Memória fotográfica completa do edifício no seu estado atual*".

CAPÍTULO 2

Mutabilidade dos modos de habitar:

entre os séculos XVII até XX e Contemporâneo

"*A situação admite (...) seguir em frente (...) com a esperança firme de que ela é a única possível para aqueles que nasceram para aumentar ao passado algo de presente e algumas possibilidades de futuro, para aqueles para quem viver é criar alguma coisa de novo não pelo desejo estúpido de ser diferente, mas pela imperiosa determinação da vida que não admita qualquer paragem ou qualquer estagnação sob pena de que a posterioridade nos não perdoe.*" [23].

[23] **TÁVORA, Fernando -** "O problema da casa portuguesa". (p. 12).

2.1 | O habitar dos séculos XVII até XX

> *"A casa é acima de tudo um produto do Homem, um facto de cultura, e será no próprio Homem e nas leis da sua criação cultural que se devem procurar a razão de ser e a explicação decisivas da casa que é a sua obra — a história e <<concorrentes de civilização>>, movimentos de difusão e influências, componentes sociais e conceitos de família, status económico e profissional, tradição e traços de psicologia de grupo e gosto pessoal, etc., respeitantes a essa mesma região.*"[24]

2.1.1 | Os modos de habitar na Rua da Fraga

Região - a palavra que condiciona o juízo de uma composição arquitectónica não só nos séculos em questão, mas também no contemporâneo. Por isso será essencial compor uma definição da casa sempre aliada à sua localização, pois até mesmo a localização será condicionada com o desenvolvimento económico e social. Por exemplo, nas zonas litorais onde a pesca impulsiona a economia - como Póvoa de Varzim, Vila do Conde -, as casas teriam, por consequência da construção naval, mais influência dos barcos, portanto, de madeira serão feitas pois também entrariam valores culturais: "*... para o pescador e o cabaneiro pobre, que se acomodam com uma construção improvisada, incerta e provisória - quase volante - como as suas vidas ...*"[25]. A casa rural Atlântica também respeita as influências que predominam nos campos como a exploração da fauna e flora: "*... é uma construção de rés-do-chão e andar, contendo no térreo as cortes ou aidos, estábulos, currais e pocilgas para os animais, a adega, o lagar, as tulhas, o palheiro e arrumações diversas, e no andar sobrado os aposentos para as pessoas, ou seja, os quartos e a sala; a cozinha ora se situa aí, ou é térrea, conforme os casos.*"[26]. Estas duas caraterísticas vêm-se de facto, na casa proposta para reabilitação cuja localização vai ao encontro do descrito, mas trata-se de uma casa num centro urbano, com uma malha bem desenvolvida e não, na zona rural. Tem-se os caixilhos de madeira, os telhados construídos sob estruturas do mesmo material e ainda, na orientação para o logradouro temos espaços que eram reservados para criação de galinhas e pocilgas.

---

[24] **OLIVEIRA, Ernesto** - "Arquitectura tradicional Portuguesa". (p. 14).

[25] *Idem*. (p. 15).

[26] *Idem*. (p. 27).





Fig. 43 (esquerda) - Pormenor do caixilho em madeira do quarto de banho do primeiro andar.
Fig. 44 (ao centro) - A estrutura de madeira do telhado. Algumas telhas são de vidro mas mantém-se um bom escoamento de águas pluviais.
Fig. 45 (direita) - Fotografia das aberturas das pocilgas e espaços para criação de galinhas ou armazenamento que se encontra no patamar do logradouro correspondente à fração B.





Fig. 46 (esquerda) - Vista da cozinha onde se verifica as pequenas janelas acima do nível do olhar, onde entrará a luz da clarabóia da cozinha.
Fig. 47 (ao centro) - Vista de um quarto do rés-do-chão com as pequenas janelas, esta tem contato com a sala de jantar.
Fig. 48 (direita) - Vista do outro lado, da sala de jantar do rés-do-chão, onde se vê a janela pequena.

"*A forma construída determina o caráter local, que traz a sua continuidade e variedade na sua presença*"[27] e a rua da Fraga é caraterizada essencialmente por casas antigas, da mesma altura que o objeto ou um pouco mais recentes mas, também, por casas reabilitadas ou fruto de uma intervenção, já que esta rua pode constar nos mapas desde a existência da rua do Lidador (por volta da construção da Igreja Matriz em 1537), estando inserida no património de Vila do Conde. Pelas características mais singulares deste lote verifica-se a possibilidade de mistura de classes, havendo casas de maior frente e assim, maior complexidade e área, e casas de frente reduzida como é o caso do objeto de estudo - 5,5 metros de frente - coexistindo, deste modo, casas ricas e habitações populares. As crianças que não trabalhavam, brincavam na rua e logo de seguida se recolhiam para as suas casas, visto que existe quase como uma penetração do espaço da rua em cada porta de cada casa, pela fisionomia estreita da rua e pela quase inexistência de passeios, sendo estes desenhados com pedras da calçada interpoladas com lajetas de betão.

Até ao século XVII as casas não apresentavam distribuições funcionais: come-se, dorme-se, cozinha-se e trabalha-se num mesmo espaço, tendo a mobília a capacidade de qualificar o espaço e tanto se armava como desmontava e arrumava. Não havia, portanto, sala de estar, quarto de dormir ou de banho, ou até cozinha. Esta última teria a particularidade de estar instalada no ultimo piso, junto ao telhado ou até em parte do logradouro por questões de segurança, sem quaisquer condições de saneamento, assim como o "quarto de banho": "*Inventou-se o sanitário móvel, que era uma caixa fechada de madeira que os criados traziam quando alguém chamava, retirando-a de seguida.*"[28]. A transição de espaços não era distribuída através do corredor, como seria a forma mais lógica, aproveitavam portas para fazer as pequenas divisórias mas normalmente a travessia entre espaços era feita organicamente, como se de um só espaço se tratasse.

Na porção de lote correspondente ao edificado e logradouro encontra-se também aspetos caraterizadores de uma vida mais rural, como ter acesso a tudo um pouco da produção do quintal para mesa - de acordo com a entrevistada o poço ainda teve utilidade até aos anos 60, faziam plantação de couves e batatas e utilizavam estrume como adubo; havia uma ameixoeira e ainda hoje existem duas figueiras quase centenárias que tanto açúcar trouxe à família e a criação de coelhos e porcos, fazendo assim uma analogia aos modos de habitar relativamente remotos e simples, onde as pessoas se contentavam com água, luz, aquecimento através da lareira com os galhos que podavam das plantas do quintal, comida na

---

[27] **NORBERG-SCHULZ, Christian** - "L'abitare: l'insediamento, lo spazio urbano, la casa". (p. 56).

[28] **FERNANDES, Francisco** - "Transformação e permanência na habitação portuense: As formas da casa na forma da cidade.". (p. 127).

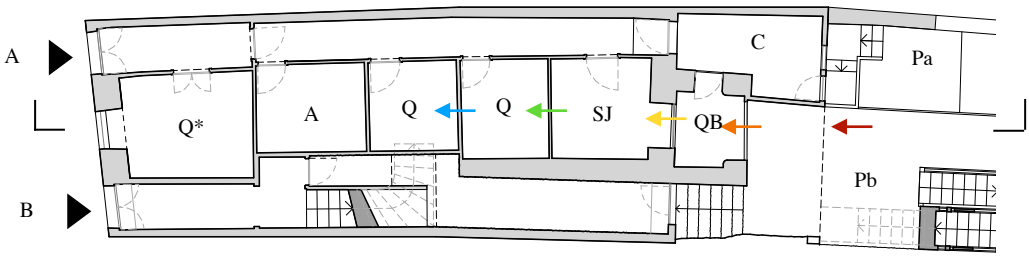


Fig. 49 - Planta do rés-do-chão à escala 1:200 com a demonstração esquemática do que será a entrada sub-consequente da qualidade da luz em cadeia a partir da janela do quarto de banho; escala de cores vermelho > laranja > amarelo > verde > azul simboliza a intensidade de forma decrescente. Legenda: Q* - Quarto adaptado; Q - Quarto; A - Anexo; C - Cozinha; QB - Quarto de banho; SJ - Sala de Jantar; Pa - Pátio da Fração A; Pb - Pátio da fração B.



Fig. 50 - Corte longitudinal do edifício à escala 1:200, com especial foco no rés do chão; escala de cores vermelho - laranja - amarelo - verde - azul simboliza a intensidade de forma decrescente, sendo o vermelho o raio de luz direta a 45º.



Fig. 51 - Planta do 1º andar à escala 1:200 a representar a entrada de luz sub-consequente nas sucessivas divisões através de uma paleta de cores escalada: vermelho > laranja > amarelo > verde > azul simboliza a intensidade de forma decrescente. Legenda: Q - Quarto; A - Anexo; C - Cozinha (que a luz vem de cima da clarabóia); QB - Quarto de banho; SJ - Sala de Jantar; SE - Sala de estar; SC - Sala de costura; L - Lavandaria.

mesa e cama e teto para dormir. No entanto não é só esta vertente rural que se verifica , as divisões da preexistência da casa demonstram uma complexidade na divisão e especialmente, na privacidade de cada zona da casa: a divisão entre sala de estar e de jantar, as salas consideradas como anexo (transformado em quartos) da sala de estar de frente de rua e ainda um espaço de lavandaria e casa de banho. Na cozinha havia um grande forno a lenha e a entrevistada diz ter sido retirado já antes das obras de melhoramento que rondaram os anos de 1972-1974, o qual não permitia passar da cozinha para a lavandaria e quarto de banho (o acesso para estas duas divisões tinha de ser feito pela sala de jantar). O quarto de banho por sua vez também sofrera intervenções nestes pequenos apontamentos de melhoria, fora equipado completamente com bidé, sanita, lavatório e banheira, quando antes "*Era à moda antiga, só tinha a sanita, o lavatório e uma bacia ...*"[29] para efetuarem a sua higiene pessoal básica.

Pela característica estreita e comprida do lote era inevitável haver divisões sem luz no tempo da construção original, em que as divisões oficialmente destinadas a zonas de dormir como os quartos não têm luz natural nem ventilação, no entanto existem umas janelas intercomunicantes entre espaços como a sala de jantar e a cozinha. Esta mistura hoje em dia seria impensável: a zona de refeições e quartos deve sempre ficar distanciada, para proteger contra os odores e ruídos do momento de preparação de refeições.

Tanto é a necessidade de luz, e no decorrer da afirmação anterior, que na fração A no rés-do-chão, a sala de estar da frente de rua, fora transformada num quarto, sendo este o único quarto habitado visto que apenas mora lá a inquilina há cerca de 30 anos. Verifica-se aqui uma procura por uma qualidade do habitar por um pormenor tão simples e requerido tão banalmente no quotidiano: luz natural. As outras divisões são consequentemente iluminadas em cadeia através das tais pequenas janelas, pela entrada da luz no quarto de banho - e esta, apesar da janela ser bastante grande, já é uma luz em sombra porque está situada numa zona coberta -, assim desqualificando gradualmente a entrada de luz, acabando já muito precária ou nenhuma no último quarto.

A ampliação da casa que trouxe o projeto realizado entre 1972 e 1974 representou essencialmente uma melhor dinâmica para a família já que, neste caso, eram pelo menos três gerações nesta época. Apesar da proposta para esta obra sugerir numa dinâmica diferente ao isolar o casal, é um indício de uma preocupação evolutiva que foi surgindo à medida que a família crescia mas também, de acordo com a tradição de se manterem todos no mesmo edifício e que este se mantivesse em boas condições. No entanto problemas como quartos sem luz continuaram a subsistir e a caraterizar as áreas como remotas e sombrias e os proble-

[29] **CALDELAS, Manuela** – Entrevista concedida à autora. (p. 136, anexo 2).

mas de humidade especialmente no rés-do-chão fazem-se notar progressivamente, devido à falta de ventilação (porque nem artificial existe). Outra contrariedade que irá ao encontro de futuros pontos abordados, é a falta de privacidade individual que as janelas acima do nível do olhar trazem, como por exemplo no quarto de banho do rés-do-chão: quem está na banheira consegue ver para a sala de estar e vice-versa apesar do vidro da janela ser fosco; os outros quartos do piso superior ora estão em contato com a cozinha, ora com a sala de jantar ou de estar, e neste confronto constante entre a ligação dos diferentes destinos para as divisões e a necessidade de haver uma barreira física bem vincada, faz introduzir a maior dicotomia que diz respeito às formas de habitar esta casa como a forma de ver o quarto ou qualquer divisão como finalidade meramente funcional. O quarto servirá apenas para dormir, a cozinha para cozinhar, a sala para jantar para as refeições, quando o cerne da questão se baseia na funcionalidade, levanta-se uma barreira entre a arquitetura e a capacidade sensorial que aborda o desenvolvimento social, relações humanas e individuais. Haverá sempre emoções implícitas, que trabalham o nosso emocional, sensorial e social, que se ligam às divisões de uma casa, quanto mais não seja para se ler o nosso livro preferido junto à janela agradável do quarto ou de se reunir a família toda num almoço de domingo.

Neste sentido, pensar-se numa casa funcional e de recolher onde há uma hierarquização dos espaços, as exigências também mudam conforme o poder económico da família em questão e portanto, quanto mais confortável economicamente estivesse cada família, mais complexidade poderia ter a casa separando-a por zonas como habitação, lazer e trabalho. Esta complexidade ou falta dela denota-se na casa proposta para reabilitação, mas falar-se-á de possibilidades dentro desta temática tomando o exemplo da casa burguesa do Porto e da habitação Lisboeta no século XX, pertencendo esta última a um aprofundamento mais antropológico e psicológico na relação do espaço mas ambas contribuem para dissertar sobre a evolução do modo de habitar o espaço da casa.

2.1.2 | O exemplo da cidade do Porto: a hierarquização do espaço

A cidade do Porto, sendo um exemplo muito mais estudado a nível dos modos de habitar e tipologia arquitetónico, trouxe um enriquecimento da perspectiva evolutiva da habitação até ao século XX, através das suas três fases fundamentais onde se verifica um aumento da complexidade organizacional dos espaços da casa em prol de uma maior diversidade funcional aliada à privacidade. Ao longo destes três séculos deparamo-nos com vários desenvolvimentos e investimentos a nível económico, social e cultural com as devidas questões políticas implícitas. Já desde o século XVI, com o reforço do comércio marítimo e,







Fig. 52 (esquerda, em cima) - Fotografia alusiva a casa do Porto *Mercantilista*.
Fig. 53 (esquerda, em baixo) - Plantas de todos os pisos alusivos à casa do Porto *Mercantilista* com logradouro e loja no rés-do-chão e duas frentes, localizada num lote menos denso - denota-se uma indefinição de espaços, abrangendo apenas as necessidades básicas como cozinha, quarto de banho e loja;
Fig. 54 (à direita, em cima) - Fotografia alusiva à casa do Porto *Iluminista*.
Fig. 55 (direita, em baixo) Plantas alusivas à casa do Porto *Iluminista* com logradouro e loja no rés-do-chão, localizada num lote mais amplo - compreendemos neste exemplo uma maior especificação de espaços, com mais preocupação com a sala e contato com cozinha e ainda uma varanda para o logradouro. À escala 1:250.

consequentemente, o investimento em equipamentos de navegação, que a cidade está apoiada na economia mercantilista com base na exportação dos vinhos, e tal condição deparada com o aumento populacional e a entrada da industrialização até ao século XX teria de sofrer no modo de organização do habitar, tanto a nível urbano (expansão extra muros), como a nível do lote e edifício, especificamente. "*No primeiro quartel do século XVII as actividades mercantis, desde o mercador de grosso trato ao vendedor ou vendedora ambulante, abarcavam cerca de 600 famílias no Porto e arrabaldes.*"[30], onde a palavra *mercador* e *negociante* se diluem, poderiam vender desde o vinho do Porto, a sedas e panos, mercadores de sobrado e até negociantes estrangeiros.

É na habitação do *Porto Mercantilista* (vigorou entre o século XVII até ao seguinte) que se introduz uma organização espacial que tem como origem a posição da escada que liga os típicos dois pisos destas casas. Se o edifício tiver duas frentes com logradouro, as escadas estavam posicionadas no centro dos pisos, se só tiver uma frente - em que pode ter outro edifício germinado ou simplesmente encontrar a pendente acentuada - as escadas localizavam-se no fundo, nas traseiras do edifício. Já havia a preocupação com a segurança, estando assim a cozinha sempre no último piso em contacto com a fachada, mas não havia mais nenhuma distribuição funcional dos espaços e como se verifica na planta alusiva a um fogo com logradouro, a divisão da sala tanto poderia funcionar como quarto. Encontra-se neste ponto uma preocupação da circulação da casa entre a frente e as traseiras com o logradouro, tendo em conta a fluidez exigida apesar da pouca especificação das divisões, é um bom alicerce que dá mais tarde frutos na direção da escada como um equipamento de divisória com potencial para impulsionar a privacidade.

O processo de pensamento e de construção da habitação urbana corrente, e no fundo, o de fazer a cidade que foi introduzido pela *Junta de Obras Públicas* (JOP)[31], perdurou em alguns setores até ao início do século XIX, até porque mesmo depois de a JOP deixar de exercer as suas funções, a administração *Almadina* continuou com as propostas arquitetónicas. O plano de melhoramento da cidade pretendia dispersar a grande discrepância que se fazia sentir de quem morava dentro e fora da muralha, incluindo assim a expansão através de desenho de traçado viário e loteamento. A habitação deste período dos *Almadas* ou *Porto iluminista* (cuja tipologia presenciamos desde o século XVIII até XIX) tem a mesma base da anterior - a casa estreita e alta - com a excepção do aumento da dimensão da frente da fachada, do número de pisos e presença de logradouro quase sagrada, tendo este tipo de

---

30 **RAMOS, Luís** - "História do Porto". (p. 281).

31 Junta de Obras Públicas - criado pelo Governador da Relação em 1763 João Almada e Melo, por sua vez nomeado pelo rei D. José I; trataram de modernizar a forma radiocêntrica e amuralhada da cidade do Porto através de planos urbanísticos que não só englobava a expansão da cidade em geral, como a criação e uniformização de traçados e quarteirões.



Fig. 56 (cima) - Fotografia e Plantas alusivas às casas unifamiliares do Porto *Liberal* com logradouro e rés-do-chão sobrelevado, inserida em lote com mais área e com cave que tem complexidade na zona de serviços bastante mais acentuada pela valorização das salas de arrumos e os mais variados fins - à escala 1:250;
Fig. 57 (baixo) - Plantas de todos os pisos de dois fogos germinados de casas do Porto *Liberal* com loja no rés-do-chão e possibilidade de albergar empregados com quartos no segundo piso.

edifício marcado a capacidade de distribuir famílias numerosas em altura, o que permitiu mais tarde a reconversão em edifício plurifamiliar.

No período oitocentista - na segunda metade do século XIX -, o modelo do *Porto Liberal* introduz a habitação segundo uma complexa hierarquização funcional e social e está associado à expansão do comércio, dividindo-se em dois grupos. O primeiro grupo segue a mesma linha da habitação monofuncional e unifamiliar *almadina*, no qual é acrescentado instalações sanitárias rudimentares nas traseiras do edifício, aumento do pé direito, aumento das áreas de arrecadação e armazenamento, organização e divisão do logradouro, e assim, é empregue uma função para cada espaço com as respetivas divisórias. Já o segundo grupo (que está presente desde as últimas quatro décadas do século XIX até às quatro primeiras décadas do século XX) pretende um corte acentuado com a cultura *almadina* no sentido em que é acrescentado o fator social e multifuncional: a complexidade aumenta quando há separação de classes e quando a casa também pode servir de espaço de trabalho. Passa a existir uma cave que é apenas semienterrada ou um rés-do-chão sobrelevado destinado para zona de serviços, ao qual se pode aceder através da escada principal do edifício, ou na que é apenas destinada para os serviçais. A porta de entrada das habitações situava-se junto de uma das paredes de meação e logo junto ao *hall* havia uma sala destinada apenas à receção de visitas, preservando a privacidade do resto da casa (servia talvez para recepção de visitas de trabalho também). A sala de jantar passa a situar-se no primeiro piso nas traseiras para uma maior proximidade com a cozinha e os quartos nos pisos superiores até no sótão, já que as águas furtadas ou caves eram reservadas para quarto de criados. As instalações sanitárias situavam-se a um canto das varandas das traseiras, não existindo em muitos casos uma divisão totalmente equipada, e cozinha desce para o primeiro piso mantendo-se nas traseiras - o que marca o fim de um ciclo de tipologia, e o início de outra. Outro fator muito marcante deste novo modelo tipológico, é a valorização do espaço de arrecadações e as pequenas salas destinadas a todo o tipo de função: nas casas de média e alta burguesia havia a loja do carvão, loja da lenha - as quais também teriam de ter fácil acesso ao exterior -, quarto de costura, quarto de malas, despensa da cozinha e dispensa de mercearia, sala de pequenos-almoços ou copa, escritório, quarto de hóspedes e ainda o quarto de brinquedos - que seria só para as crianças.

"*Os edifícios de construção humana são um exemplo de organização fixa. (...) até ao século XVIII as divisões não tinham funções fixas nas casas Europeias. Os membros não se podiam isolar-se como fazem hoje. Não existiam espaços privados ou especializados...*"[32]e por isso, outras versões intermédias surgiram mas o cerne da questão é

[32] **HALL, Edward** - "A dimensão oculta". (p. 121-122).

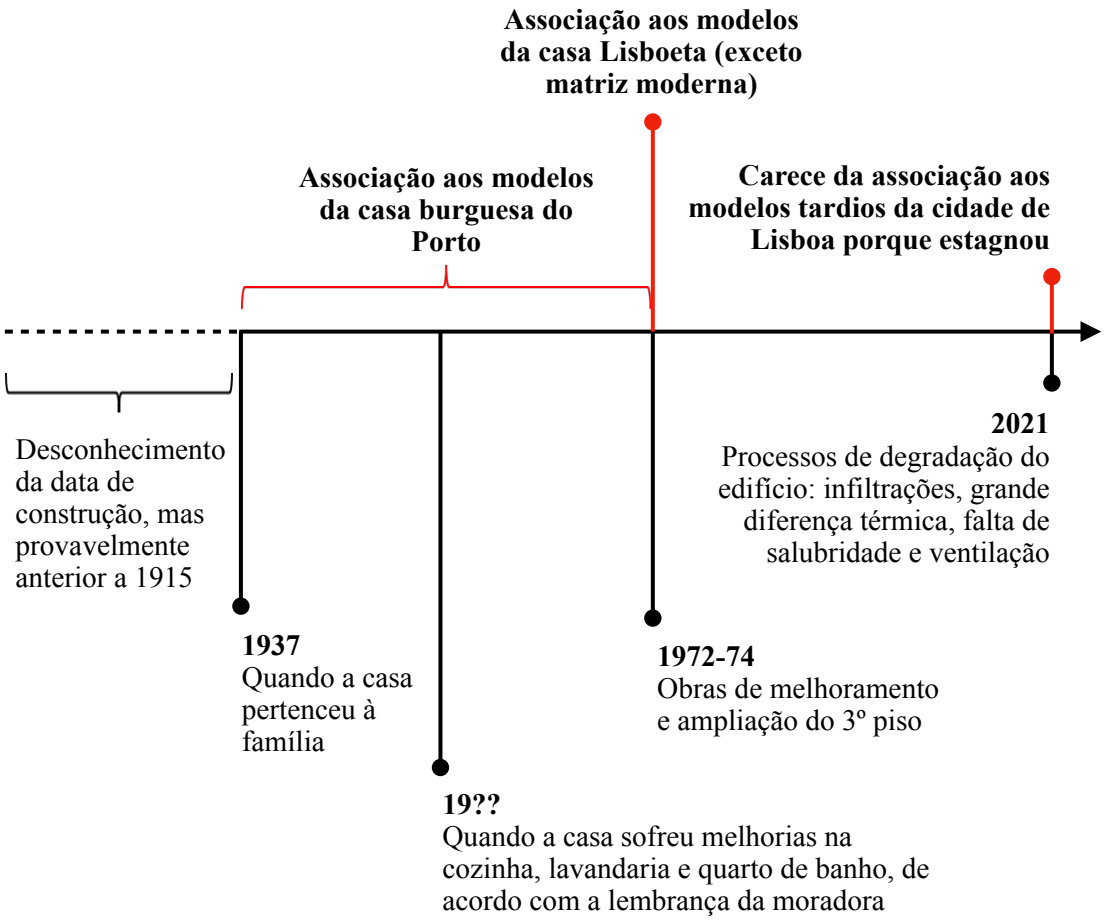


Fig. 58 - Cronologia de associação entre os faseamentos da preexistência e os exemplos da casa burguesa do Porto e Lisboeta na descrição da analogia dos modos de habitar.

a maneira evolutiva que se foi observando o acrescento hierárquico das divisões dos espaços e complexidade do número deles em prol de uma maior diversidade funcional e dinâmica útil entre espaços. A população burguesa do Porto tinha orgulho na sua casa estreita e alta, que mesmo depois de grandes intervenções do Porto *iluminista* e *liberal*, subsistiu, variando na funcionalidade do seio familiar e na cultura de serem um povo do comércio, mas uma coisa é certa: "*O burguês Portuense sempre preferiu manter a tradicional habitação unifamiliar. Independentemente acessos, privacidade e ligação à terra (...)*"[33], podendo assim crer que o fator social e cultural pode ser uma condicionante ou só mesmo uma caraterística do que é a evolução da valorização do espaço da casa como ambiente protegido para a relação individual e coletiva da família.

Uma cronologia foi construída para melhor compreender a possível associação entre os exemplos da casa burguesa do Porto e os modelos da casa Lisboeta entre os anos 30 e 80, de acordo com depoimentos da moradora da fração B que habita a casa desde que nasceu em 1946 e alguns documentos. Entre o ano de 1937 até à obra de ampliação de 1974 faz-se uma associação à casa burguesa do Porto, pelas melhorias das condições de saneamento, preocupações com a qualidade de vida dos habitantes ascendente, mais funcionalidade e complexidade das divisões. Na construção de 1974, surge uma possível relação com os modelos da casa lisboeta: a procura da privacidade do casal pela construção da suite, maior espaço de reunião que fazem começar a levantar questões de aglomeração porque queriam albergar mais membros da família mas também distância para que o espaço seja favorável a todos. Até ao dia de hoje, e de acordo com o processo evolutivo, deveria-se preocupar em associar aos modelos mais tardios da capital, mais focado na individualização, identidade e tipos de família, mas nessa impossibilidade, deparamo-nos com um edifício estagnado na evolução da qualidade do habitar, entrando até em processo de degradação em algumas zonas.

[33] **FERNANDES, Francisco -** "Transformação e permanência na habitação portuense: As formas da casa na forma da cidade". (p. 143).



Fig. 59 - Pintura de Kwangho Shin: o lidar do isolamento emocional na vida moderna, 2014. A forma como as cores caraterizam a complexidade do retrato do *Eu-individuo* e das relações intra e inter pessoais do mesmo.

"Art is the most intense form of individualism that the world has known." - Oscar Wilde

2.2 | O habitar do contemporâneo: Arquitetura e o caráter multidisciplinar

> *"Microcosmo organizado segundo as mesmas oposições e as mesmas homologias que ordenam o universo, a casa mantém uma relação de homologia com o resto do universo, mas de um outro ponto de vista, o mundo da casa tomado no seu conjunto está com o resto do mundo numa relação de oposição cujos princípios não são outros senão os que organizam tanto o espaço interior da casa como o resto do mundo e, mais geralmente, todos os domínios da existência."*[34]

2.2.1 | Evolução da dimensão antropológica do espaço da casa - o exemplo na cidade de Lisboa

Como exemplo inicial no que diz respeito à evolução funcional e relação humana com o espaço da casa, falemos também da capital onde não só vemos uma evolução na formação tipológico-funcional, como vemos a formação da ideia de família e reunião a enraizar-se em Portugal e a ideia da domesticação do espaço de habitar a surgir. Mas o que será então os *modos de habitar*? "*É a relação estabelecida por uma pessoa ou família com a sua casa, uma relação que pode ser analisada através do tempo passado na casa, no interesse que a mesma desperta nos seus moradores e sobretudo, nas práticas que aí são desenvolvidas ...*"[35]. No entanto há também a variante sensorial que não só está ligada ao convívio da família e laços da mesma, mas também à forma como se apropriam do espaço, estando incluídas ligações emocionais com o mesmo - as rotinas, funcionalidade e decoração do espaço - seja a sua casa a ideal ou real.

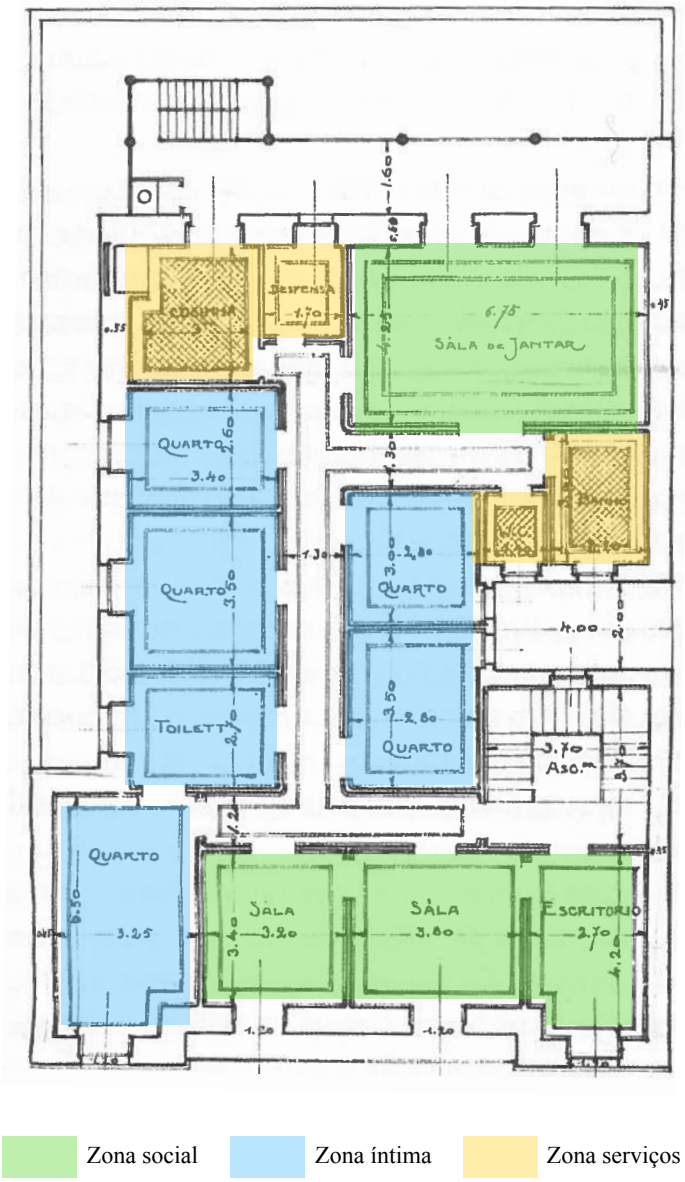
A individualização[36] foi um processo ao longo do modernismo que possuía dois aspetos fundamentais: o primeiro, que a sua exposição às oportunidades e riscos é social e individualmente desigual; o segundo, o facto de a mesma não ser vivida de forma homogénea é necessário relativizar as necessidades individuais e representa um corte com o passado. Este processo permitiu ao homem criar uma nova dinâmica nas famílias, não só a nível da modernização do conceito de família no sentido de diversificar as relações familiares, como a distribuições dos papéis e diferenciação das suas formas estruturais. Sendo longo o caminho até a família moderna dos dias de hoje, nos tempos que se irá abordar até aos anos 50 e o limiar com o século XXI, verifica-se um cariz de família nuclear

---

[34] **BOURDIEU**, **Peter -** "A casa ou o mundo ao contrário". (p. 46).

[35] **BERNARD, Yvonne -** "Ménage et modes de vie". (p. 13-39).

[36] Individualização - uma tradição filosófica ou ideológica que dá prioridade ao indivíduo sobre o coletivo.



Zona social Zona íntima Zona serviços

Fig. 60 - Planta de um fogo *Gaioleiro*, onde está exemplificada a tripartição de zonas. Neste exemplo verifica-se uma separação diluída e uma preocupação acentuada com a salubridade e ventilação através de saguões.

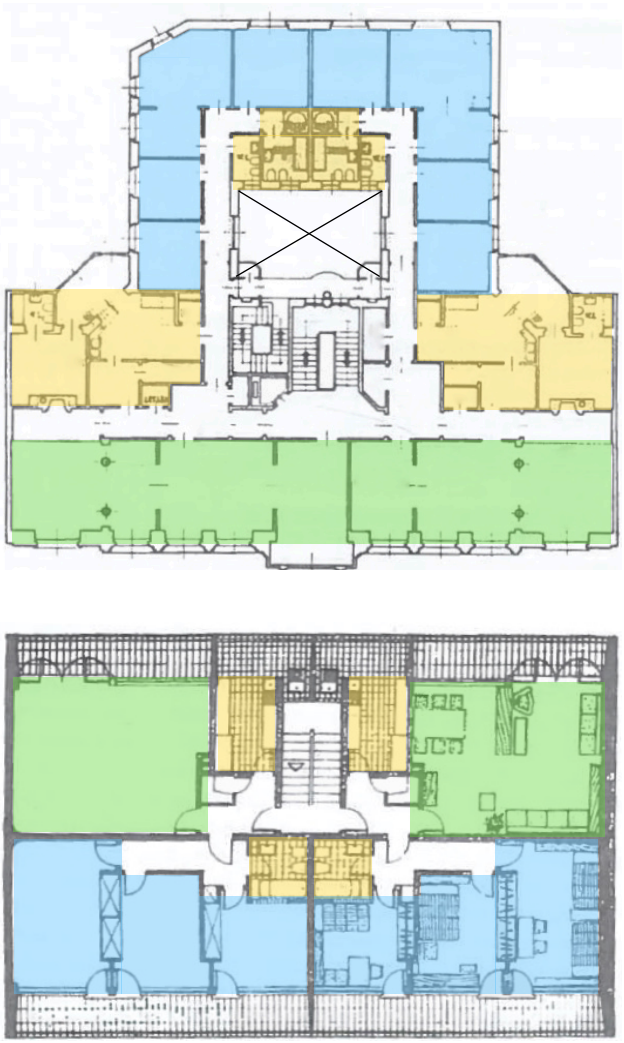
muito redonda em Portugal: a típica família composta por casal e dois filhos, até à diversificação das composições familiares: como as famílias monoparentais, conjugais ou casais sem filhos e ainda os "*... mono-residentes, indivíduos sós que, em bom rigor, dificilmente se encaixam na categoria família*."[37].

Até ao início dos anos 50, o modelo d'*o gaioleiro* cumpre o seu papel burguês já com uma viagem pelo pré-modernismo no sentido em que ainda não permite a total privatização e institucionalização da família burguesa do inicio do século XX. Visava rentabilizar a área do lote da baixa pombalina e também ajustar os modelos habitacionais burgueses intitulados de palacetes, para apartamentos de *prédio de rendimento* - o que não só encaminhou para uma complexidade das divisões domésticas e associação de diferentes usos, como a separação da casa em dois espaços que exigem diferente tipo de privacidade e ainda uma divisão por géneros que materializa a desigualdade. O que se pode verificar mais acentuadamente neste modelo é que todas as divisões da casa, seja ela pertencente a uma classe mais alta seja a uma classe média ou baixa, têm boas condições de salubridade (seja por varandas, janelas ou saguões), arejamento e os quartos são pensados para o interior da casa como uma zona mais recatada e de descanso: o que leva a que a planta tenha um perfil mais recortado e daí este modelo fazer parte de um pré-modernismo porque ainda não se aproxima muito da planta retangular estrita. No modelo de classe mais avantajada denota-se a divisão do trabalho/laser, mais especificamente uma divisão do homem, já que a entrada se situa mesmo em frente ao escritório e no mesmo corredor das salas de estar ou receção - estas salas também poderiam servir para receber a família e de lazer da mesma, criando assim uma zona de família e confraternização. A cozinha mantém-se na fachada mas desta vez com maior proximidade com a zona de refeições e já não se verifica tanto a tendência de espaço para serviçais e toda a complexidade da distinção entre empregados e patrões, porque agora era a mulher que tomava as rédeas dos afazeres da casa. Relativamente ao casal, em específico, o quarto do mesmo teria duas camas para se assegurar o espaço individual e, o que seria pela lógica, normal que o quarto do casal fosse o quarto principal do fogo.

No modelo da época do *Estado Novo*, o *português suave*, dá um passo muito importante no que diz respeito à racionalização e higienização organizacional dos espaços, onde se verifica a tripartição que se estende em todos os modelos seguintes - social, íntimo e serviços -, há uma clarificação da hierarquia social, de género e parentalidade, assim como inicia o processo de privatização da família proporcionado pela organização e correlação entre os compartimentos. Embora tivesse um longo processo de expropriações, este modelo

---

[37] **PEREIRA, Sandra Marques -** "Casa e Mudança Social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir de casa". (p. 28).



Zona social Zona íntima Zona serviços

Fig. 61 (de cima) - Exemplo de um fogo do modelo *Português suave* com a tripartição de zonas. Neste exemplo verifica-se uma maior hierarquia e privacidade nesta divisão, embora bastante complexa no interior das mesmas.
Fig. 62 (de baixo) - Exemplo de um fogo do modelo *Moderno* com a tripartição de zonas. Neste exemplo vê-se uma simplificação acentuada, uma economia de espaços, multi-funções dos mesmos e uma continuidade na privacidade da zona íntima.

rege pela estrutura de torreão e *prédio de rendimento* através do piso-tipo. Uma característica também muito especial deste modelo é a criação do tão famoso *hall* à entrada de cada fogo que terá uma área substancial e privatizará assim a família, e a caixa de escadas e elevador adquirem um saguão enorme para iluminar as zonas mais interiores do fogo. Com a maior separação entre a zona de serviços e as restantes, a mulher volta às suas funções como esposa, mãe e dona de casa que, embora tenha-se verificado uma melhoria nesse estigma social no modelo d'*O Gaioleiro*, neste mesmo as famílias mais ricas poderia também existir zona de serviçais, sendo então mantido nas classes mais altas e melhorado nas classes médias.

A matriz *moderna pura* que se pronuncia a partir da segunda metade do século até aos anos 80, mantém a tripartição mas em cada uma destas parcelas faz melhoramentos que impulsionam a simplificação, salubrificação e racionalização que regem pela funcionalidade espacial, fusionalidade familiar e valorização da individualidade, onde é de destacar "*(...) a centralidade da sala comum entendida como foco da vida familiar; a aproximação e simplificação do espaço da cozinha à sala como forma a libertar a mulher; uma zona íntima marcada pela indiferenciação e relativa simplicidade dos quartos.*"[38], assim introduzindo o tipo de *família de companheirismo*. Este modelo de habitação mínima, baseia-se na praticidade e homogeneidade simbólica de cada divisão e também da associação das mesmas como parte de um todo. Analisando em planta pode-se verificar o retângulo estrito, a divisão do mesmo em metades perfeitas para fogos tipologicamente iguais. O modelo moderno puro impulsiona o tipo de *família de companheirismo* na diluição do tipo de *família instituição* porque verifica-se, de facto: uma concentração da área habitável que não permite grandes distanciamentos espaciais entre os vários elementos da família; a sala comum como junção das zona de estar, de refeições, de reunião, tipicamente burgueses que se tinham vindo a aproximar ao longo do tempo; a cozinha-laboratório onde permite atingir o auge da funcionalidade anteriormente tão tripartida entre copa-dispensa-lavandaria e a proximidade com as restantes divisões que no limite teria uma janela de conexão com a sala para um passa-pratos; a configuração equitativa da aérea dos quartos, onde se localiza uma casa de banho de menor dimensão e que será vista cada vez mais ao longo dos anos como uma divisão completamente privada, pequena e austera, com a funcionalidade única de higiene. São então estas três zonas, uma mais funcional, outra mais de reunião familiar e outra mais privada que variam muito de acordo com a área do fogo disponível e estão ligadas entre espaços de transição (hall, corredor e vestíbulos) e que, consequentemente, também variam na sua dimensão.

---

[38] **PEREIRA, Sandra Marques -** "Casa e Mudança Social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir de casa". (p. 99).



Fig. 63 (esquerda, de cima) - Exemplo de fogo do modelo de *privatização conjugal contígua* com os respetivos esquemas de tripartição. Cresce a complexidade da zona intima com a introdução de suites.
Fig. 64 (esquerda, de baixo) - Exemplo de fogo do modelo de *privatização genérica contígua* com os respetivos esquemas de tripartição. Cresce a complexidade na zona íntima com a introdução das suites.
Fig. 65 (direta, de cima) - Exemplo de fogo do modelo de *privatização conjugal radicalizada* com o esquema de tripartição. A zona intima é fragmentada em duas zonas: suite conjugal e conjunto de quartos indiferenciados com quarto de banho partilhável.
Fig. 66 (direita, de baixo) - Exemplo de fogo do modelo de *privatização genérica radicalizada* com o esquema de tripartição. Há uma multiplicação do numero de suites de forma a se assumirem com um caráter mais autónomo.

Já nos modelos seguintes, primogénitos de um pós-modernismo e modernismo tardio e alvos de um estudo sociológico[39], trazem a figura renovada dos vários modelos de família que transpõem para o contemporâneo, tendo-se verificado em maior escala a *privatização conjugal contígua* e *privatização genérica contígua* que regem pela individualidade máxima e progressiva, dando início a ideia de *família associação*, e em menor escala, a *privatização conjugal radicalizada* e *privatização genérica radicalizada* levam ao extremo a ideia de *família associação*, radicalizando a privatização dos espaços individuais dos membros da família - introduzindo o sentido conjugal dentro do seio familiar em alguns destes casos como uma prioridade. Nos modelos que se verificaram mais vezes no estudo, a primeira visa manter a matriz do tipo moderno puro mas inclui uma maior privacidade à vida do casal criando uma *suite* conjugal e os restantes quartos manterem um cariz indiferenciado com casa de banho partilhada; já a segunda leva o anterior a um extremo geral no que diz respeito à privatização da zona dos quartos, criando um *lavabo* junto à sala comum - para servir de apoio às visitas e estas não "invadirem" um quarto de banho dos elementos do agregado familiar -, e, adicionalmente, uma multiplicação do número de *suites*. As habitações analisadas e encontradas em menor escala, cuja primeira retrata uma zona social mais abastada, com possibilidade de ter distinção entre sala de estar e sala de jantar e ainda, vê-se uma fragmentação da zona privada entre suite conjugal e o conjunto dos quartos indiferenciados que partilham quarto de banho, afastando estes dois a nível da compartimentação do fogo; a segunda tipologia, fixa um espaço central como o social e de distribuição e cria zonas completamente privadas ao longo do fogo através de múltiplas *suites* que passam a assumir um estatuto autónomo.

Na realidade, este tipo de individualismo estrito no que diz respeito à valorização conjugal, fez parte da intenção dos moradores quando encomendaram o projeto de ampliação de 1972-1974, fazendo do terceiro piso um T2 completamente equipado de cozinha, quarto de banho, sala de jantar até varanda, ao mesmo tempo que fazia parte do edifício familiar, permitindo assim uma convivência multi-disciplinar e com diferentes dinâmicas. Abriria, assim, a possibilidade de estarem as três gerações juntas em convivência total nas zonas comuns, como também estarem os casais nos seus aposentos, em total privacidade, como se de uma espécie de *co-housing*[40] se tratasse.

---

[39] Estudo realizado e descrito no livro: **PEREIRA, Sandra Marques -** "Casa e Mudança Social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir de casa".

[40] *Co-housing* é um conceito que teve origem na Dinamarca e, intencionalmente mas não obrigatoriamente, obriga os moradores a partilharem certas zonas da casa como cozinha, quarto de banho, lavandaria, salas de estar e/ou jantar tendo, ao mesmo tempo, o seu espaço privado.

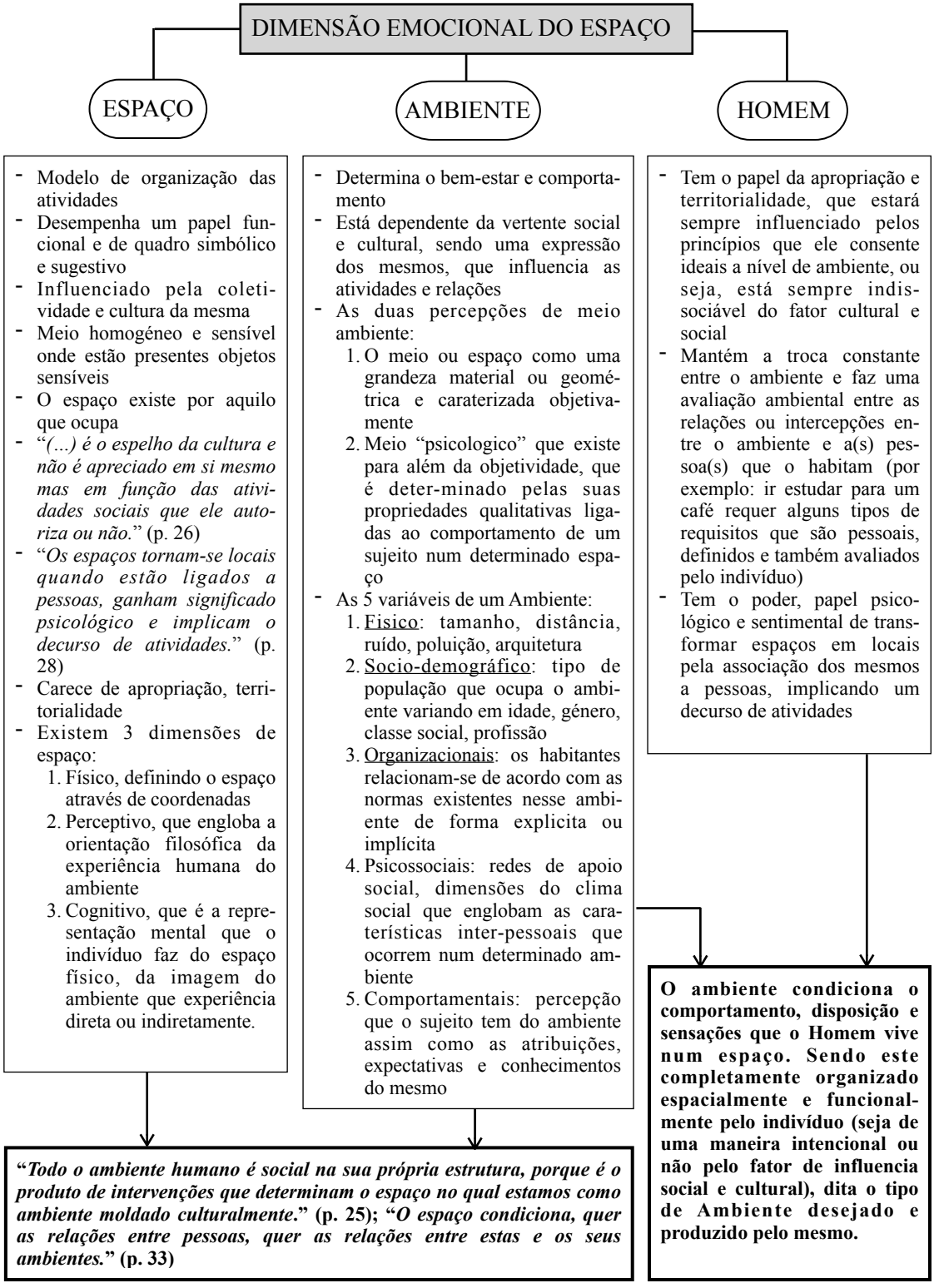


Fig. 67 — Diagrama sobre a Dimensão emocional do espaço.

2.2.2 | A casa e o Homem num diálogo multidisciplinar

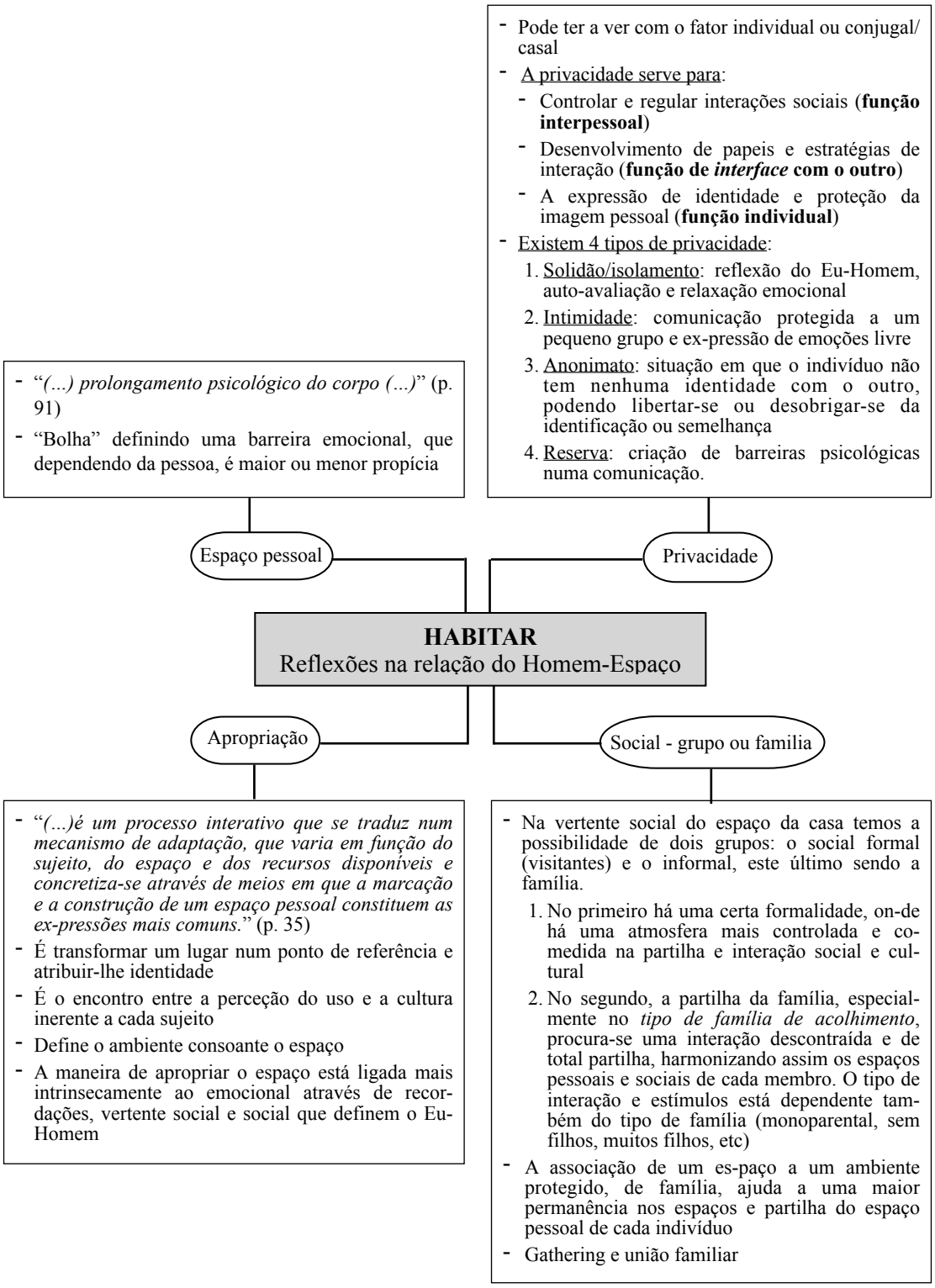
> "*A casa não é para aqueles que a concebem e menos ainda para os seus habitantes apenas (...) um espaço político, um espaço de exercício (desigual) de poder: é justamente a dimensão emocional da casa. Contudo, esta dimensão emocional da casa, complementarmente com as suas dimensões prática e funcional, económica e simbólica, assume uma relevância central para o entendimento concreto das formas de habitar. Potencialmente, o espaço doméstico transmite ao indivíduo um sentimento de confiança na continuidade da sua auto-identidade pessoal e na constância dos ambientes sociais e materiais envolventes (...) um sentido de fiabilidade das coisas e credibilidade das pessoas, enfim um sentimento de segurança ontológica (...)*"[41].

Este conceito de dimensão emocional que Sandra Marques Pereira invoca, também varia de intensidade conforme o indivíduo, os valores do mesmo e o meio social em que se insere. Inicialmente, abordar as dimensões inerentes à dimensão emocional da espaço será um primeiro passo para melhor compreender a relação Homem-Espaço, que serão condicionantes entre elas e descritas por questões indissociáveis entre si, também, como é a influência psicossocial e cultural do indivíduo. Na descrição da relação emocional com o espaço funde-se a psicologia, sociologia, antropologia e filosofia, disciplinas inerentes ao comportamento do Homem que a própria Arquitetura (também ela vinculada inevitavelmente a estas áreas) o faz desenvolver no apropriar e habitar do espaço que a própria proporciona. Espaço, ambiente e Homem são dimensões e personagens que afetam a sensibilidade do espaço, no sentido de cada uma ser a continuidade da outra como se de causa-efeito se tratasse e assim, caraterizadas por uma apropriação pessoal, cultural, psicológica e social. O espaço como o modelo físico e organização funcional, sugere três dimensões que o indivíduo vê: como o espaço disponível (físico), o poder que o próprio tem para o adequar à orientação que ele considera como parte da sua identidade e finalidade do mesmo (espaço perceptivo e equivalente à determinação do ambiente desejado e apropriação e territorialidade) e o aproveitamento desse espaço no dia-a-dia (espaço cognitivo e equivalente ao bem-estar e comportamentos refletidos ou irrefletidos do indivíduo dependentes do ambiente criado).

Por esta ordem sequência, o espaço está sempre ligado ao ambiente porque os dois dependem do homem, da apropriação e experiências pessoais e sociais no espaço do indiví-

---

[41] **PEREIRA, Sandra Marques**- "Casa e Mudança Social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir de casa". (p. 23).


- "*(...) prolongamento psicológico do corpo (...)*" (p. 91)
- "Bolha" definindo uma barreira emocional, que dependendo da pessoa, é maior ou menor propícia
- Pode ter a ver com o fator individual ou conjugal/ casal
- A privacidade serve para:
  - Controlar e regular interações sociais (**função interpessoal**)
  - Desenvolvimento de papeis e estratégias de interação (**função de *interface* com o outro**)
  - A expressão de identidade e proteção da imagem pessoal (**função individual**)
- Existem 4 tipos de privacidade:
  1. Solidão/isolamento: reflexão do Eu-Homem, auto-avaliação e relaxação emocional
  2. Intimidade: comunicação protegida a um pequeno grupo e ex-pressão de emoções livre
  3. Anonimato: situação em que o indivíduo não tem nenhuma identidade com o outro, podendo libertar-se ou desobrigar-se da identificação ou semelhança
  4. Reserva: criação de barreiras psicológicas numa comunicação.
Espaço pessoal
Privacidade
HABITAR
Reflexões na relação do Homem-Espaço
Apropriação
Social - grupo ou familia
- "*(...)é um processo interativo que se traduz num mecanismo de adaptação, que varia em função do sujeito, do espaço e dos recursos disponíveis e concretiza-se através de meios em que a marcação e a construção de um espaço pessoal constituem as ex-pressões mais comuns.*" (p. 35)
- É transformar um lugar num ponto de referência e atribuir-lhe identidade
- É o encontro entre a perceção do uso e a cultura inerente a cada sujeito
- Define o ambiente consoante o espaço
- A maneira de apropriar o espaço está ligada mais intrinsecamente ao emocional através de recordações, vertente social e social que definem o Eu-Homem
- Na vertente social do espaço da casa temos a possibilidade de dois grupos: o social formal (visitantes) e o informal, este último sendo a família.
  1. No primeiro há uma certa formalidade, on-de há uma atmosfera mais controlada e comedida na partilha e interação social e cultural
  2. No segundo, a partilha da família, especialmente no *tipo de família de acolhimento*, procura-se uma interação descontraída e de total partilha, harmonizando assim os espaços pessoais e sociais de cada membro. O tipo de interação e estímulos está dependente também do tipo de família (monoparental, sem filhos, muitos filhos, etc)
- A associação de um es-paço a um ambiente protegido, de família, ajuda a uma maior permanência nos espaços e partilha do espaço pessoal de cada indivíduo
- Gathering e união familiar

duo, e este, consequentemente, depende dos fatores inerentes ao seu Eu-pessoal e no que é a sua identidade influenciada pela sua cultura, crescimento e capacidade social. Por exemplo: refugiados, emigrantes e retornados da emigração associam as casas mais facilmente ao abrigo e conforto pelas suas experiências pessoais mais ou menos traumáticas. Criar apego pelo lugar traz segurança e é algo que o indivíduo constrói inevitavelmente aquando da sua relação espacial da casa e a relação entre os vários ambientes. É algo que se ergue ainda mais com o passar do tempo, quando criamos laços com os espaços da casa derivados de memórias, de momentos de tristeza ou alegria ou pura e simplesmente porque foi a primeira casa ou porque demoramos muito a qualificá-la através da decoração. Mas o atributo de decoração é uma dimensão já complexa e requer uma análise, também ela, multidisciplinar, tratando-se de uma territorialidade e apropriação que pode ser fixa ou móvel, sendo um materializar dos gostos pessoais e culturais intrínsecos ao indivíduo.

No que diz respeito a analisar a evolução da hierarquização dos espaços e a necessidade deste acontecimento como é o exemplo da casa burguesa do Porto, é essencial confrontar os dois quadros no sentido de, nesta época (a qualidade do habitar mais remota sem grandes condições de salubridade, saneamento e divisões funcionais especificas), terem sido questões económico-culturais mais intrínsecas que, consequentemente, influenciaram na melhoria dos espaços. Na cidade do Porto a população era essencialmente mercantil, negociavam todo o tipo de mercadoria para além dos vinhos e tal modo de vida carecia de uma evolução que acompanhou um desenvolver económico e cultura da cidade com a expansão extra-muros e planos urbanísticos. Assim, em confronto com as *casas-tipo* do *Porto Mercantilista* e *Iluminista*, verifica-se um aumento da valorização de privacidade com o maior número de salas e divisões de zonas de serviços e social, fazendo crescer: uma permeabilidade entre espaços de receção (que serviriam também para reuniões de negócios), a proteção da zona mais privada da família e o caráter funcional de cada divisão (apropriação fixa), já que na matriz *mercantilista* o espaço não era qualificado de função sem ser a que o habitante mobilizava conforme a sua vontade e conveniência (a tal apropriação móvel) podendo ou não ter uma escada para sinalizar uma pequena transição entre espaços. No balanço geral da questão mais psicológica desta evolução, vemos uma capacidade de apropriação e territorialidade da parte do Homem mais acentuada e de forma crescente com a preocupação de ocupar o espaço e atribuir-lhe funcionalidade explícita, que trouxe consequências ao ambiente sendo apenas sugestivo e objetivo da interação pessoal e sociológica, que carece, assim, de variáveis psicossociais e comportamentais (das cinco possíveis).

No confronto com a evolução antropológica dos espaços que é o exemplo das tipologias que surgiram entre os anos 40 e 80 na cidade de Lisboa, verificamos um maior

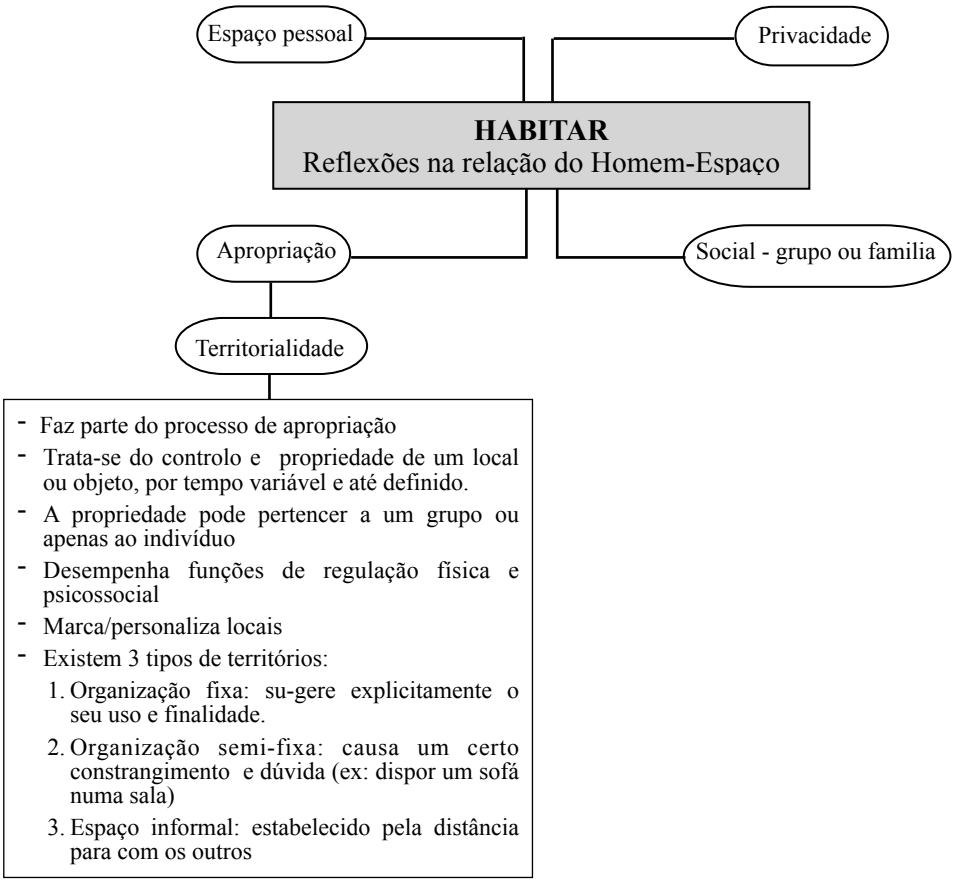


Fig. 69 (complementar com 68) — Diagrama sobre Habitar e reflexões das relações pessoais e inter-pessoais.

hierarquizar da tripartição de zonas (íntima, social e serviços) que, no fundo, zelam pelo espaço pessoal, pela privacidade e pela questão de *gathering*[42] familiar. Verificamos uma maior setoriação no sentido de melhorar e isolar os espaços propensos à valorização individual (os quartos e até a suite enquanto casal), preservando o espaço individual das personagens da casa, mas também a criação de facilidades de serviço (cozinhas e quartos de banho) e zonas sociais que tendem a simplificar-se com o tempo como é a junção da zona de refeições e zona de estar, que valoriza uma harmonia entre as diferentes entidades do espaço para erguer uma relação familiar, de união e proximidade.

De acordo com um artigo realizado na Universidade Federal do Ceará (Fortaleza, Brasil), que aborda temáticas da psicologia comunitária e psicologia ambiental, destaca-se a vinculação afetiva entre pessoa-ambiente presentes nos conceitos de sentimento de comunidade e no apego ao lugar[43]. Importante nesta intervenção é frisar os três processos que podem gerar um sentimento de apego: o primeiro refere-se à satisfação das necessidades da pessoa no local, havendo assim predominância dos componentes cognitivos e da relação funcional com o ambiente; o segundo relaciona-se com os significados dos lugares a nível simbólico e/ou físico em relação à identidade da pessoa; o terceiro, retrata-se num grande período de residência e familiaridade, com ênfase nas questões emocionais, no sentimento de segurança e no bem-estar que proporciona às pessoas. Portanto, fatores stressantes como assaltos, a insegurança, criminalidade, poluição, ruídos, falta de saneamento da zona onde vivem, influenciam a relação entre as pessoas e o seu ambiente e a breve noção de se *sentir em casa*. Normalmente uma pessoa que se integra bem numa zona ou bairro ou vive desde a juventude nessa casa, irá ser mais difícil escolher outro local para morar que não aquele. Ter essa ligação de comunidade tem efeito na criação de apego ao lugar da casa mas também, ao que circunda a mesma, seja pela vizinhança, zonas verdes ou parques ou facilidades de serviços, que dependendo dos valores da pessoa, irá pesar mais ou menos.

As famílias são o elo de ligação entre a casa-indivíduo, pois não só obrigam à existência de uma dinâmica - estando esta dependente do tipo de família: casal mais dois filhos, monoparental, casal sem filhos ou mono-residente - de coabitação e apropriação de e entre espaços. "*Mas, independentemente do grau de complexidade relacional interno de cada forma familiar, o estilo de interacções estabelecido com o exterior é muito importante e condiciona o estilo de interacções vivido internamente, ao mesmo tempo que é condicionado por ele.*"[44], porque o Homem é um ser social e será saudável ter essas relações fora do circu-

---

[42] Gathering - reunião, encontro, recolhimento, ajuntamento.

[43] **LIMA, Deyseane**; **BOMFIM, Zulmira** - "Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental"

[44] **PEREIRA, Sandra Marques**, "Casa e Mudança Social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir de casa". (p. 28).

lo familiar. Sandra Marques Pereira menciona a existência de dois modelos de família que vão ao encontro da evolução na sociedade moderna: a família instituição e a família companheirismo. O primeiro tipo defende ideais hierárquicos e pragmáticos, impostos de fora para dentro; já o segundo, a família companheirismo, como o próprio nome indica reflete o revés da situação anterior, uma família baseada nos laços afetivos e demonstração de amor, com maior libertação do que não será intra-familiar. Assim, enquanto o primeiro modelo se rege pelo poder e desigualdade, no segundo pronuncia a lógica equitativa e mostra-se indiferente a estatutos relativamente aos papeis dos cônjuges. No primeiro também se verifica ainda, o papel doméstico da mulher ou a instituição de uma figura interna extra-familiar para as lidas domésticas; já no segundo, as tarefas domésticas diárias são distribuídas pela família inteira, considerando a mulher como uma figura de liderança no trabalho de equipa nesse ponto, para além da figura materna - aqui vão se abandonando os estereótipos criados à volta da mulher como esposa, doméstica e mãe.

Na questão que diz respeito ao casal, mais especificamente, passamos por relações sensoriais ao nível emocional, sexual, motivacional, intelectual, estética, ética e projetual, que se refletem no quotidiano a quatro níveis: "*... as vicissitudes quotidianas de reprodução assimétricas, associadas à dupla jornada da mulher que, na generalidade, lida ainda com uma forte sobrecarga das actividades domésticas; as exigências de compatibilização de identidades, biografias e vivências relativamente contraditórias (o eu-individual, o nós-casal e o nós-família, quando existem filhos, que prefigura o chamado 'paradoxo contem-porâneo'; a enorme expectativa face ao amor; e ainda, e não menos importante, a expansão da reflexividade que induz a um exercício de permanente monitorização dos seus níveis de felicidade e autenticidade.*"[45]. A ideia de autenticidade vai ao encontro dos próprios movimentos sociais dos anos 60, que defende a libertação do Homem do que seria expectável no seu papel social e parental, e experiencias viver a sua verdadeira natureza.

Num estudo realizado na Brigham Young Univesity em Provo (Utah, Estados Unidos)[46] que acompanhou 170 famílias ao longo de um ano e teve como objetivo examinar as maneiras pelas quais os elementos reais (como a densidade) e percetíveis (como a aglomeração e distância) do ambiente domestico espacial ditam o funcionamento familiar, focando-se mais nos impactos dos elementos físicos da casa. Neste processo, no ditar do funcionamento familiar toma-se como exemplos dimensões como: responsabilidade afetiva,

---

[45] **PEREIRA, Sandra Marques**, "Casa e Mudança Social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir de casa". (p. 30).

[46] **THORNOCK, Carly; NELSON, Larry; PORTER, Chris; EVANS-STOUT, Cortney -** "There's no place like home: The associations between residential attributes and family functioning".

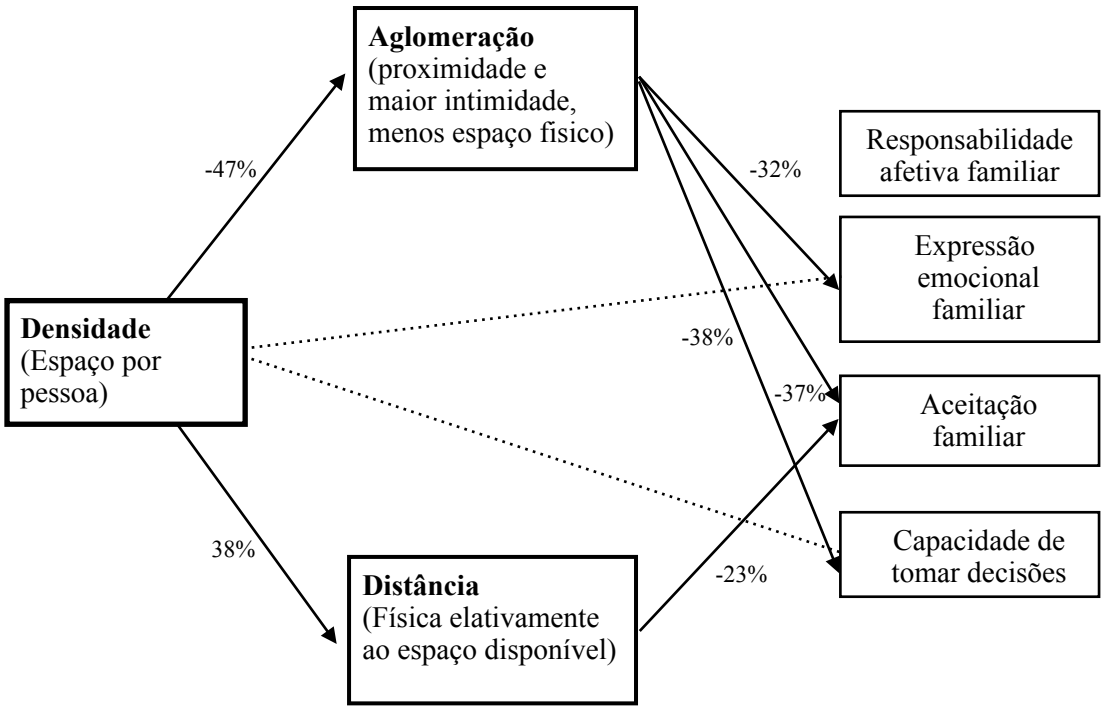


Fig. 70 - Diagrama representativo das consequências percentuais (estudado em 170 famílias) no que toca à aglomeração e distância na dinâmica de uma família.

expressão emocional, aceitação e tomada de decisões. Tem como base a análise do espaço definido pelas interações sociais e que impactos estas têm no desenvolvimento humano no modelo de estimulação ideal, cujo, por sua vez, é afetado pela estimulação ambiental igualmente. Se os níveis de estimulação forem muito baixos ou muito altos, as pessoas respondem negativamente, mas um nível ideal de estimulação permite um crescimento, afeto, desempenho e saúde saudáveis. Os elementos ambientais que demonstraram causar respostas de stress (ou seja, superestimulação) são ruído, aglomeração, mudança e ambiguidade. A abundância desses fatores ambientais stressantes tem o potencial de prejudicar as relações familiares, no entanto, quando uma casa medeia os efeitos de danos ambientais stressantes (por exemplo, permitindo espaço para cada família), o funcionamento e o comportamento da família são mais capazes de prosperar[47].

A casa tem várias funções, incluindo recreação, aprendizagem, descanso, recuperação, alimentação, trabalho, ensino e muito mais, portanto, neste ambiente complexo, o impacto da aglomeração e da distância tem o potencial de influenciar vários aspetos do bem-estar individual e relacional. Os atributos físicos do ambiente residencial são geralmente objetivos, mas a maneira como alguém se sente subjetivamente sobre esses atributos pode ter impacto nas suas atitudes e comportamentos em maior extensão do que as caraterísticas físicas em si. Especificamente, aglomeração (sensação de estar próximo dos outros) ou distância (quão distante alguém se sente dos outros no seu espaço) são dois fatores ambientais que têm a capacidade de interpretação diferencial com base nas perceções dos indivíduos sobre as dimensões físicas. As escaladas qualificativas da aglomeração pré-recebida e da distância percebida são maneiras diferentes de sentir o espaço que variam conforme a pessoa, como um indivíduo sentir-se mais confortável com o seu espaço pessoal mais preservado, e outro sentir-se distante dos outros devido à disponibilidade de espaço.

Através do diagrama 3 que descreve o modelo de estruturação equacional relativo às percentagens do estudo destas 170 famílias com filhos (onde no artigo está presente também duas variantes desta mesma mas adequada a famílias com filhos do sexo feminino e masculino), compreende-se que uma maior distância e respeito individual traz menos consequências nefastas, podendo haver apenas um risco em termos de falha de comunicação da aceitação familiar, aquando de proximidade e intimidade com os pais se esta distância for, de facto, demasiado significativa. Ao contrário, verificamos mais consequências negativas

---

47 O funcionamento familiar saudável e a conexão são frequentemente caracterizados por um padrão de interação caloroso e coeso. O funcionamento familiar saudável tem sido associado a uma infinidade de benefícios positivos. Por exemplo, o funcionamento familiar saudável tem se mostrado um fator de proteção contra a violência infantil e problemas de comportamento em geral. Em conjunto, a literatura existente demonstra que o funcionamento familiar é uma base importante sobre a qual a identidade, os valores e a motivação são construídos.

nas famílias que denotaram uma menor expressão emocional, menos aceitação familiar menor capacidade na tomada de decisões quando subsistia a aglomeração como ordem.

Este estudo teve como objetivo aumentar a compreensão sobre as formas como o ambiente configura as relações familiares e mostrar que uma menor densidade física dos espaços e relações sociais pode acompanhar um crescimento das relações familiares de forma saudável. O estudo conclui ainda: "*Com um olhar voltado para o futuro, construir uma casa que ajude os residentes a se sentirem seguros, com privacidade respeitada e estímulo social adequado, pode eliminar consequências potencialmente prejudiciais para a família.*"[48]. Os ambientes domésticos afetam a maneira como muitos se sentem sobre o seu espaço pessoal e, portanto, a casa como lar, por todos os fatores relatados anteriormente, tem o potencial de influenciar os relacionamentos familiares e individuais.

Não menos importante é refletir sobre a situação pandémica que se viveu nos últimos dois anos, onde se enfrentaram verdadeiros desafios no que toca à valorização do espaço pessoal, reunião familiar saudável e ainda que consequências tem a sensação de aprisionamento vivida individualmente por cada pessoa. Trata-se de um assunto muito mais atual e está a ser estudado nas áreas da psicologia e sociologia, mas que o próprio indivíduo dá conta de uma maior complexidade do que é viver em comunidade, tanto familiar como social, e assim ele vê-se como uma figura influenciadora do seu próprio estado espiritual e psicológico e que repercussões isso tem para o ambiente que frequenta.

[48] **THORNOCK, Carly; NELSON, Larry; PORTER, Chris; EVANS-STOUT, Cortney** - "There's no place like home: The associations between residential attributes and family functioning". (p. 46, artigo do "Journal of Environmental Psychology").

CAPÍTULO 3

Projeto: Reabilitar e Reabitar

"*Qual é o imediatismo do mundo que a casa visualiza e reúne? É a manifestação pura e simples do mundo dos fenómenos, em vez do mundo publico das explicações*."[49].

[49] **NORBERG-SCHULZ, Christian -** "L'abitare: l'insediamento, lo spazio urbano, la casa". (p. 89).

3.1 | Reabilitação: o novo projeto com melhoramento da dimensão emocional da casa

3.1.1 | Como formalizar fisicamente as vertentes multidisciplinares sensoriais inerentes à Arquitetura

O processo projetual, para além de inquietante, trata-se de um passo-a-passo na busca da forma, proporção e também ambiente. O arquiteto, desde a sua formação, aprende a viajar sobre os espaços, de forma a que possa projetá-los de acordo com a sua forma artística, já Álvaro Siza disse numa entrevista: *"Nós quando estamos a projetar, fazemos permanentemente percursos pelos nossos edifícios, esses percursos são uma espécie de domesticação de algo que começa a estar carregado de incoerências, contradições, etc. No final, o processo de projetar é também um processo de fazer constantes percursos e também, de novo, de libertar-nos um pouco deles."*. Sendo a Arquitetura uma expressão da arte multidisciplinar, que carece sempre do papel do Homem tanto no destino do uso do espaço, como na criação do mesmo, é importante perceber como as dimensões multidisciplinares em busca do ambiente perfeito se coordenam e materializam através da Arquitetura como objeto físico. As preocupações inerentes ao processo inicial desta materialização dão conta do lugar, envolvente e pré-existência como primeiras condicionantes, depois parâmetros como o trabalho da luz e sombra de acordo com as formas e composições espaciais, e só depois (e apenas talvez já que se trata de um trabalho de avanços e recuos) o programa funcional e os materiais como vidro, madeira e aço para formalizar qualitativa e funcionalmente o espaço. Por esta mesma ordem (não linear mas tendencial), no sentido crescente, constrói-se o ambiente desejado.

Alguns casos de estudo estarão neste discurso para melhor analisar as influências do pensamento destes três grupos de parâmetros que compilam as maiores condicionantes e vontades do projeto, como melhor forma de compreender que em todos atos está implícita uma moldagem do espaço funcional em prol do ambiente. Compreender os programas funcionais e as suas disposições irão sempre influenciar o que os antecede como a forma, a luz e sombra, mas, esta conexão funciona como um ciclo que dita condições sobre eles mesmos, estando assim dependentes e oscilando sempre entre retroceder e avançar na concretização do projeto. Como consequência deste ciclo estão as vertentes antropológicas, sociológicas e psicológicas associadas à disposição dos espaços e criação dos ambientes inerentes, que estarão também em análise ao ciclo descrito que toma parte da prática da Arquitetura. Esta análise feita sob o construído - não tendo em conta, assim, os processo do projeto - é um estudo que requer uma vista invertida, no sentido de procurar nas obras reco-



Fig. 71 - Planta dos dois pisos da casa de Peter Zumthor com a distribuição do programa funcional.





Fotografias do interior da casa de Peter Zumthor onde se valoriza o pé-direto duplo, materialidade e contato com a vegetação tão predominante: Fig. 72 (esquerda) - alçado Poente;
Fig. 73 (direita) - Fotografia interior da cozinha.

nhecimento na problemática da materialização das vertentes multidisciplinares emocionais inerentes ao papel da Arquitetura e como se pode transpor para uma projeto realizado de raiz, tendo a consciência da dimensão emocional da casa familiar e tudo o que requer.

O **primeiro** caso de estudo trata-se de um obra realizada por Peter Zumthor[50]: a sua própria casa em Haldenstein, Graubünden construída entre 1998 e 2005. Trata-se de uma habitação com componente de escritório na zona mais a norte, onde o edifício está circunscrito em vegetação numa porção de lote rural e a vegetação toma protagonismo de fora para dentro e de dentro para fora, pelos grandes vãos de janelas e pés diretos duplos. Zumthor disse, acerca da finalidade desta casa: "*Viver e trabalhar, família, filhos, netos; espaços para habitar, espaços para trabalhar com colegas mais jovens, ou inventar e projetar edifícios - para mim estas coisas são parte de um todo, é para isso que esta casa foi construída.*"[51], conectando assim a visão multifuncional inerente à distribuição dos espaços sociais desta casa, com toda a diversidade de ambientes que uma grande família e a conjugação do ócio e trabalho pode exigir. Complementa, assim, uma das inquietações acerca da multifunção aliada à plasticidade das formas em perfeita conexão com o espaço natural e apontamentos de vegetação.

Acerca da forma e da preocupação com a exposição solar, percebe-se a envolvência da natureza pretendida para ser trazida para dentro da casa, pela criação do pátio aberto interior onde as zonas de trabalho e de lazer se circunscritam, cujas aberturas são muito favoráveis tanto a nível de comprimento (por se desenvolverem na horizontal num bloco mais estreito) como a nível de altura (pela diversidade de pés diretos úteis ao longo das diferentes zonas sociais) relativas ao aproveitamento da luz, sombras e reflexos das árvores. Esta complexidade e variedade de espaços sociais (onde a cozinha, apesar de ser classificada como sendo de serviços, pode, muito bem, ser considerada um espaço de socialização também) está muito diluída pelas transições mais delicadas: sem portas, só pequenos corredores com alguns degraus. Esta falta de divisão física, mas que ao mesmo tempo permite ter uma fronteira entre espaços, proporciona, assim, uma confluência entre as divisões que, no que toca às zonas sociais, traz benefícios a nível do *gathering* familiar e lazer sociológico em geral, fazendo com as transições não sejam tão acentuadas e que seja possível uma maior adaptabilidade dos espaços e socialização aberta.

A nível de ambiente entre as zonas sociais, de trabalho e íntimas, as divisões são mais notórias, dando possibilidade a cada uma destas categorias espaço parar respirar, respeitar os

---

[50] Peter Zumthor (1943-…) é um arquiteto Suíço, professor Universitário aclamado no Instituto Pratt (Nova Iorque), reconhecido pelo prémio Pritker de 2009 e tantas outras obras entre habitação, locais de culto, museus e pavilhões. Todas as duas obras são marcadas pelo seu estilo minimalista e descomprometido.

[51] **DURISH, Thomas** - "Peter Zumthor 1985-2013: buildings and projects". (vol. 3; p. 34).



Fig. 74 - Planta dos dois pisos da Casa na Maia de Eduardo Souto de Moura com a distribuição e análise do programa funcional.





Fotografias do interior da Casa na Maia de Eduardo Souto de Moura, onde se verifica o corredor de distribuilção e o contato com o exterior e materialidade: Fig. 75 (esquerda) - Fotografia do quarto de banho da suite independente;
Fig. 76 (direita) - Fotografia do extenso corredor de distribuição.

momentos próprios que estas exigem: a ala mais a norte está destinada para o trabalho, a sul a zona social com as diferentes salas e cozinha, e no segundo piso, a zona dos quartos. Na própria zona íntima há uma valorização tanto a nível individual como de grupo, pela sala entre os dois quartos que proporciona uma transição que vem das salas do piso de baixo, aferindo assim um equilíbrio entre a distância a aglomeração no ambiente familiar e proporcionando uma multi estimulação que permite diferentes momentos para não ocorrer o erro da super estimulação.

O **segundo** caso de estudo trata-se da Casa na Maia do Arquiteto Souto de Moura[52] realizada em 2007. "*(...) As casas são como as pessoas (...) Portanto, há uma atmosfera, uma energia em que as pessoas se revêem na sua identidade. Quer no corpo, quer na roupa, quer nas casas. Portanto, as casas são como as pessoas: diferentes, manipuláveis, mexem-se.*"[53] - diz o arquiteto sobre o habitar e que vai ao encontro desta análise parcial. Contudo, este exemplo serve para perceber como é que a distribuição do programa funcional pode formar barreiras físicas e, consequentemente, ambientais, definindo momentos explícitos para a tripartição do íntimo, social e serviço mas, também, as divisões variantes destas componentes.

Trata-se de uma casa unifamiliar, situada na periferia e com uma área disponível favorável, com bastante espaço envolvente do logradouro onde foi construída uma piscina, zona coberta e de jardim a toda a volta. No piso inferior verifica-se um bloco mais destinado para a garagem e serviços, mas no rés-do-chão onde se pode também ter acesso à entrada, vê-se uma forma volumétrica, no seu todo, bem definida para a distribuição desta tipologia de 4 quartos. O que foi mais curioso para escolher esta obra foi o facto de se tratar de uma distribuição funcional na horizontal, onde se recorre a um espaço de transição e distribuição bem assinalado, estando bem presente a componente de hierarquia mas a confluência entre espaços nem tanto. É discutível o que a confluência de espaços pode trazer a nível de benefícios para o próprio ambiente tanto de uma divisão como um conjunto delas caso a mesma seja mais acentuada, mas um fator que se pode colocar em discussão é que pode trazer mais fluidez, serem espaços mais propícios ao *gathering* e, dependendo da área, permitem também que haja um equilíbrio entre distância individual ou de grupo e o apego ao lugar pelas relações interpessoais que esse espaço suscita.

---

[52] Eduardo Souto de Moura (1952-…) é um Arquiteto Português formado na Escola Superior de Belas Artes do Porto em 1981, onde se juntou ao movimento da *Escola do Porto*. Vencedor de prémios como: Prémio Pessoa (1998), Prémio Pritzker (2011), Prémio Secil (1992, 2004 e 2011), Prêmio Wolf de Artes (2013) e prestigiado por todas as obras nacionais e internacionais. No inicio da sua carreia trabalhou com Álvaro Siza Vieira e seguia as linhas horizontais de Mies van der Rohe, que mais tarde começou a abandonar e a criar o seu próprio estilo com a Casa em Cascais, por exemplo.

[53] **NUNO, Lacerda -** "Arquitectura e modos de habitar: Conversas com arquitectos". (vol. I, p. 34).

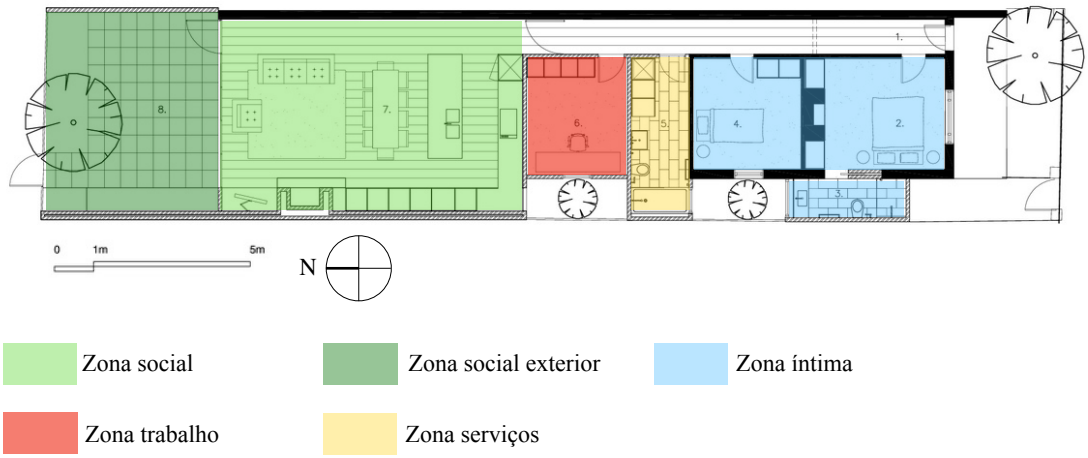


Fig. 77 - Planta da Armadele House com a distribuição do programa funcional.





Fotografias do interior da Armadale House, com destaque do espaço de trabalho com a visão plástica da entrada de luz e verificação da permeabilidade do espaço entre a zona social multi funcional e a zona exterior: Fig. 78 (esquerda) - Fotografia do escritório com a janela com o caráter mais plástico;
Fig. 79 (direita) - Fotografia da entrada e saída do pátio das traseiras.

Neste caso em especifico, a preocupação solar verifica-se pela opção de não ter aberturas nas paredes voltadas a Norte e a Sul (para evitar zonas demasiado frias e demasiado quentes, respetivamente) tendo assim o jardim voltado a Este como zona mais privada por ter janelas para os quartos, e o jardim voltado a Oeste para a zona das salas e cozinha que tem uma extensão que se divide em zona coberta e descoberta com piscina. O corredor que começa na entrada é o fator distribuidor e fronteiriço das grandes zonas compactas da casa: a zona íntima está voltada a Este com a suite independente (que tem uma zona de estar privada), tendo todos os quartos quarto de banho, zona de vestir e zona de dormir; a zona social está voltada para Oeste, onde o conjunto destes espaços tomam lugar e que são bastante divididas entre sala de estar, sala de jantar e cozinha (esta última sendo uma zona híbrida entre serviços e zona social no quotidiano). Há de facto uma porta a ligar estas três divisões que têm áreas úteis bem sucedidas relativas à prevenção de aglomeração, mas continua a gerar a ideia de uma funcionalidade fixa e uma relativa e pequena capacidade de adaptabilidade do espaço, estando todos os ambientes descritos e sentidos num discurso linear e vincado pelo seccionar de momentos específicos, embora que estes envolvam o habitante no requinte e simplicidade pela seletividade dos materiais escolhidos para revestimento ao longo da casa.

A **terceira** análise foca-se numa primeira abordagem à junção de várias atividades no que diz respeito à zona social e interpolação e espaços verdes e de luz com o edificado, tomando como exemplo a Armadale House dos Robison Bak Architects[54]. Uma habitação térrea apenas de um piso que se distribui num lote estreito e comprido, apresenta alguma complexidade no que toca a aspetos mais intra-familiares pela singularidade da compacta e multifuncional zona social, e o materializar de uma luz indireta em conjugação com a vegetação de forma a que haja mais relação entre exterior-interior e vice-versa. A exposição solar por si só não é propriamente favorável porque o bloco orienta-se no sentido Norte-Sul, mas, os cortes sucessivos na cobertura para formar entradas de luz singulares ao longo do corredor de divisões intimas, de trabalho e de serviço, torna os espaços também mais conectados com a vegetação que nesses pequenos pátios se inserem. Entra-se no fogo através do pátio da frente, onde a vegetação está também presente e atravessa-se o corredor de distribuição para as zonas íntimas (onde está presente a suite para o casal) e sociais que são distanciadas gradualmente com a presença mediática de um quarto de banho e uma zona de trabalho.

---

[54] Robinson Bak Architects - uma empresa Argentina fundada no ano de 2000 composta por três profissionais: María Victoria Besonías, Guillermo de Almeida y Luciano Kruk. Consideram que a arquitetura moderna deve ser sumariamente flexível e receptiva aos desejos do cliente, e que uma casa particular pode e deve ser construída da maneira simples e elegante possível.



Fig. 80 - Planta da Bonson Bonsai House com a distribuição do programa funcional, juntamente com o corte longitudinal para melhor se compreender os pátios interiores e a fragmentação da forma.

No caso da divisão de trabalho (no escritório) a janela para o segundo saguão adquire uma visão mais plástica, estando alinhada com a árvore, para ser ainda mais notório da perspetiva de quem está sentado na secretária, a presença no fator natureza, capacitado de propriedades de relaxamento e ambiente singular. A zona social, como referido, trata-se de um espaço multi-funcional que serve de cozinha, sala de refeições e sala de estar e, com a proximidade do pátio das traseiras (orientado a norte) e a grande parede de vidro, existe uma estimulação de prolongamento desse espaço interior para o exterior que, toma também, funcionalidades sociais e de convívio.

Pode-se verificar, deste modo, que a confluência de funcionalidades no espaço reservado para o fator social da casa, é necessário ter em conta o equilíbrio entre: uma aglomeração controlada por essas multi tarefas, a distância entre e dos indivíduos e ainda o *gathering* familiar. No entanto, quanto maior o contato com o exterior pelas sucessivas entradas de luz através de pátios e os próprios terraços a norte e a sul do edificado, maior será a potencialidade do ambiente introspetivo individual do habitante quando reservados esses momentos de pausa no seu espaço mais protegido seja ele qual for na casa, porque a claridade da luz, os reflexos da vegetação e o ruído da mesma traz consigo harmonia e uma apropriação de espaço mais orientada para estes mesmos elementos, como é o caso da disposição das camas nos quartos, da janela do escritório, e a banheira do quarto de banho partilhado, por exemplo. Está-se perante uma predominação do tipo de f*amília de companheirismo* pelas diferentes oportunidades de estimulação que uma casa de divisões sociais mais partilhada pode proporcionar.

A **quarta** obra a explorar trata-se da casa Bonson Bonsai de S+S Architects[55] em Bangkok, Tailândia, construída no ano de 2017. Os habitantes desta casa desejaram reabilitar o antigo edifício de maneira a que o melhoramento fosse ao encontro: "*A melhoria concentra-se na implementação da ideia de equilibrar as necessidades funcionais essenciais com espaço verde e utilizar a natureza na vida diária no perímetro existente. Eles acreditam que viver de forma sustentável com a natureza pode ajudar a melhorar a qualidade de vida e reduzir o consumo de energia de forma eficiente.*"[56] porque num contexto de uma cultura oriental e naturalista, onde se eleva a natureza como a origem e cura de todas as coisas, será de esperar a co-relação tão intrínseca do construído com espaços verdes e de luz.

Neste caso a forma ganha mais complexidade pela conjugação do construído-natureza distribuído em altura, onde elementos verdes estão presentes e em relação de fora

---

55 S+S Architects - Grupo de colaboradores fundado desde 2009 baseados em Bangkok, Tailândia, focados em projetos de habitação e em projetar e renovar casas e edifícios com perspectivas encantadoras e interiores misturados com estilos clássicos e modernos da Arquitetura.

56 Traduzido de um artigo escrito por Sowat W. na página oficial Facebook do atelier responsável pela obra.

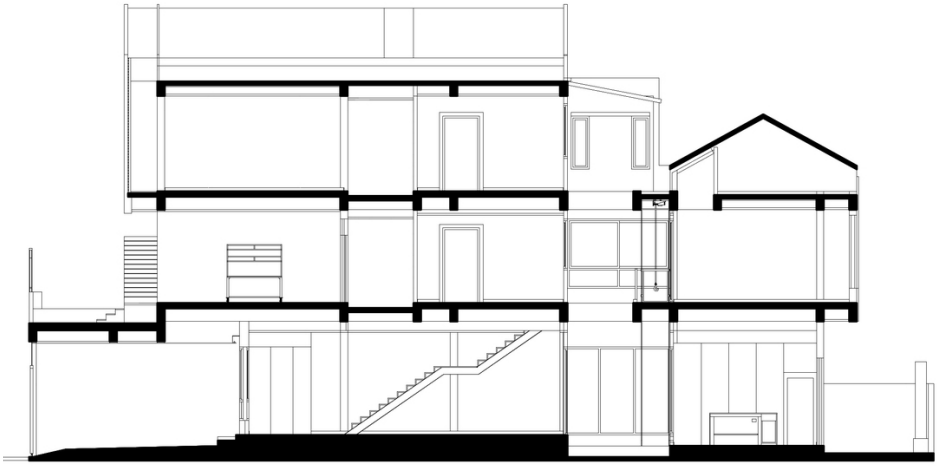


Fig. 81 - Corte longitudinal Bonson Bonsai House para melhor se compreender os pátios interiores e a fragmentação da forma.





Fotografia do interior da casa, com especial foco na relação dos pátios com o interior, para melhor compreender o inundar da vegetação no espaço funcional: Fig. 82 (esquerda) - Vista para um dos pátios interiores;
Fig. 83 (direita) - Vista através de um dos pátios interiores para o escritório.

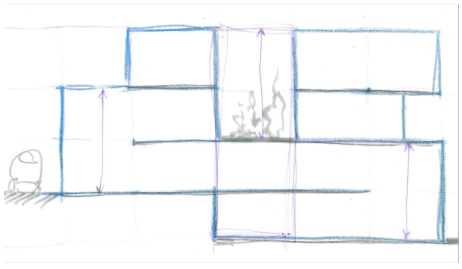
para dentro, de dentro para fora, fora e dentro da habitação. Os habitantes são autênticos apaixonados por bonsais, o que traz uma necessidade de luz natural acrescida, e assim conjugação de pátios interiores e terraços era essencial para que, em vez de os bonsais se integrarem no ambiente, eles mesmos proporcionassem o ambiente e estivessem já incluídos como se de um elemento físico arquitetónico - como uma parede ou janela - se tratasse. Verifica-se então este interpolar de cheios e vazios em conjugação com o programa funcional, cujo é distribuído verticalmente com escada e corredores nem sempre eles fechados presencialmente através de portas para assim a luz dos pequenos pátios iluminarem a zona de transição, e trata-se de um programa também ele bastante estimulador socialmente pelas diversas zonas de estar tanto exteriores como interiores, e ainda, uma diluição presente na zona intima com três quartos nos últimos dois pisos (privilegiando sempre a questão da suite). Neste exemplo o individualismo é um conceito mais intrínseco na própria cultura, visto que a conexão do Eu-próprio é retratada em momentos de paragem e relação com tudo o que circunda sensorialmente e daí ser tão importante uma maior conexão com a natureza e existir, também, um *buddha room* como um espaço meditativo e introspecção pessoal.

A preservação do ambiente doméstico, no caso de casas orientais chega também a questões de cargas energéticas do espaço que vai um pouco ao encontro das entradas de luz e sombra, aglomeração e distância (a distância é sem dúvida muito respeitada e valorizada), e consegue-se harmonizar não só através de materiais e volumetrias, mas também na estimulação de zonas sociais onde a natureza está presente, permitindo assim uma adaptabilidade do espaço mais possível no sentido se poder desfrutar de todas as zonas com propósitos funcionais mas também espirituais.

De acordo com a abordagem no subcapítulo *A casa e o Homem em vertentes multidisciplinares*, conclui-se que o fator cultural é de facto determinante para o conceber do ambiente ideal - conceito que varia conforme o Eu-individual e o Eu-grupo tanto social como familiar - mas, já que o ambiente depende do espaço criado pelo Arquiteto e desejado pelo habitante, será moldado e influenciará o processo projetual a nível da forma, organização funcional em conjugação com a luz e sombra e ainda materialidade. O que se retira desta breve análise é, não só os fatores culturais intrínsecos a escolhas da forma do projeto, mas também uma análise mais detalhada no que diz respeito: a tentar equilibrar o fator distância *versus* aglomeração, a melhoria dos modos de habitar de acordo com a diversidade dos ambientes respeitando o primeiro ponto e tentar trazer toda a dimensão emocional da casa no que é hoje um lar familiar para resolver as condicionantes do lugar.

Tabela 1 - Requalificação do programa funcional

ANTES		DEPOIS
Pátio subdividido		Pátio inteiro
Fração A	**Fração B**	**Fração única**
3 quartos (6, 5,5 e 9,5 m²)	4 quartos - 1 suite (6,2; 8,7; 8,1; 8,8 m²)	4 quartos (15,9; 14,1; 17,8 m² e 1 suite 31,35 m² com wc)
1 sala de estar (9,5m²) agora quarto	3 salas de estar (21,6; 9,55; 22,6 m²)	2 salas de estar (29,6 e 20,4 m²)
1 sala de jantar (7,4m²)	1 sala de jantar (10,6m²)	1 sala de jantar partilhada com kitchenette (41,5m²)
1 cozinha (7,16m²)	1 cozinha (8,1 m²)	3 quartos de banho (1 privado 5,7m², 1 partilhado 5,4m² e 1 serviço 4,8m²))
1 quarto de banho partilhado (3,92m²)	2 quartos de banho (1 privado 4,75m² e 1 partilhado 5,14m²)	3 anexos/arrumos (3,5; 3,5 e 4,5m²)
1 anexo/arrumos (6,8m²)	2 anexos/arrumos (3,33;16,4m²)	1 lavandaria (2,7m²)
Circulação (16,7m²)	1 lavandaria (2,2m²)	1 escritório (17,5m²)
		1 varanda (10,1 m²) e 1 pátio interior (13,5m²)
	Circulação (33,8m²)	Circulação (56m²)
		Anexo traseiras (Viela dos Gatos) 30m²
		Kitchenette
		Zona de estar
		Quarto de banho de serviço



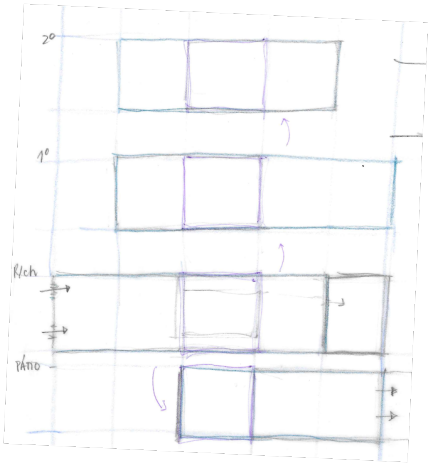


Fig. 84 e 85 - Esquissos do processo criativo, conjugações de volumes fragmentados e proporções trabalhados em planta e corte longitudinal.

3.1.2 | A nova qualidade e diversidade de espaços: balanço entre programa funcional e ambiente

Quando se fala do ambiente do espaço, pelo que já se provou ao longo do discurso, nesta reabilitação fala-se também do espaço disponível para coordenar o programa funcional. É essencial confrontar-se o estado do edifício à priori com projeto proposto para melhor compreender não só a formalidade dos melhoramentos a nível das formas, luz, programa funcional, mas, também, os diferentes tipos de ambiente que essas mudanças proporcionarão.

No decorrer das breves análises às obras de estudo, recorrer à globalidade como processo inverso é importante porque também a forma e proporção ajudam a conceber um ambiente equilibrado e confortável. Uma das problemáticas mais acentuadas neste edifício é a falta de luz no interior da área disponível por piso, havendo assim todos os quartos sem luz e apenas algumas salas e quarto de banho com direito a luz natural e ainda, o não aproveitamento do desnível entre a a frente do prédio (a rua da Fraga) e a cota do logradouro (exatamente 1,7 metros de diferença). Complementarmente, começar por colocar os serviços como escadas, quartos de banho, e arrumos no interior do edificado era essencial para preservar as frentes das fachadas para zonas sociais e íntimas, sendo que a proporção básica em quadrados e retângulos fez parte dos raciocínios. De seguida, um fragmentar da forma estrita do retângulo da área bruta disponível iria causar mais correlação entre pisos mas também permeabilidade entre as divisões sociais em altura e no próprio perímetro, assim como a criação de um ponto de luz no centro do edifício para uma maior relação interior-exterior.

Uma anterior análise feita à qualidade da luz natural na preexistência fez entender o porquê da necessidade desta intervenção, e sem dúvida que foi uma das maiores preocupações deste projeto e pelas inspirações das obras estudadas antropológica, social e psicologicamente em confronto com o programa funcional, o contato com interior-exterior e a contaminação da vegetação para o interior da casa era ditadora de um ambiente harmonioso e que transmitisse alguma adaptabilidade a nível das necessidades individuais.

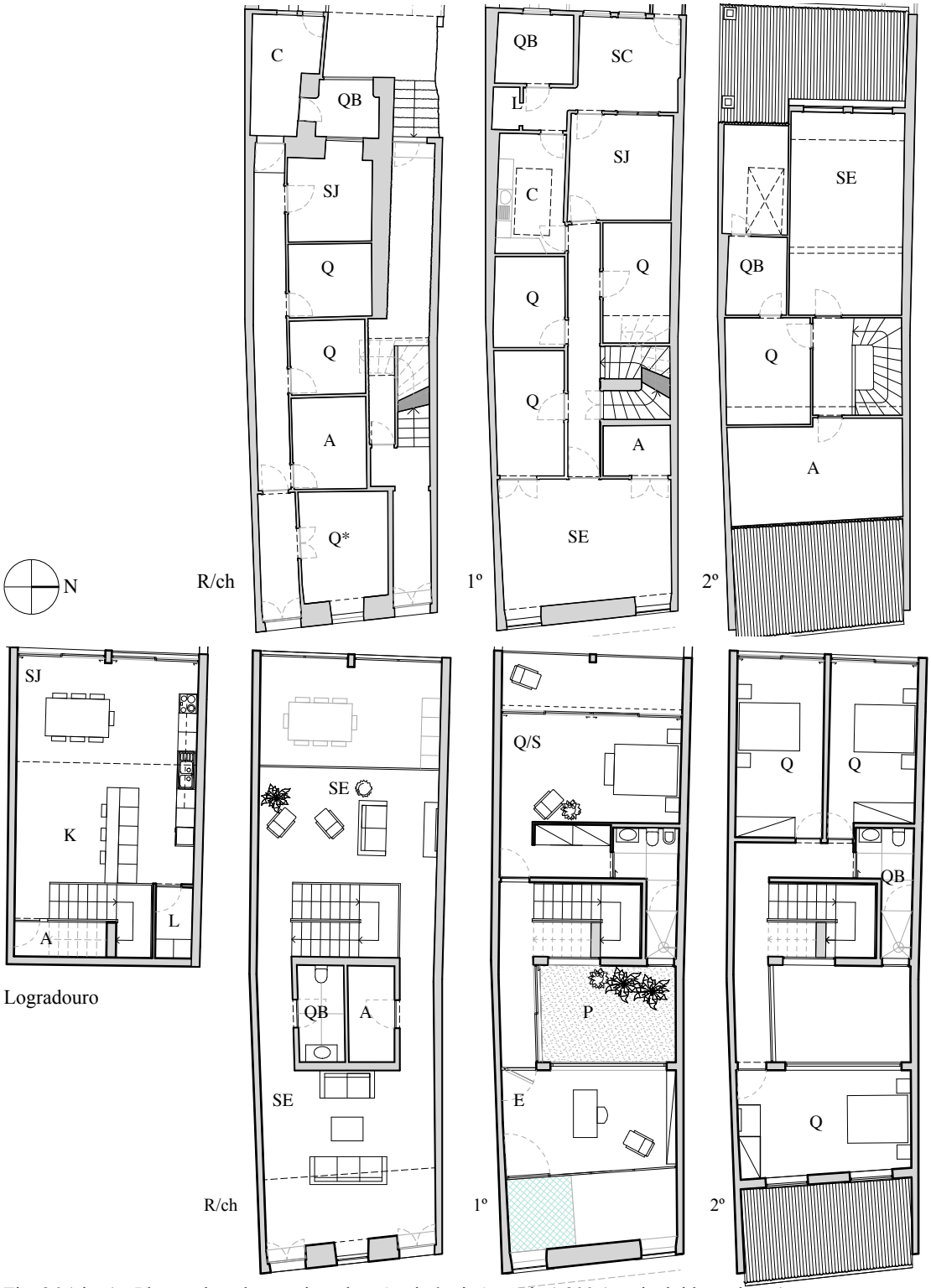


Fig. 86 (cima) - Plantas de todos os pisos da pré existência à escala 1:200 (não inclui logradouro).
Fig. 87 (baixo) - Plantas de todos os pisos da proposta de intervenção à escala 1:200 (não inclui logradouro).
Legenda: Q* - Quarto adaptado; Q/S - Suite; K - Kitchenette; C - Cozinha; Q - Quarto; A - Arrumos; L - Lavandaria; SE - Sala estar; SJ - Sala jantar; SC - Sala costura; QB - Quarto de Banho; P - Pátio.

Como tal, e com o esquema-resumo na tabela do programa funcional e as plantas do antes e depois, verifica-se um maior aproveitamento da luz natural em prol da luminosidade extensa e conforto do espaço principalmente em zonas íntimas pela criação de quatro quartos em dois pisos, privilegiando a existência de uma suite de 31m^2 com varanda privada de 10,1m^2 com uma vista sobre o logradouro. Os quartos do segundo andar partilham um quarto de banho, e variam entre 14,5m^2 e 17,5m^2. A zona de trabalho em contato com o pátio que tem acesso ao exterior, é criada por cima da sala de recepção e de estar e é ligada a uma rede suspensa em material de pesca sob essa mesma divisão, onde é possível proporcionar um momento de lazer após o trabalho.

Os corredores de 1,10 metros são pontuais e necessários para aceder à escada que liga os diferentes pisos, não existindo portas a não ser para entrar em divisões privadas e são envolvidos com a luz que disponibiliza o pátio, com todas as sombras da vegetação e a possibilidade de abrir janelas para ventilação natural. Este pátio ilumina ainda as escadas, o escritório, o quarto do segundo andar e a zona de chuveiros dos dois quartos de banho através de uma janela de vidro baço. Existem várias zonas de estar com diferentes relações entre espaços tanto em altura como em planta, com é o caso da sala de estar orientada para o logradouro no piso do rés-do-chão que estabelece uma relação direta com a zona de refeições e *kitchenette* no piso inferior, protegida apenas com uma guarda de vidro, a qual serve para uma zona mais lúdico-interativa. Este ponto vai um pouco ao encontro de valorizar o que já existia anteriormente pela janela grande que fazia ligação com a zona de jantar e a sala de costura que serviria como ampliação, com o contraponto de a cozinha ser uma zona fechada, sem a possibilidade de acesso ao exterior para ventilação natural. A *kitchenette* está equipada de balcões e uma zona de refeições rápidas, uns arrumos por baixo das escadas e uma pequena divisão de serviços de lavandaria, juntamente com a zona de jantar com pé direito duplo mais perto das janelas que dão acesso direto ao logradouro pelas janelas de correr.

A zona exterior até à Viela dos Gatos tem um potencial enorme no que toca à diversidade de espaços verdes, permeáveis para zonas de estar ao ar livre, a possibilidade de construir uma piscina e ainda um pequeno anexo que serve para pequenas ocasiões e até casa de hóspedes. Neste caso foram mesmo essas as opções no alçado tardoz, com especial foco na proximidade com a kitchenette e zona de refeições interior para proporcionar também uma zona de refeições ao ar livre com barbecue e uma zona de estar para convívios menos formais.



Fig. 88 (primeira) - Alçado frontal da pré existência à escala 1:200.
Fig. 89 (segunda) - Alçado tardoz da pré existência à escala 1:200 alinhado com o frontal pela cota zero metros.
Fig. 90 (terceira) - Alçado frontal da proposta de reabilitação à escala 1:200.
Fig. 91 (quarta) - Alçado tardoz da proposta de reabilitação à escala 1:200, alinhado com o frontal pela cota zero metros (de entrada).

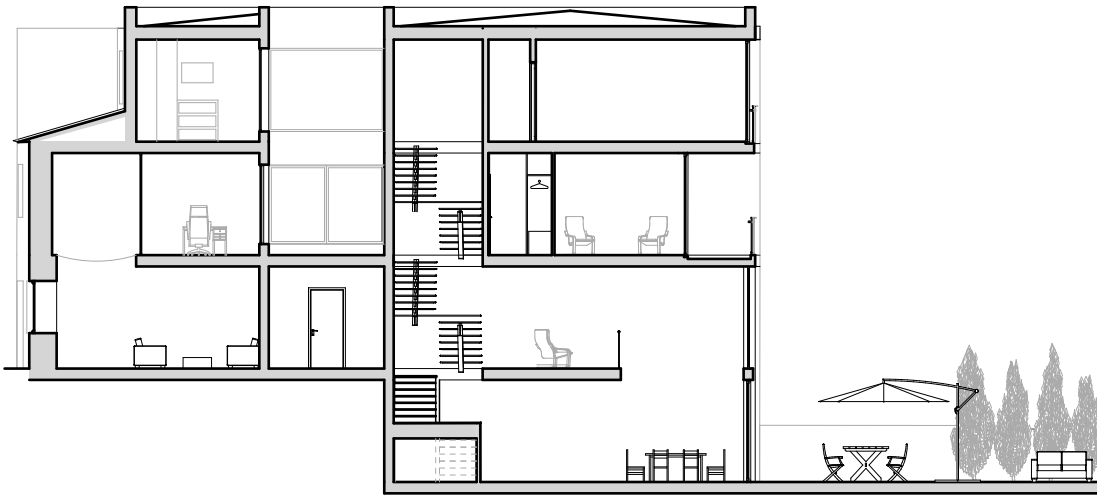


Fig. 92 - Corte longitudinal da proposta de reabilitação pelo descanso das escadas à escala 1:200, onde se vê os diferentes pisos e complexidade de forma, e sugestão de uso dos mesmos.

Os muros que dividem as propriedades no logradouro terão igualmente de ser reajustados, porque para além e não respeitarem uma altura que traga segurança e privacidade, estão em estado de degradação, principalmente a zona mais perto da Viela dos Gatos, que será reformada com a construção do anexo. Este anexo servirá de casas de hóspedes ou pequenas ocasiões de refeição e convívio com exposição solar mais controlada pelo volume do edificado à sua esquerda que proporciona uma zona de sombra até meio da tarde, e será equipado no seu interior com uma pequena zona de preparação de refeições, quarto de banho de serviço e uma zona de estar e descanso que permitirá pernoitar.

No que toca à imagem do edifício relativamente à rua da Fraga orientada a Este, e visto se tratar de uma rua medieval e património da cidade, teve-se o cuidado de dar continuidade ao desenho da rua já que a "*Continuidade, portanto, significa algo mais do que pura sequência linear; também indica que a variedade deve se apresentar como uma variação dos temas locais predominantes …*"[57]. Deste modo, preservou-se as aberturas, melhorou-se caixilhos, materiais da fachada e até manteve-se o recuado no terceiro piso com o telhado em telha bem presente e abriu-se apenas duas janelas neste piso que, curiosamente, vão ao encontro do projeto de melhoramentos de 1974 que não se realizou, ficando no estado atual com uma zona de anexos inutilizada. No alçado tardoz, para aproveitar a exposição solar a Oeste, e com uma partição ritmada em quatro, o vidro em todo o vão foi a opção mais viável para aproveitar o máximo possível da exposição natural tão favorável mas controlada, visto que não está orientada a Sul. Nesta fachada estão orientados três quartos, uma sala de estar e a *kitchenette* numa zona partilhada com a sala de refeições.

A nível de melhoramentos construtivos, era essencial viabilizar a conservação de temperatura estável e favorável no interior do edifício principalmente na zona virada a Este (Rua da Fraga) porque a moradora sempre se queixou que era mais fria, para isso a troca para caixilhos de vidros duplos e reforço no isolamento das paredes exteriores é necessário, que estética e exteriormente intercalam a sua cor preta com a pedra no rebordo do caixilho de calcário bege e as paredes estucadas a branco. Curiosamente, com o último inverno, esta sala de estar virada à rua da Fraga sofreu nas suas paredes uma infiltração e o teto trabalhado a gesso, que tanta peculiaridade dava ao espaço, começou a cair entrando em estado de degradação. Na fachada voltada para o logradouro, a utilização de caixilhos duplos será im-

[57] **NORBERG-SCHULZ, Christian** - "L'abitare: l'insediamento, lo spazio urbano, la casa". (p. 56).

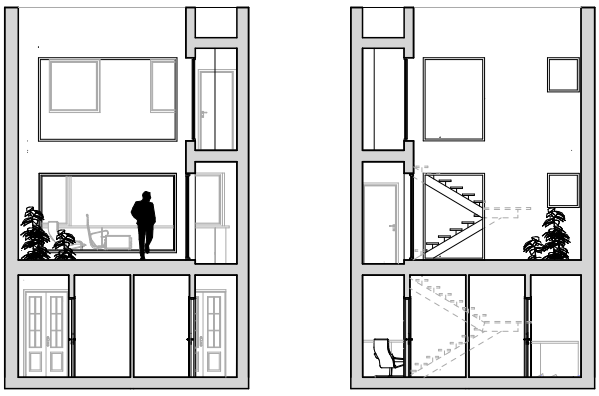


Fig. 93 - Cortes transversais da proposta de reabilitação pelo pátio com as duas vistas à escala 1:200.

portante para ajudar a manter o ambiente mais fresco, já que a exposição solar é bastante favorável a partir do meio dia.

Num balanço do programa funcional, requalificar o edifício a nível do aproveitamento da exposição solar e equilibrar a diversidade de diferentes usos, era imprescindível para a criação de novos ambientes em prol de uma vida individual, familiar e de grupo com mais qualidade a nível de conforto, nivelar a estimulação entre e dos espaços e proporcionar uma maior adaptabilidade das divisões e espaço para cada pessoa valorizar a sua identidade.



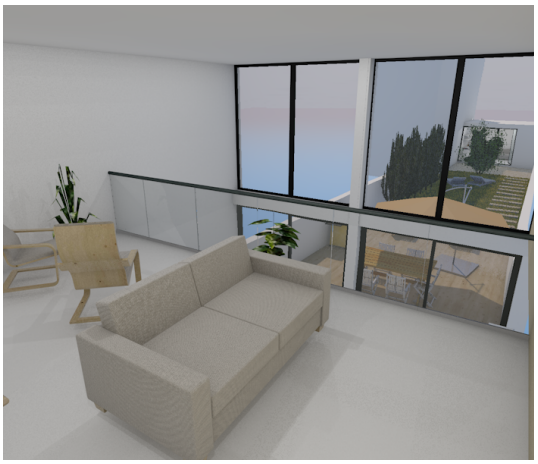


Fig. 94 (esquerda) - Vista do alçado frontal da proposta.
Fig. 95 (direita) - Fotografia do contexto sala de estar com vista para o logradouro.





Fig. 96 (esquerda) - Vista kitchenette para o exterior.
Fig. 97 (direita) - Vista da extensão do logradouro da proposta.





Fig. 98 (esquerda) - Vista da kitchenette para o exterior.
Fig. 99 (direita) - Vista do escritório para o pátio.

3.2 | Reabitação: *gathering* e individualismo de mãos dadas

> "*A palavra 'habitar' aqui significa qualquer coisa como haver um teto sobre a cabeça e um certo número de metros quadrados à disposição. Primeiro, significa encontrar outros seres humanos para trocar coisas, ideias e sentimentos, isto é, para experimentar a vida como uma infinidade de possibilidades. Segundo, significa dar-se bem com alguns deles, isto é, aceitar um certo número de valores comuns. E por fim, significa ser você mesmo, isto é, escolher um pequeno mundo pessoal. Podemos chamar a estas três formas: o habitar coletivo, habitar público e habitar privado*."[58]

3.2.1 | O equilíbrio e dinâmica entre a dicotomia distância-aglomeração numa casa familiar

Como citado anteriormente, este projeto de reabilitação foca-se numa valorização da exposição solar nas zonas sociais e íntimas (qualificando mais estas últimas, comparativamente à falta de salubridade na preexistência), um melhoramento da distribuição do programa funcional, mas também na criação da multi estimulação e variedade na vida quotidiana individual, de grupo e familiar.

No que diz respeito à distância necessária para uma individualização equilibrada (espaço pessoal e privacidade), as zonas íntimas são bastante preservadas e com barreiras físicas bem estruturadas: quartos individuais com áreas favoráveis e ainda uma intimidade de casal a possibilitar esta ala mais complexa e típica de uma família. Mas, também em zonas comuns como o pátio interior, o escritório e o logradouro são áreas que possibilitam um ambiente propício à concentração e introspecção no Eu-individual e no Eu-identidade. O pátio, por si só é bastante complexo: por estar envolvido com elementos naturais e ter uma entrada de luz quase pontual e que, dependendo da altura do dia, as sombras também transcendem. A questão da luz/sombra vai sempre ser uma dicotomia no papel do arquiteto no que toca à criação de ambientes porque, por exemplo, na arquitetura oriental a sombra é tão ou mais importante do que a luz e deve ser criada com propósito. Também está presente, esta intenção, pois o pátio é bem mais alto no que diz respeito ao seu perímetro e conforme o horário diurno, se criarão sombras e moldagens de texturas e cores nos materiais e vegetação

---

[58] **NORBERG-SCHULZ, Christian** - "L'abitare: l'insediamento, lo spazio urbano, la casa". (Trad. p. 7).



Fig. 100 - Plantas de todos os pisos da proposta de reabilitação à escala 1:200 com a análise do programa funcional. (não inclui logradouro na totalidade). Legenda: Q* - Quarto adaptado; Q/S - Suite; K - Kitchenette; Q - Quarto; A - Arrumos; L - Lavandaria; SE - Sala estar; SJ - Sala jantar; SC - Sala costura; QB - Quarto de Banho; P - Pátio.

pois "*As cores que nós gostamos para os objectos de uso diário são estratificações de sombra; as que eles (ocidentais) preferem são cores que condensam em si mesmas todos os raios do Sol*."[59]. Esta constante valorização da luz natural, que faz realçar tudo o que é apropriação móvel e fixa dos ambientes (como por exemplo na sala de jantar e cozinha pelos vidros no vão inteiro), pode-se também admirar pela falta dela no pátio interior, fazendo com que a sombra e a falta de luz sejam um objeto plástico da moldagem dos ambientes. Os reflexos dos vidros que circundam o pátio que refletem para o interior e do escritório para o próprio exterior, é uma singularidade cheia de possibilidade e mutável ao longo do dia pelas sombras criadas através abertura na cobertura e ajudam a criar um ambiente de trabalho inspirador mas também acaba por ser uma zona de puro relaxamento por esta peculiaridade descrita. Já no logradouro, as possibilidades funcionais são realmente enaltecedoras de uma estimulação equilibrada, porque estando no exterior com um ambiente tanto de lazer, como lúdico, como de relaxamento, a distância que se tem da apropriação funcional e das pessoas podem ser ainda maiores do que no interior, o que propicia ainda mais a conservação do espaço pessoal e esse fator tem repercussões positivas no ambiente de grupo e familiar. "*Se estamos bem connosco próprios, vamos estar bem com os outros. E para estarmos bem connosco, as vezes só precisamos de respirar, saber respeitar o tempo e espaço para respirar.*"[60] e por isso é que ter momentos reservados para o Eu-individual é tão requerido para um ambiente habitacional de coabitação saudável, e o exterior proporciona, muito facilmente esse equilíbrio.

Relativamente à aglomeração, pode ser vista e descrita no diagrama 3 como sendo uma consequência da coabitação mediante um espaço disponível que, por norma, é reduzido, é também um termo implícito no *gathering* familiar. Neste projeto as zonas sociais foram tomadas em conta como tendo a possibilidade de se adaptarem aos ambientes requeridos e vice-versa, zelando sempre pela reunião e partilha de uma estimulação que é influenciada pela apropriação fixa e móvel do programa funcional. A fragmentação descrita na forma do edifício, os diferentes pés-direitos e partilha dos ambientes em altura como é o caso da sala de estar e receção (de frente para a rua da Fraga) e o escritório, acabam por conferir essa característica híbrida de coabitação de uma zona de trabalho e íntima com zona social, como é possível estar na rede suspensa e participar numa conversa que ocorre no piso inferior.

---

[59] **TANIZAKI, Junichiro -** "Elogio da Sombra". (p. 49).

[60] *Auto-reflexões sobre a toxicidade dos ambientes interiores versus a liberdade dos ambientes exteriores.* (Anexo 6).



Fig. 101 - Corte longitudinal da proposta de reabilitação à escala 1:200 com a análise do programa funcional (relacionado com a planta).



Fig. 102 - Imagem onde se percebe os ambientes funcionais dos espaços através da apropriação móvel mas também fixa.

Estes vice-versa constantes, são o que permitem aos espaços ter uma capacidade acrescida de adaptabilidade e é isso que pode conferir, carecendo de mais fatores, a sensação de conforto ambiental para uma família-tipo de *companheirismo*. Já no caso da frente para o logradouro, tem-se uma zona de estar suspensa sobre a cozinha e zona de jantar, onde se pode estar mais entretido com ecrãs e atividades lúdicas mas também perceber o que se passa no piso inferior. Esta zona da cozinha e refeições, carece de especial atenção para a modernização progressiva que tem existido no papel em volta das tarefas domésticas, tratando-se assim a cozinha de um espaço de partilha de momentos: sociais, lúdico, do quotidiano, onde é possível a mãe estar a preparar o jantar, e os filhos a fazer os trabalhos de casa com a sua ajuda; é possível os pais (homem e mulher) estarem a cozinhar juntos num fim-de-semana para um jantar temático; é expectável que os filhos, hoje, aprenderem a cozinhar com os pais; e é frequente ainda receber pessoas intra e extra-familiares na zona de refeições mais formais, todos dispostos à mesa ou a petiscar na zona de refeições rápidas usadas commumente para pequenos-almoços. Ainda importante é reforçar o leque de possibilidades que o logradouro confere para o enriquecimento de estímulos sociais (para além dos individuais referidos), tratando-se de uma zona multi-disciplinar a nível lúdico, lazer e relaxamento, proporciona momentos familiares e de convívio.

Entre estas possibilidades que são acontecimentos proporcionados também pelo tipo de ambiente e que ditam a qualidade do conforto que o indivíduo consegue sentir entre o equilíbrio da aglomeração e distância, não é de dispensar a necessidade de expressar o ambiente como uma dimensão intrínseca na cultura, orientação e identificação do lugar. A identificação do lugar está dependente da identidade de quem o apropria: de forma fixa, através do papel do arquiteto que cria as fronteiras entre os diferentes usos funcionais dos espaços conforme o desejo do cliente; e de forma móvel, através do papel do habitante e disposição da mobília decorativa e funcional, que já fora uma componente influenciada pelo Arquiteto. Dizendo, mais sinteticamente, que "… *o habitar consiste de orientação e identificação. Devemos descobrir onde estamos e quem somos, de modo a que a nossa existência ganhe significado. Orientação e identificação são alcançados através do espaço organizado e forma construída, isto é, através da arquitetura*."[61], e será essa identificação que levará a um reconhecimento de pertença a um certo lugar e portanto, a um apego ao lugar que elevará o conforto ao mais alto nível.

---

[61] **NORBERG-SCHULZ, Christian** - "L'abitare: l'insediamento, lo spazio urbano, la casa". (Trad. p. 7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mapear a evolução da cidade envolvida no objeto de estudo constituiu uma primeira abordagem que, para além de levantar as problemáticas inerentes à arquitetura, tornou claro que o edifício não acompanhou a evolução da cidade de Vila do Conde. Desta forma, e pela condição de o edifício pertencer a um lote e rua inseridos e protegidos pelo património, na fachada principal do projeto revelou ser importante manter as aberturas e estrutura do telhado em telha na parte recuada do terceiro piso, para assim dar continuidade à fisionomia histórica da rua da Fraga, agora preservada e melhorada termicamente no interior da habitação.

A investigação recorreu aos exemplos da cidade do Porto e Lisboa porque, em cada uma das tipologias da cidade, foi adotado um novo conceito e dimensão na habitação. Abordou-se a evolução da hierarquia dos espaços na casa burguesa: na formação de barreiras, funcionalidades e apropriações fixas, para além das móveis mais commumente utilizadas desde os séculos medievais; falou-se da sistemática complexidade das divisões num extremismo desta hierarquia: a típica casa burguesa do Porto *Liberal* e o modelo d'*o Galeiro* em Lisboa com zona de serviços muitos dividida, de propósitos funcionais dos mais variadíssimos fins; referiu-se um processo ascendente da época Moderna com a valorização da simplicidade, do individualismo e habitação mínima e, com isso, salientaram-se os aspetos mais antropológicos e sociológicos da vivência no espaço; mencionou-se, ainda, que a privacidade e a família têm um peso enorme no que diz respeito ao desenvolvimento da identidade e, desta forma, a componente filosófica e psicológica da relação entre Homem-habitação afigurou-se como uma vertente profundamente relevante. Evidenciar essa evolução e o surgimento das distintas (porém indissociáveis) dimensões ditou uma linha condutora que é transversal aos conceitos multi-disciplinares na relação entre Homem-espaço e Homem-Habitar.

Uma casa é uma produção resultante da criação humana, e, portanto, a arquitetura deriva necessariamente das características culturais, económicas e geográficas que a envolvem. Tratar a casa como programa funcional, ideia que foi intensamente explorada e desenvolvida no século XX, seria expressamente errado, dado que a evolução desta é também fruto de fatores temporais, dando origem a mutações na organização, capacidade de adaptação e forma de habitar, no que é o programa funcional de uma casa.



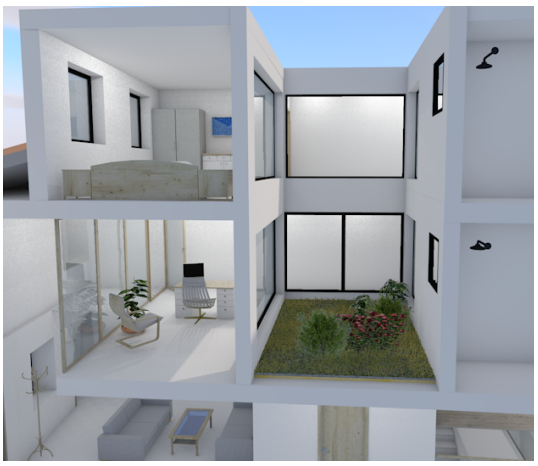


Fig. 103 (esquerda) - Imagem que ilustrar os diferentes pés-direitos da *kitchenette* e sala de jantar, sala de estar e quarto suite com varanda.
Fig. 104 (direita) - Imagem que representa as ligações em altura entre o escritório e a sala de receção e ainda o ambiente do pátio interior.

A compreensão da relação emocional com o espaço depende essencialmente de três fatores: o espaço, o ambiente e o Homem, que se completam e complementam de forma mútua, pois o homem apropria, transforma e adapta o espaço disponível, conformando assim um ambiente específico. Esta condição produtiva do homem responsabiliza-o enquanto criador: tanto no papel de Arquiteto, no momento da conceção do espaço e do seu ambiente, como no papel de habitante, que harmoniza e acomoda o ambiente desejado.

Na sequência da relação entre os três fatores que caraterizam a relação emocional com o espaço, estão também os conceitos que pode ser influenciadores em cadeia quando enquadrados com a habitação: o individualismo, como um valorizar do bem-estar psicológico para, consequentemente, um bom ambiente sociológico, respeitando o espaço pessoal e os momentos para a sua introspeção como o potenciar do desenvolvimento individual; a privacidade e intimidade individual e de casal para criação de barreiras físicas que vão para além de ambientes proporcionados para o efeito, como por exemplo um espaço próprio para escrita, trabalho e o quarto como um ícone funcional e fronteiriço no caso de prevenir momentos de aglomeração e hiperestimulação; a apropriação do espaço estando diretamente relacionada com a territorialidade, como uma transparência da identidade do indivíduo, depositada na organização do espaço funcional e plástico; o fator social de grupo ou familiar que no primeiro caso se trata de uma componente formal, de receção de visitas em atmosfera controlada pelos habitantes, e no segundo caso, a família, que é bastante mais complexa, controla o fator informal onde têm de estar associadas questões de equilíbrio como a aglomeração versus distância para uma responsabilidade afetiva positiva, para uma boa expressão emocional entre os vários intervenientes da família, uma aceitação familiar equilibrada e uma relativa capacidade de tomar decisões como um grupo. Este equilíbrio e ambiente favorável pode enaltecer a capacidade de permanência dos espaços de partilha, assim como a capacidade de total compartilhamento dos espaços pessoais de cada elemento.

As preocupações introduzidas neste trabalho, despoletadas pela abordagem multidisciplinar da Arquitetura, revelaram a importância da correlação entre o espaço pessoal, a privacidade e apropriação na sua ligação com fatores sociais (em grupo ou familiares). Assim, transportar essas dimensões na investigação e, consequentemente, no projeto de reabilitação, com o intuito de acompanhar a evolução dos modos de habitar e do quotidiano.

A proposta adotou a simplicidade dos espaços como mote de trabalho com o intuito de potenciar não só a capacidade de adaptação funcional, dentro e entre os espaços, como também o equilíbrio dos estímulos no contexto familiar e pessoal. Pretendeu ainda comprovar que a fragmentação (seja na horizontal, seja pela verticalidade, através dos vários





Fig. 105 (esquerda) - Ambiente da zona de trabalho: escritório e rede suspensa de descanso e contato em altura com sala de receção.
Fig. 106 (direita) - Ambiente do logradouro: são potenciados diferentes estímulos a nível do uso, que envolvem o espaço verde e a vegetação.

pés-direitos) enquanto estratégia de organização favorece positivamente os ambientes sociais e familiares, permitindo a continuidade entre as divisões e, simultaneamente, criando a privacidade e barreiras necessárias nos ambientes mais íntimos - algo que, na preexistência, era inexistente.

A par desta sequência, tornou-se imprescindível incluir espaços verdes no logradouro aptos para receber os mais variados eventos, incentivando assim a vários usos, ao mesmo tempo que se contagia o espaço interior com o verde graças ao pátio. Está comprovado[62] que ter plantas dentro de casa melhora a qualidade do ar, a gestão dos níveis de humidade, acústica e condensação, e ainda a diminuir as substâncias poluidoras do ar e mesma atitude se reflete na cidade com a criação e valorização dos espaços verdes, especialmente interpolando-os com o construído. No entanto, apesar das particularidades funcionais, as plantas têm mais consequências benéficas no que toca à sua proximidade com o homem e os casos de estudo da BonsonBonsai House e Armadale House também transpuseram essa ideia. Está provado que a presença de plantas gera os seguintes comportamentos: promove o bem-estar e concentração, sobretudo em locais de trabalho; apenas com a sua presença, consegue reduzir os níveis de stress; aumenta a produtividade ao proporcionar ambientes mais saudáveis. Para além de proporcionar uma grande variedade de cores e formas, a fisionomia de cada espécie auxilia o alívio de dores e o aumento dos níveis de conforto, tal como foi demonstrado no caso de estudo da Noruega[63]. A presença do elemento natureza é uma escolha do indivíduo, retratando um exemplo de apropriação móvel, mas, tratando-se de um ser vivo, é possível que a própria planta se aproprie do espaço, transformando-o e moldando-o das formas anteriormente descritas.

Por toda a pluralidade de valores demonstrada no projeto através da sua diversidade de usos, as respostas às problemáticas levantadas pela preexistência defendem, fundamentalmente, a melhoria das condições de salubridade, com o intuito de possibilitar ambientes equilibrados e comunicativos e, desta forma, enriquecer as condições de vida dos habitantes nas vertentes do lazer, trabalho, recreação e convívio.

Apropriar o espaço significa tomar um lugar como um ponto de referência, pois, como refere Fernando Távora, assim como "*Uma Arquitectura tem qualquer coisa de cada um porque ela representa todos, e exatamente será grande, forte, viva na medida em que cada um possa rever-se nela como um espelho denunciador das suas qualidades e defeitos.*"[64]. É esta possibilidade híbrida, de imaginar e colecionar momentos, que devem

---

[62] **LOHR, Virginia -** "What are the benefits of plants indoors and why do we respond positively to them?".

[63] *Idem.* Acerca de um caso de estudo que comprovou que num escritório, a presença de elementos naturais, fazia reduzir a fadiga, tosse e sintomas físicos de cansaço.

[64] **TÁVORA, Fernando -** "O problema da casa portuguesa". (p. 10).

despoletar a apropriação e criação dos espaços; e ela é tanto missão do arquiteto, que responde a um (ou vários) desejos, como constitui um verdadeiro desafio para esta profissão, na medida em que o arquiteto é também responsável pela disponibilidade que deixa no espaço para receber múltiplas vivências e tipos de apropriação.

Importa salientar que este trabalho pretende ser uma demonstração e transposição dos valores com os quais a autora se identifica, que se defende serem indissociáveis no processo projetual do Arquiteto. Demonstra, por um lado, que a Arquitetura será imprescindível das componentes social, pessoal e familiar que constituem os ambientes da habitação, e, por outro lado, ajudam a moldar a própria matéria física da Arquitetura, a forma, a apropriação fixa e móvel dos espaços e ainda os jogos de luz-sombra. Assim, o arquiteto é como um itinerante no imaginário dos espaços, com a particularidade de ter a habilidade necessária para a criação de ambientes, porque "*Viajamos nas emoções, perdemo-nos nas decisões conscientes de transformar os ambientes porque já são intrínsecos em nós próprios. Sou o que sou hoje por tudo o que gosto, não gosto, que me faz sentir e não faz. E por tudo o que sou, tudo o que transformo se torna meu.*"[65]. Ainda, no que diz respeito a responder à temática da reabilitação aliada à preocupação cada vez mais crescentes entre as relações famílias-individuo-ambiente que trouxe a pandemia covid-19, esta investigação pretende impulsionar outras visões e conceitos dentro do que é o reabilitar, podendo responder de forma depreciativa ao aproveitamentos das estruturas e fisionomia da casa quando esta põe em causa o bem-estar e qualidade da temática do habitar inerente à construção da habitação pretendida.

[65] "Autorreflexões sobre o Habitar". (p. 157, anexo 5)

REFERÊNCIAS E FONTES

Bibliografia

BARRACHO, Carlos; **DIAS, Maria João** - *O ESPAÇO e o HOMEM: Perspectivas Multidisciplinares*. Lisboa: Edições Sílabo Lda, 2010.

BERNARD, Yvonne - *Ménage et modes de vie*. Paris: Éditions de l'Aube, 1995.

BRUN, André - *Praxédes, mulher e filhos: cadastro d'uma família Lisboeta*. Lisboa: Guimarães e Ca., 1922.

DURISH, Thomas - *Peter Zumthor 1985-2013: buildings and projects* (vol. 3). Zurich: Verlag Scheidegger & Spiess, 2014.

FERNANDES, Francisco Barata - *Transformação e permanência na habitação portuense: As formas da casa na forma da cidade.* Porto: FAUP Publicações, 1999.

FONTOURA, Maria Girão - *Um olhar sobre a habitação corrente da cidade de Lisboa do século XX*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2008. Tese de mestrado em Estudos do Espaço e do Habitar em Arquitectura

FREITAS, Eugénio - *História e Património*. Vila do Conde: CMVC, 2001.

FREITAS, Eugénio - *Vila do Conde. As origens do topónimo. Tentativa de identificação*. In "Vila do Conde. Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila do Conde". Vila do Conde, 1961.

HALL, EDWARD T. - *A dimensão oculta*. Trad.: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'Água, 1986.

JANARRA, Pedro - *A política urbanística e de habitação social no Estado Novo*. Lisboa: ISCTE, 1995. Tese de Mestrado em Sociologia.

LINO, Raúl - *A nossa casa : apontamentos sobre o bom gosto na construção de casas simples*. Lisboa : s.n., 1923.

LINO, Raúl - *Casas Portuguesas : alguns apontamentos sobre o arquitectar das casas simples*. Lisboa: Cotovia, 1992.

LOPES, Nuno Lacerda - *Arquitectura e modos de habitar: conversas com arquitectos.* Vol. I -Eduardo Souto de Moura. Porto: CIAMH, 2012

Ministério do Ambiente e Ordenamento do Território - *Plano estratégico de Vila do Conde: programa Polis. Lisboa: Programa Polis, 2000.*

MIRANDA, Marta - *Vila do Conde,* in *Cidades e Vilas de Portugal.* Editorial Presença, 1998.

NORBERG-SCHULZ, Christian - L'abitare: l'insediamento, lo spazio urbano, la casa. Milano: Electa, 1984.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga - *Arquitectura Tradicional Portuguesa.* Lisboa: Dom Quixote, 2003.

PEREIRA, Sandra Marques - *Casa e Mudança Social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir de casa.* Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2012.

RASMUSSEN, Steen Eiler - *Experiencing Archiecture.* Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1977.

REIS, João dos - *Curiosidades da antiga Vila do Conde por um seu filho, o comandante João dos Reis*. Porto: Junta de Província do Douro Litorial, 1950.

SILVA, Mónica Azevedo - *O contributo de Mies van der Rohe para a Flexibilidade na Arquitectura Moderna.* Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2011. Dissertação de mestrado integrado.

SIZA, Álvaro - *01 Textos*. Porto: Civilização Editora, 2009.

TANIZAKI, Junichiro - *Elogio da Sombra*. Lisboa: Relógio de Água Editores, 1999.

TAUT, Bruno - *Una casa para habitar*. Navarra: Universidad, 2015.

TÁVORA, Fernando - *O problema da casa portuguesa*. Lisboa: Manuel João Leal, 1947.

TEIXEIRA, Joaquim Lopes - *Descrição do sistema construtivo da casa burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX : provas de aptidão pedagógica e capacidade científica.* Porto: FAUP, 2004.

TOSTÕES, Ana - *Habitar, pensar, investigar, fazer*. Lisboa: CEU, 2013.

TURNER, John - *Housing by people: Towards Autonomy in Building Environments.* New York: Pantheon Books, 1991.

ZUMTHOR, Peter - *Pensar a arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002.

Artigos

LIMA, Deyseane; **BOMFIM, Zulmira** - *Vinculação afetiva pessoa-ambiente: diálogos na psicologia comunitária e psicologia ambiental*. Fortaleza (Brasil): Universidade Federal do Ceará, 2009.

LOHR, Virginia I. - *What are the benefits of plants indoors and why do we respond positively to them?*. Pullman (USA): Washington State University, 2010.

THORNOCK, Carly; NELSON, Larry; PORTER, Chris; EVANS-STOUT, Cortney - *There's no place like home: The associations between residential attributes and family functioning*. Provo, UT (USA): Brigham Young University, 2019.

Índice e Crédito de Imagens

Figuras 3, 4, 5, 6, 7, 11 e 13 | *viladoconde.com*

Figura 8 | *cm.viladoconde.pt*

Figura 9 | *ine.pt*

Figuras 12, 14, 15, 16, 17 e 18 | *visitviladoconde.com*

Figuras 1, 2, 10 | Baseadas em iconografias e arquivo municipal digital da CMVC.

Figuras 19, 22, 23, 24, 27, 32, 34, 35, 37, 39, 40, 42, 49, 50, 51, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 99, 100 e 101 | Desenhos da autora.

Figuras 20, 21, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 43, 44, 45, 46, 47 e 48 | Trabalho Fotográfico da autora.

Figuras 36, 38 e 41 | Desenhos da proposta de ampliação do edifício de 1974-1975: autor desconhecido.

Figuras 52, 53, 54, 55, 56 e 57 | Do livro: **FERNANDES, Francisco Barata** - *Transformação e permanência na habitação portuense: As formas da casa na forma da cidade.*

Figura 58 | Cronologia desenhada pela autora.

Figura 59 | artlyst.com

Figuras 60, 61, 62, 63, 64, 65 e 66 | Do livro: **PEREIRA, Sandra Marques** - *Casa e Mudança Social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa a partir de casa.*

Figuras 67, 68 e 69 | Registos de leitura e reflexões do livro: **BARRACHO, Carlos**; **DIAS, Maria João** - *O ESPAÇO e o HOMEM: Perspectivas Multidisciplinares.*

Figura 70 | **THORNOCK, Carly; NELSON, Larry; PORTER, Chris; EVANS-STOUT, Cortney s** - *There's no place like home: The associations between residential attributes and family functioning*.

Figuras 71, 72 e 73 | Do livro: **DURISH, Thomas** - *Peter Zumthor 1985-2013: buildings and projects (vol. 3).*

Figuras 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82 e 83 | *archidaily.com*

Figuras 94, 95, 96, 97, 98, 99, 102, 103, 104, 105 e 106 | De autoria própria: extraídas de uma projeção em 3D.

Tabela 1 | Trabalho realizado pela autora.

ANEXOS

1 | Memória fotográfica do edifício no seu estado atual.

2 | Entrevista à moradora da fração B - Rua da Fraga n.º 119: Maria Manuela da Nova Caldelas.

3 | Projeto de ampliação do edifício (1972-1974) - autor desconhecido.

4 | Projeto da proposta de reabilitação.

5 | Auto-reflexões sobre *o Habitar*.

6 | Auto-reflexões sobre a toxicidade dos ambientes interiores VS a libertação nos ambientes exteriores: *Mudar de ares*.

1 Memória Fotográfica completa do edifico no seu estado atual

Vila do Conde

Maio de 2020







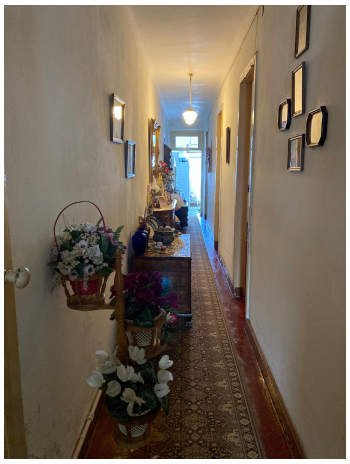








Rés-do-chão - Fração A











Fração B - entrada e rés-do-chão e 1º andar.










Fração B - 1º andar.









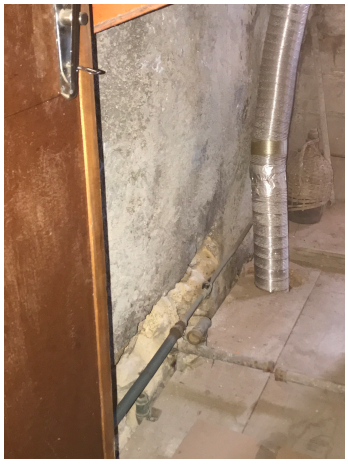




Fração B - 1º andar e 2º andar.







2 Entrevista a Maria Manuela da Nova Caldelas

Habitante da fração B que ocupa o rés-do-chão, o primeiro e segundo piso
Rua da Fraga n.º 119, 25 de Maio de 2020.

Entrevistada:
M. Manuela Caldelas

— Já nasceram e morreram aqui os mais antigos, já vai na quinta geração! Já era da minha avó, que veio do brasil. O teu pai nasceu naquele quartinho.

Entrevistadora:
Gabriela Craveiro

— Sente-se bem a viver nesta casa?

— É uma casa histórica, com boas caraterísticas, de boas famílias e referências e é capaz de ser a família mais antiga da rua.

— Então pode dizer que gosta de viver aqui?

— Exato, mas neste momento sinto que a casa é demasiado grande para uma pessoa sozinha como eu.

— Nas estações do ano com temperaturas mais extremas, como o verão e o inverno, sente que a casa se mantém com a temperatura equilibrada ou, pelo contrário, acompanha esse desconforto térmico?

— Esta casa é quente nas traseiras porque está virada ao mar, há sol quase todo o dia - o meu marido gostava de ficar na janela a ver o pôr-do-sol, as vistas são muito lindas. Já na frente da casa, é muito frio no inverno, e fresco no verão.

— Mas a tia lembra-se de algum problema que a casa possa ter tido? De obras que tiveram de ser feitas, ou infiltrações. As reformas que foram sendo feitas ao longo dos anos.

— Que acontecesse assim desgraças, que dessem assim muitas dores de cabeça mesmo aos teus avós, já houve sismos... mas a casa ficou sempre conservada. Reformas feitas por necessidades desse género, não houve, mas foi feito uma ampliação do último piso quando casei.

— E o anexo do terceiro piso, já existia desde que a tia se lembra, fazendo parte da casa?

— Já fazia parte da casa. Entretanto o que houve foram as tais obras, agora tem uma suite e antes não havia casa de banho, mas para não estar sempre a subir e descer escadas para a única casa de banho que antes existia, eu e o meu marido ficamos lá após o casamento e assim construímos uma ao lado do quarto do terceiro piso.

— E como era antes o terceiro piso, então?

—Havia uma escada mais estreita da mesma fisionomia desta que dá acesso ao segundo andar, mas era só sótão, os arrumos que ainda existem hoje que tem a pendente toda do telhado e do lado do quintal havia quatro degrauzinhos para uma janela donde tínhamos uma vista panorâmica.

— Tal como as obras do quarto de banho do segundo piso, o único quarto de banho da casa sempre foi assim?

—Não não, essa casa de banho já existia, o que aconteceu foi que no tempo do meu pai foi renovada e completa com o bidé e a banheira. Era à moda antiga, só tinha a sanita, o lavatório e uma bacia para nos lavarmos.

— E nesse tempo, já tinha a divisão considerada hoje de lavandaria?

— Não não, a gente para ir à casa de banho tinha de passar pela sala de jantar.

— Não tinha então este acesso a partir da cozinha?

— Não, antigamente a minha avó cozinhava a lenha, nós tínhamos uma lareira muito grande, toda em pedra, onde tínhamos um fogão com aqueles tachos de ferro antigos e cozinhávamos ali.

— Isso no tempo da sua avó.

— Sim, e depois quando a minha avó faleceu, o meu pai fez estas alteraçõezitas. A clarabóia já existia. Via-se tudo lá para cima.

— E a clarabóia, nunca lhe deu problemas de infiltrações?

— Não não, nada. No outro dia quando choveu muito tive só de mudar as caleiras, tudo novo, porque já tinha mais de 60 anos.

— E no piso de baixo. Neste momento mora lá a tia Maria, desde o início que mora lá uma pessoa que não era diretamente ligada à família?

— Morava lá um casal de velhotes, depois a tia Elisa. Antes esta casa tinha fossa, e depois isso teve de se mudar, teve-se de colocar esgotos exigidos pela câmara. Teve saneamento novo, e a parte debaixo também foi alterada.

— A parte mais exterior em contato com o quintal, tem uns cubículos que parece ter sido para criação de animais.

— A minha avó criou porquinhos, e essa parte é toda minha. A outra mais elevada é que é da tia Luísa. Não sei se aquele espaço era onde era a fossa, também não me recordo muito bem, sabes, eu tinha 10 anos.

— E do jardim, que recordações de infância é que tem de lá? Está muito diferente?

— O meu pai era alfaiate, às vezes ainda tinha tempo de ir para o quintal e nós criávamos muitos coelhos e algumas galinhas por baixo das escadas. O meu pai era muito agricultor, era ele que plantava as couves, estava sempre a dizer à minha mãe "olha as couvinhas, olha se compras as couves para plantar". O adubo não era adubo, era estrume, e o meu pai plantava... plantava batatas, feijão verde. Chegou a colher 7 arrobas de batatas.

— Mas o terreno do jardim sempre foi o mesmo certo?

— Sim sempre, e ele vai até ao outro lado, até à viela dos gatos. Foi sempre uma casa assim, e antes nós trabalhávamos do outro lado, e entrávamos por essa porta mesmo.

— E o poço, antes usava-se? Iam lá buscar a água?

— Até ao tempo do meu pai diz que chegou a tirar. O poço deve ter cento e tal anos.

— E a figueira, também é muito antiga?

— Sim era o tempo da minha avó já, também tínhamos uma ameixoeira que dava ameixas amarelas e punha-las nas gavetas das cómodas. É uma casa que dava para um museu, de tantas antiguidades. Ainda temos uma cama de ferro na arrecadação lá em cima.

— É um facto que as mudanças foram feitas ao longo do tempo, conforme a necessidade de reforma ou por conveniência.

— Mas lá para dentro todas as janelas são de origem, e nem pensar colocar isto novo, o antigo é que é bonito. Eu gosto das coisas antigas. E quando são boas, não acho bem pôr fora.

— E por exemplo, nas alturas festivas, na época de natal, onde passavam essas jornadas?

— A mesa da sala de jantar era da minha avó, ainda ali está. Mas a família era muito muito grande porque a minha avó teve muitos filhos. Esta casa era uma casa de asilo, de protetores, os filhos ficavam, as senhoras vinham para aqui trabalhar na renda de bilros, às vezes também vinham comer aqui a casa. A minha mãe não tinha muito, mas adorava partilhar e ajudar. Aqui era o acolhimento da família, e não precisava de ser páscoa nem natal. Vinha a família de Lisboa.

—Vocês também tinham muita ligação com a religião cristã, rezavam e reza muito pela salinha de estar da frente, que tem muitos santos.

— Sim, com a minha mãe as vezes eram onze da noite e ainda estávamos a rezar. Sobre religião, nós éramos muito ligadas. E tenho saudades desse tempo.

— E sempre teve boa relação com os vizinhos?

— Os vizinhos já morreram quase todos, mas quando éramos crianças andávamos sempre na rua, nós éramos criados na rua a brincar, não é como os miúdos de hoje em dia fechados em casa. Mas só íamos para a rua no sábado e no domingo, porque durante a semana tínhamos escola. Mas no Santo António fazíamos

fogueiras grandes para a rua toda aqui a beira da porta, era dançar, era cantar.

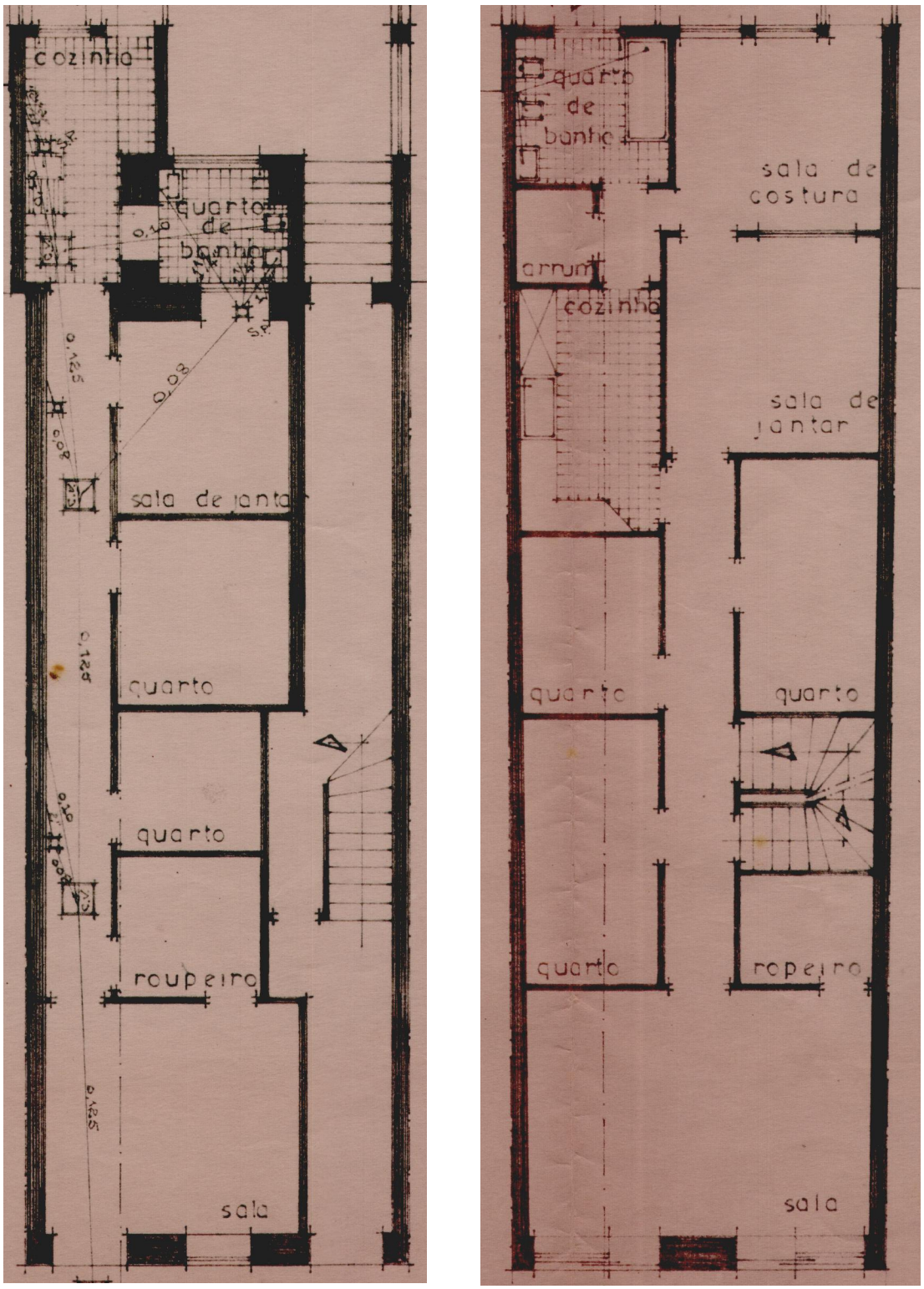
— Agora sente que os vizinhos são todos novos, que há muitas casas restauradas?

— Pois agora é tudo diferente, havia muita coisa bonita, havia muita coisa bonita.

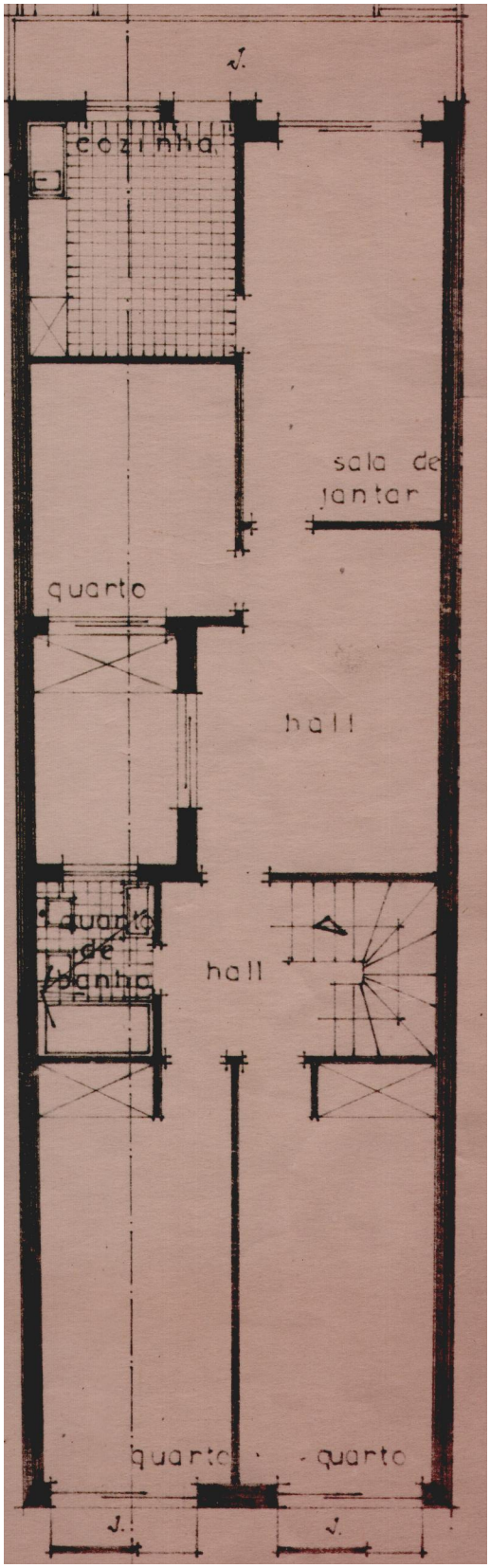
3 Projeto proposto para ampliação do edifício no 2º andar

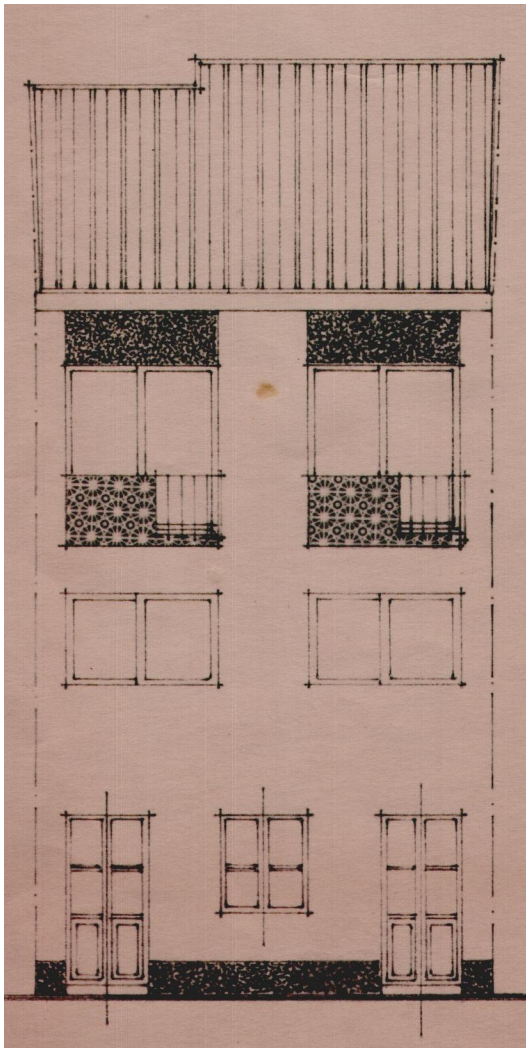
Autor desconhecido

1972-1974, escala 1:100

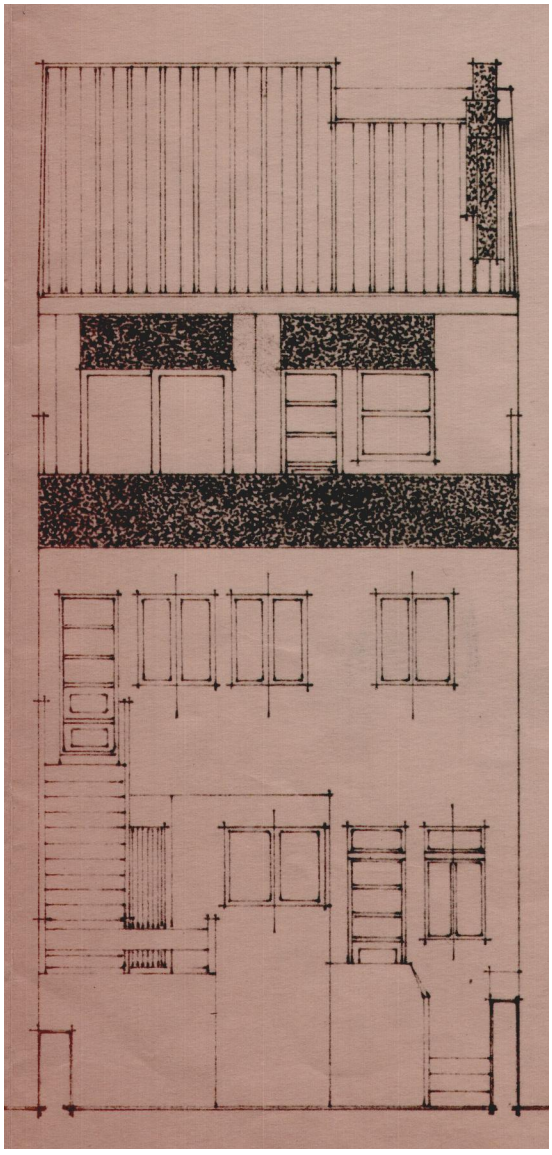


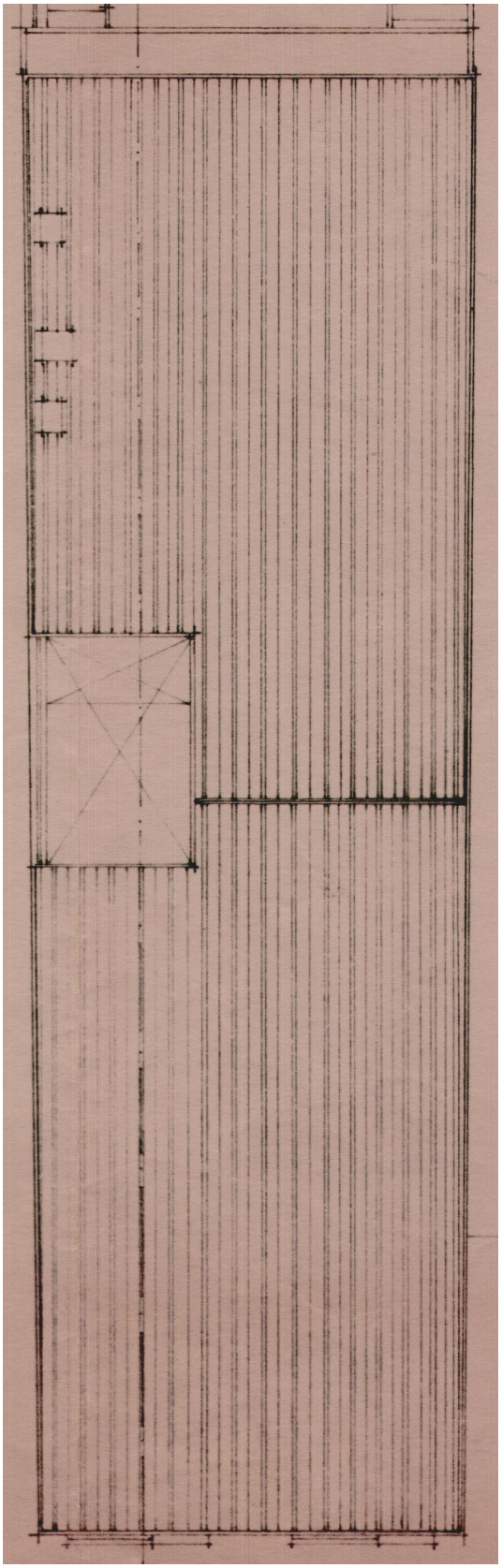
Planta do rés-do-chão e do primeiro andar (existente).



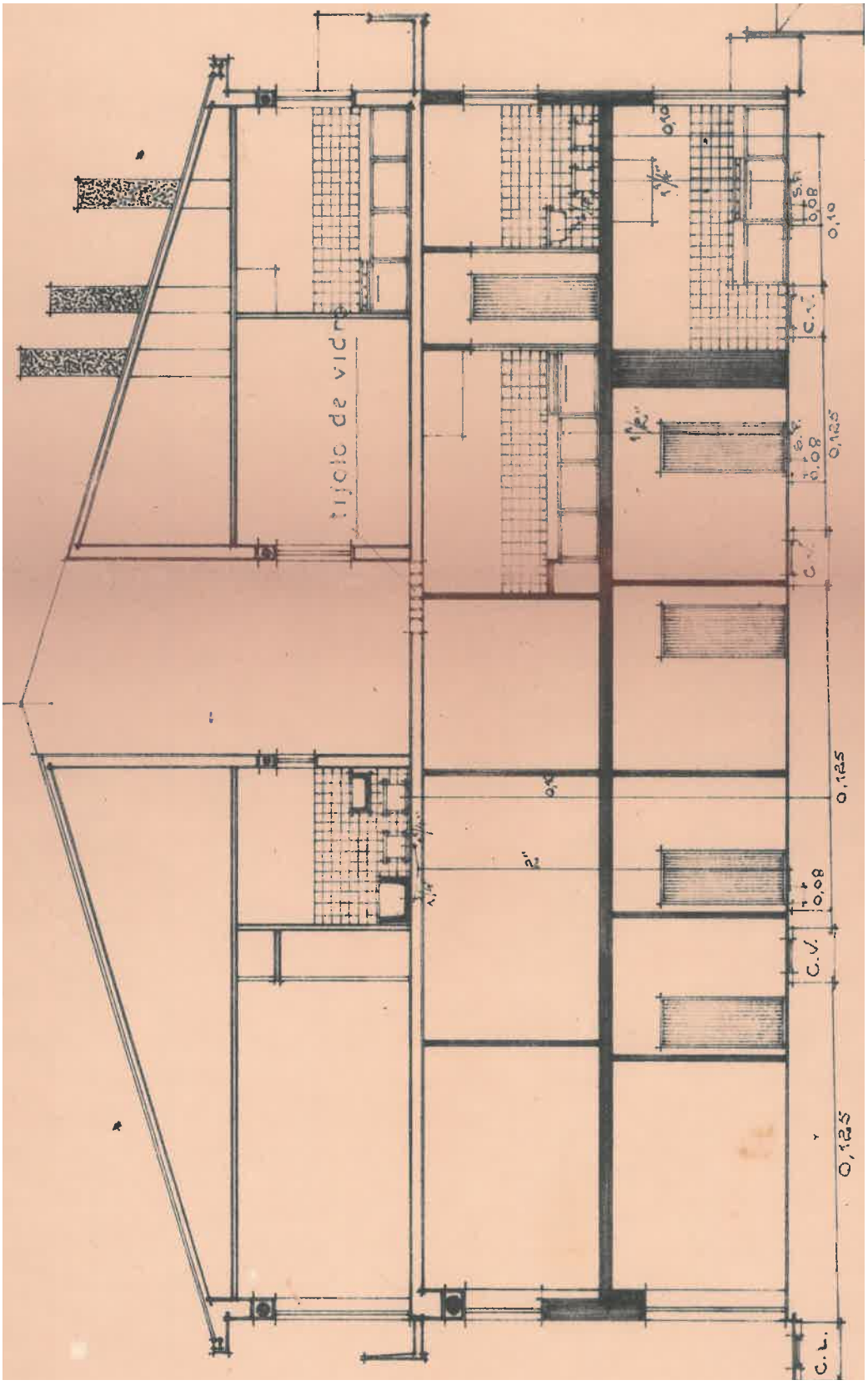


Planta do segundo andar (novo) e do Alçado Nascente (respetivamente).

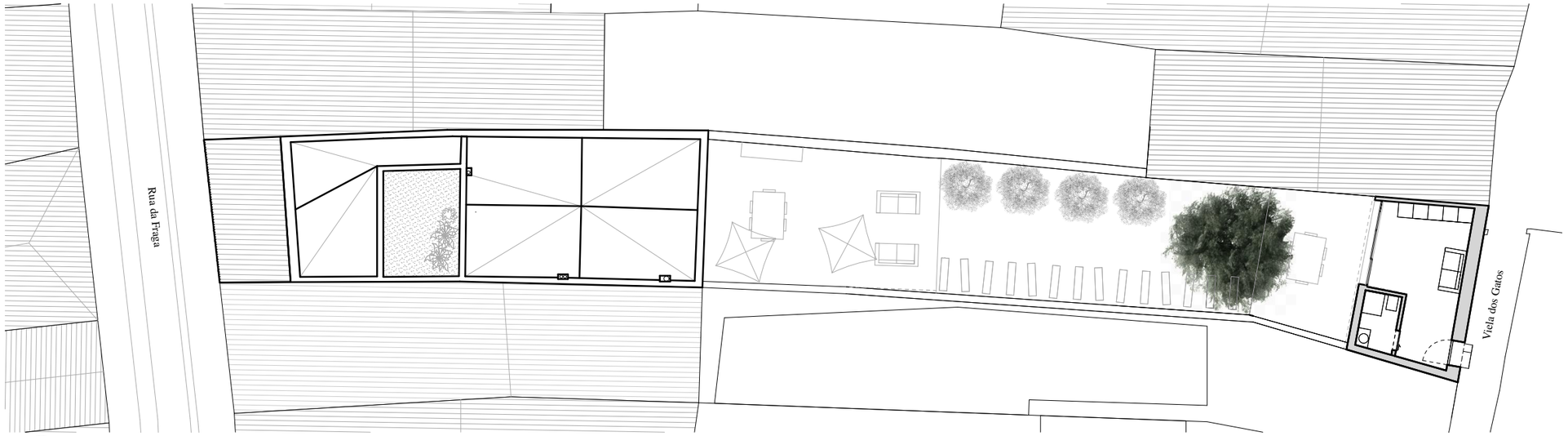




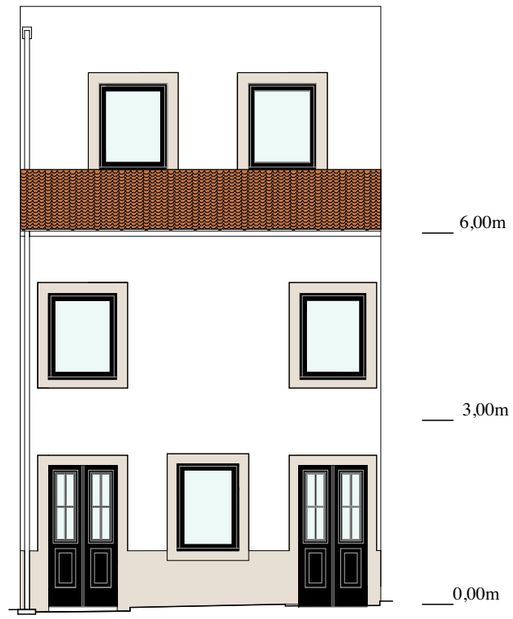
Alçado tardoz e planta de coberturas (respetivamente).



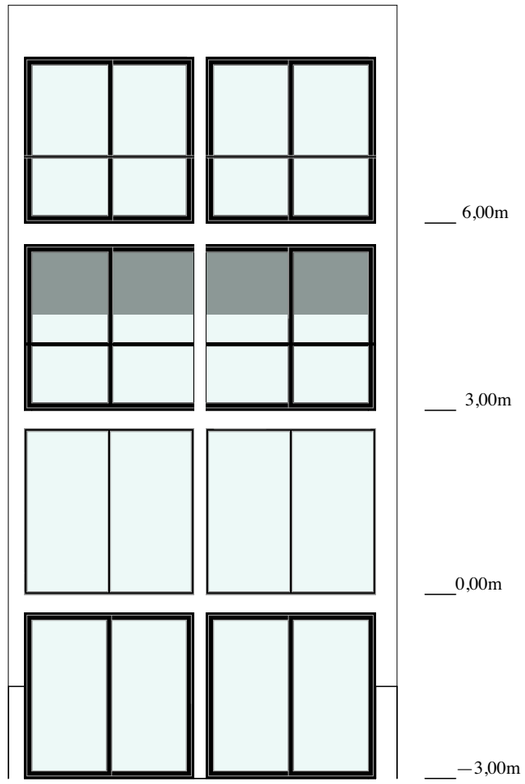
Corte longitudinal com o existente e novo.



PLANTA DE COBERTURAS COM CORTE NO NOVO ANEXO À ESCALA 1:200



ALÇADO FRONTAL À ESCALA 1:100 - RUA DA FRAGA



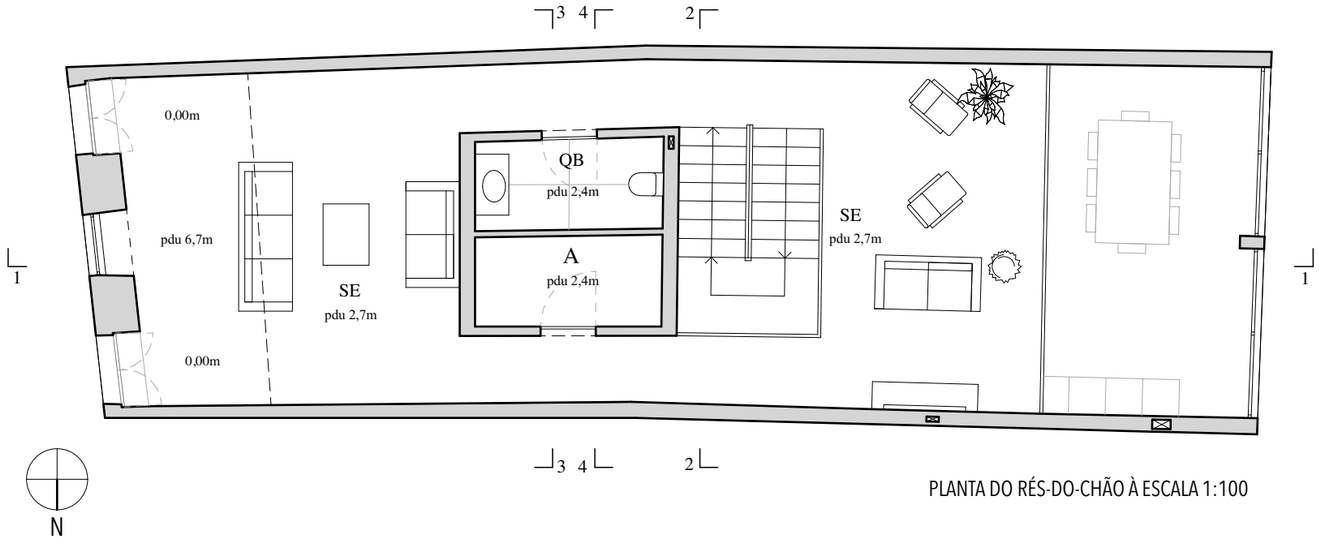
ALÇADO TARDOZ À ESCALA 1.100

ANEXO 4

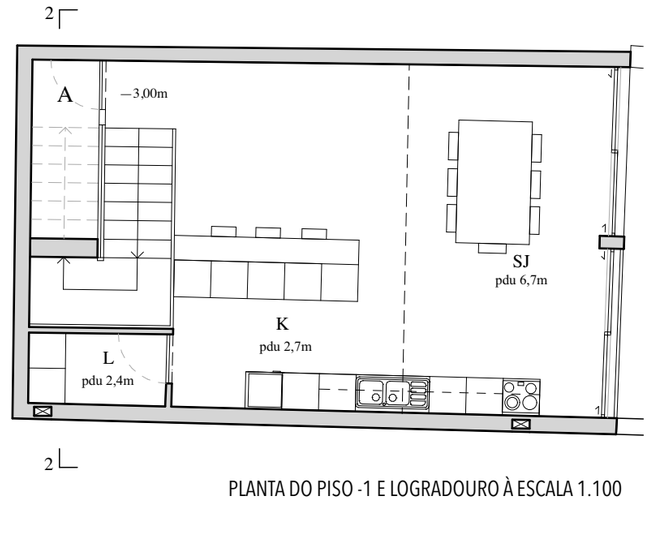
PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

EDIFÍCIO FRENTE DE RUA DA FRAGA
RUA TRASEIRAS VIELA DOS GATOS

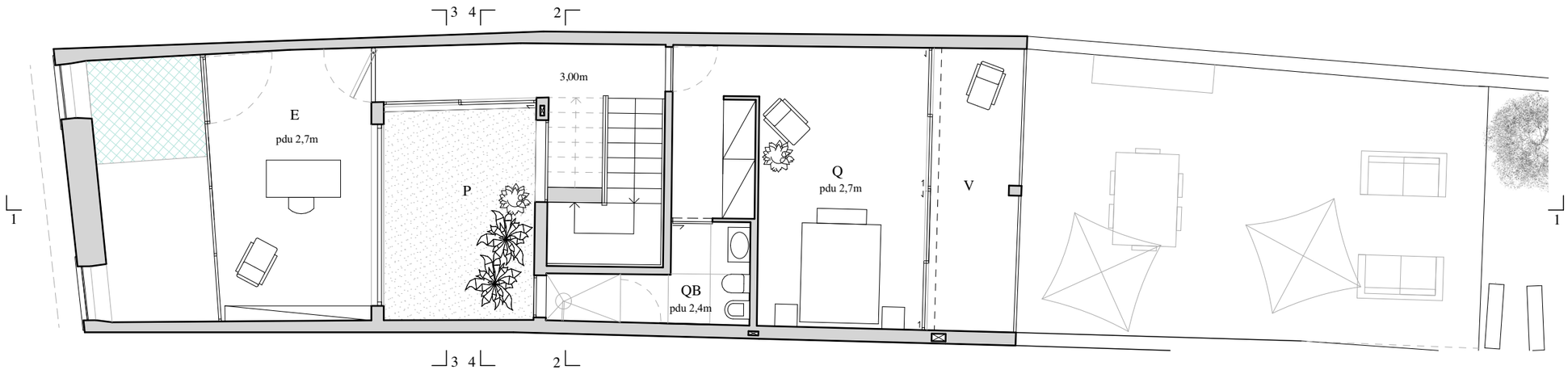
REABILITAÇÃO DE UM EDIFÍCIO EM
VILA DO CONDE
Processo de re-habitar no centro histórico
GABRIELA ALVES CALDELAS CRAVEIRO
DISSERTAÇÃO 2020/2021



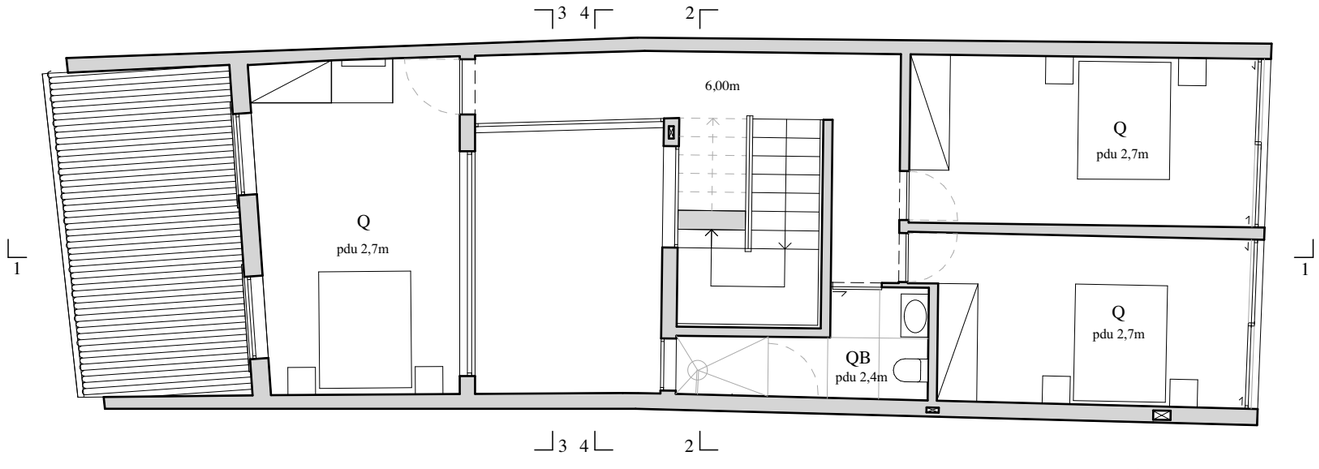
PLANTA DO RÉS-DO-CHÃO À ESCALA 1:100



PLANTA DO PISO -1 E LOGRADOURO À ESCALA 1.100



PLANTA DO 1º ANDAR À ESCALA 1:100



PLANTA DO 2º ANDAR À ESCALA 1:100

LEGENDAS:

A - ARRUMOS;
E - ESCRITÓRIO;
K - KITCHENETTE;
P - PÁTIO
Q - QUARTO;
QB - QUARTO DE BANHO;
S - SALA;
SJ - SALA DE JANTAR;
SE - SALA DE ESTAR;
V - VARANDA

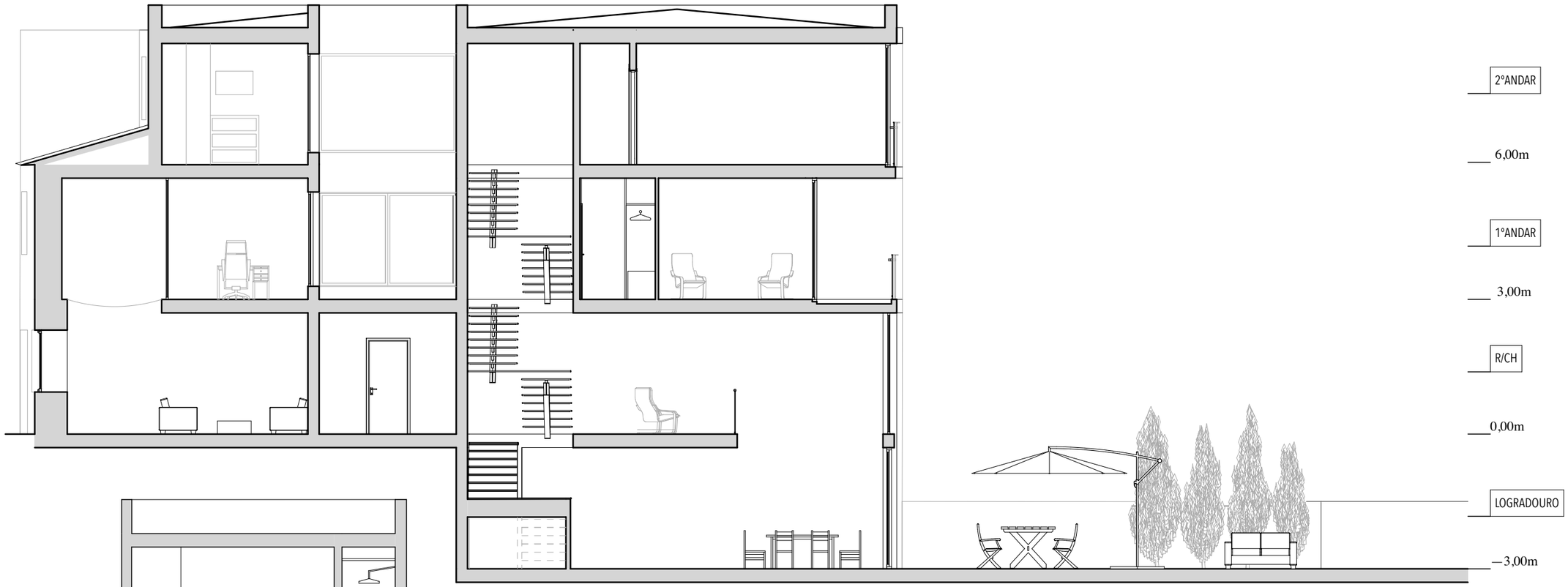
PAVIMENTAÇÃO:

QUARTOS DE BANHO: MÁRMORE BEGE POLIDO;
KITCHENETTE, SALA DE JANTAR E LAVANDARIA: SOALHO HIDRÓFOGO CLARO;
RESTANTE CASA: SOALHO DE PINHO COM ACABAMENTO SEMI-MATE.

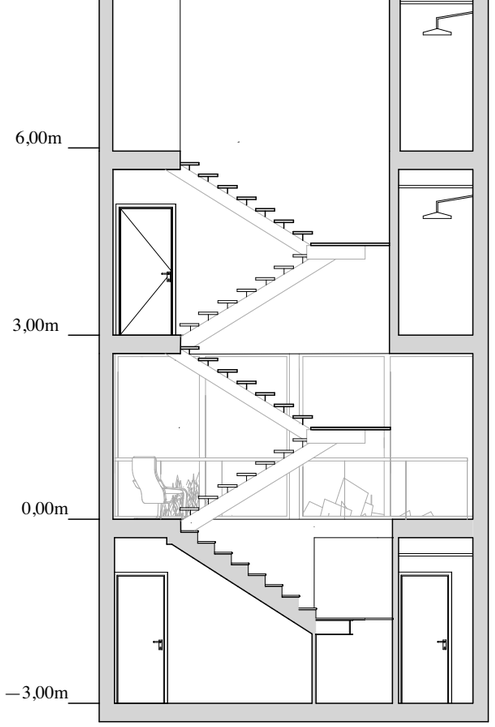
ANEXO 4

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

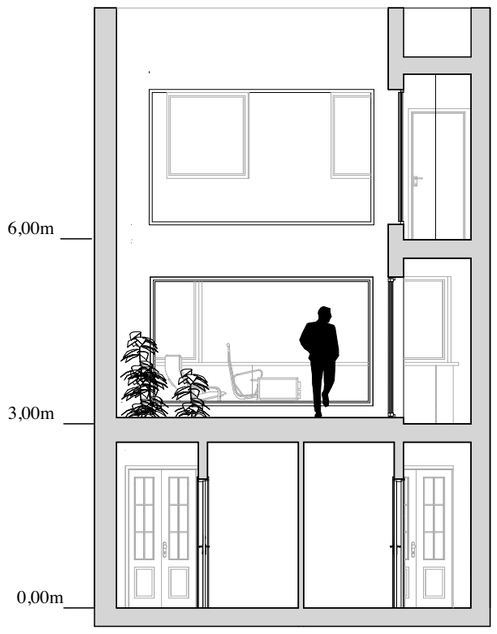
EDIFÍCIO FRENTE DE RUA DA FRAGA
RUA TRASEIRAS VIELA DOS GATOS
REABILITAÇÃO DE UM EDIFÍCIO EM VILA DO CONDE
Processo de re-habitar no centro histórico
GABRIELA ALVES CALDELAS CRAVEIRO
DISSERTAÇÃO 2020/2021



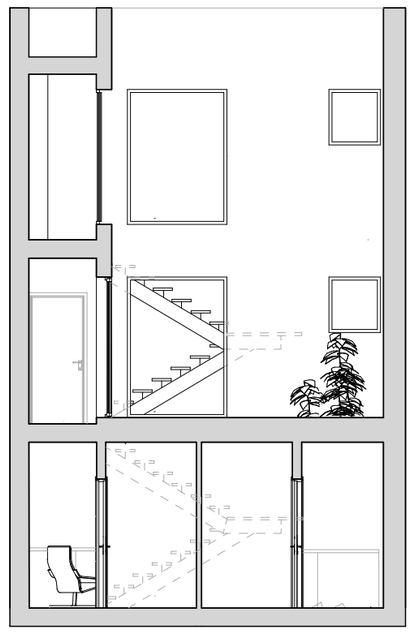
CORTE 1 LONGITUDINAL À ESCALA 1.100



CORTE TRANVERSAL 2 À ESCALA 1:100



CORTE TRANVERSAL 3 À ESCALA 1:100



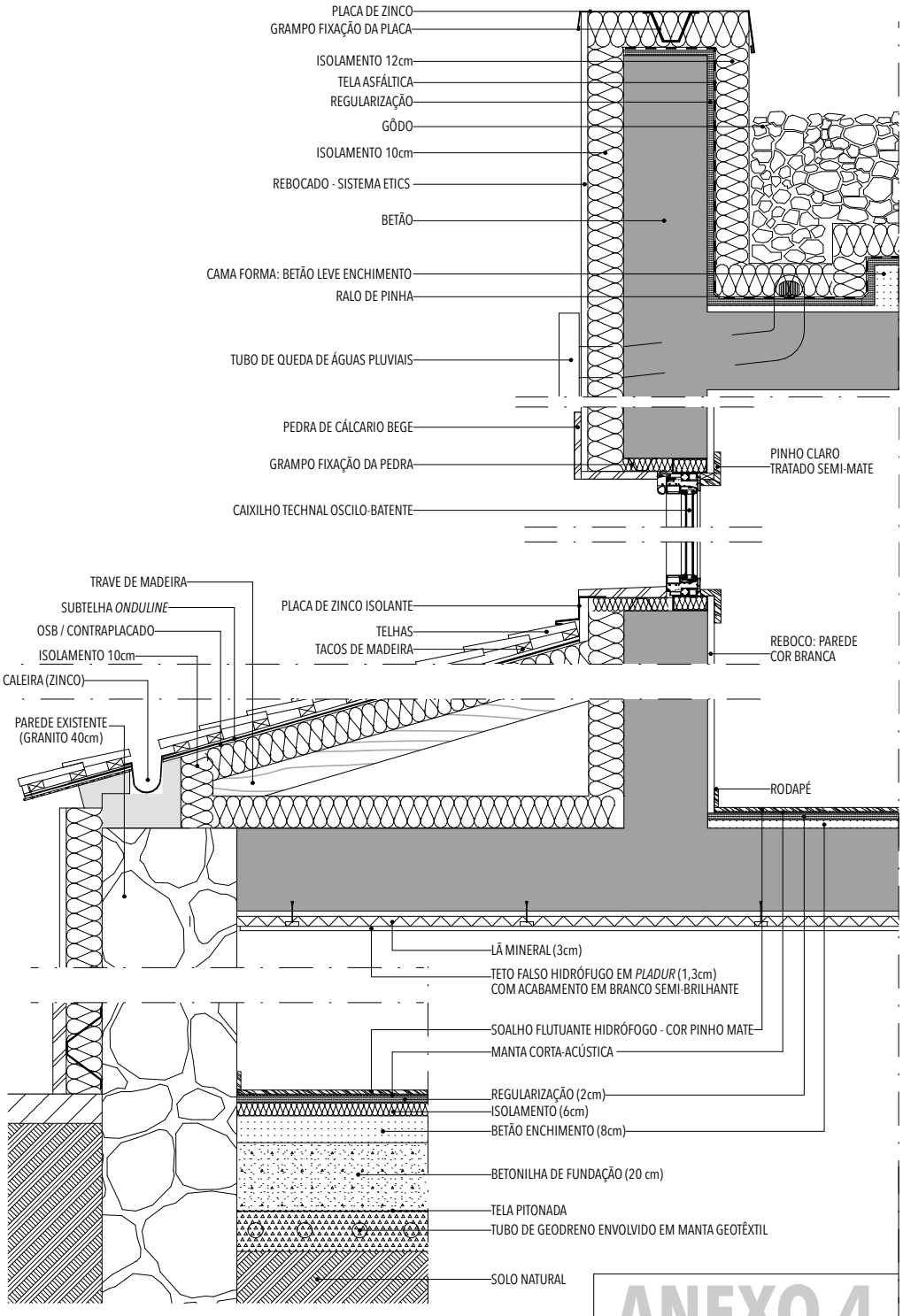
CORTE TRANVERSAL 4 À ESCALA 1:100

ANEXO 4

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

EDIFÍCIO FRENTE DE RUA DA FRAGA
RUA TRASEIRAS VIELA DOS GATOS

REABILITAÇÃO DE UM EDIFÍCIO EM
VILA DO CONDE
Processo de re-habitar no centro histórico
GABRIELA ALVES CALDELAS CRAVEIRO
DISSERTAÇÃO 2020/2021



ANEXO 4

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

CORTE CONSTRUTIVO À ESCALA 1:20
- FACHADA PRINCIPAL

5 Autorreflexões sobre *o Habitar*

De autoria própria.
1 de Maio de 2021.

Porque é que a casa consegue ser lugar, conforto, nossa?

Que fatores físicos nos proporcionam essa sensibilidade?

Talvez tudo o que seja palpável estará sempre indissociável de uma emoção perante os 5 sentidos. Quando entro em casa, tem um cheiro específico, o da minha casa. Quando entro em casa há uma luz especifica, porque já me afeiçoei ao reflexo da luz do pôr-do-sol nas janelas a passarem pelas cortinas, e assim criarem sombras nas paredes brancas. Quando entro em casa, descalço-me na madeira, as vezes sinto a areia da praia que trazemos ao fim-de-semana, mas adoro sentir o conforto do meu sofá. Quando entro em casa à hora do jantar, a minha mãe espera-me com a sua comida pronta, e não há nada melhor que a comida da mãe. Quando entro em casa, vou até à varanda ouvir o mar, com o burburinho de fundo dos meus pais a conversarem, sempre alto, com um entusiasmo só característico deles.

O que cheiro, o que vejo, o que sinto, o que saboreio e o que ouço, sabe sempre melhor quando estou em casa. Talvez venha também das memórias, porque outras casa onde vivi me deixam saudades, pelos momentos felizes, por ter crescido nela. E essa bagagem de conseguir chamar à próxima casa como minha, é algo transportável e de associação a outros espaços. Como foi em Italia, viver lá sozinha 6 meses e agora considerar outro sitio onde o meu coração pertence, porque me apropriei do pequeno espaço que tinha e chamei ao meu quarto de casa, de meu.

Para que servem as afeições a antigos espaços? A saudade que existem deles.

A saudade, para além de não dissipar, são valores ambientais aos quais nos adaptamos em tempos, e que passaram assim a fazer parte do que é considerado para mim algo requerido nos espaços onde vivo. Como por exemplo, gosto de cortinas compridas para maior filtro entre exterior-interior e gosto de sofás de tecido, porque os de pele não aconchegam. E quando vivi em Itália tentava sempre fazer pratos da minha mãe, para me levar até a casa no Porto.

Viajamos nas emoções, perdemo-nos nas decisões conscientes de transformar os ambientes porque já são intrínsecos em nós próprios. Sou o que sou hoje por tudo o que gosto, não gosto, que me faz sentir e não faz. E por tudo o que sou, tudo o que transformo se torna meu.

6 Autorreflexões sobre a toxicidade dos ambientes interiores *versus* a libertação nos ambientes exteriores: *Mudar de ares.*

De autoria própria.
23 de Março 2021.

Quantas vezes me senti sufocada no meu próprio espaço?

Um espaço que considero meu, a tornar-se cada vez mais pequeno, porque as minhas preocupações o fazem encolher.

Quantas vezes já aconteceu, termos um dia exaustivo de trabalho, e apenas ir jantar fora ou caminhar, renovar completamente o esforço negativo que tanto o corpo e mente se sujeitaram nesse dia?

Mudar de ares, de ambientes, de companhias, é essencial para nos sentirmos equilibrados relativamente aos estímulos a que nós próprios nos submetemos. Nós temos o poder de definir e escolher os ambientes que frequentamos. Tal como eu decoro o meu quarto com a minha cor preferida por uma questão de gostos, também tenho de colocar um sitio de trabalho ao canto para estar mais motivada para concretizar esses trabalhos. A necessidade surge, e mais tarde adaptamo-la sempre às nossas crenças e valores. Por isso é que aquele cantinho me motiva para trabalhar, porque já o tomei e transformei como meu.

E tal como estou no meu local de trabalho, aquele cantinho do quarto que criei para me motivar a estudar, também gostava de ter uma divisão física para o meu corpo e mente saber distinguir os momentos. Por isso é que para mim, sair de casa, é tão importante para conseguir respirar, para conseguir respeitar o tempo de paragem. Aí, a vida fica em suspenso para desenvolvimento do caratér que tenho construído ao longo da minha existência. São esses os momentos, e a ver o mar, que recarregam as energias que eu trago para os espaços. E já volto a trabalhar mais leve.

Se estamos bem connosco próprios, vamos estar bem com os outros. E para estarmos bem connosco, as vezes só precisamos de respirar, saber respeitar o tempo e espaço para respirar.